

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LÍVIA GUIMARÃES DA SILVA

AS VISÕES DE AMOR NA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS:
ESTUDO ESTILOMÉTRICO

TERESINA

2014

LÍVIA GUIMARÃES DA SILVA

AS VISÕES DE AMOR NA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS:
ESTUDO ESTILOMÉTRICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Saulo Cunha de Serpa Brandão.

TERESINA

2014

LÍVIA GUIMARÃES DA SILVA

AS VISÕES DE AMOR NA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS: ESTUDO
ESTILOMÉTRICO

Aprovada em: ____/ ____/ 2014

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Wander Nunes Frota (UFPI)

Prof. Dra. Marly Gondim Cavalcanti Souza (UESPI)

Prof. Dr. Francisco Wellington Borges Gomes (UFPI)

Prof. Dra. Maria Elvira Brito Campos (UFPI)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
COORDENAÇÃO DO PPGEL – MESTRADO EM LETRAS
Campus Universitário Petrônio Portela – Bairro Ininga – Teresina-PI
CEP: 64049-550 – e-mail: posletras@gmail.com – Fone (086) 3215 5942
site: www.ufpi.br/ppgel



**ATA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM LETRAS,
ÁREA ESTUDOS LITERÁRIOS, DO(A) ALUNO(A)
LÍVIA GUIMARAES DA SILVA**

Aos onze dias do mês de abril do ano de dois mil e quatorze, às quinze horas, em sessão pública, na Sala de Vídeo II do Centro de Ciências de Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, na presença da Banca Examinadora, composta pelos docentes: Prof. Dr. Wander Nunes Frota - UFPI (Presidente), Profa. Dra. Marly Gondim Cavalcanti Souza - UESPI (Examinadora Externa), e o Prof. Dr. Francisco Wellington Borges Gomes - UFPI (Examinador Interno), iniciaram-se os trabalhos de avaliação para a obtenção do Grau de Mestre em Letras (Área de Concentração em Estudos Literários), pelo(a) mestrando(a) **LÍVIA GUIMARAES DA SILVA**. Os examinadores, observando o tempo regulamentar, arguiram o candidato sobre a Dissertação apresentada, intitulada **AS VISÕES DE AMOR NA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS: ESTUDO ESTILOMÉTRICO**. Após a arguição, foi suspensa a sessão pública e a Comissão Examinadora reuniu-se, em sessão secreta, para a atribuição de pareceres. De acordo com o Regimento Interno do Curso de Mestrado em Letras, o(a) Mestrando(a) foi considerado(a) APROVADO(A), fazendo jus ao título de Mestre em Letras. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente Ata, que será assinada pelos Membros da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. Wander Nunes Frota - UFPI (Presidente)

Profa. Dra. Marly Gondim Cavalcanti Souza - UESPI (Examinadora Externa)

Prof. Dr. Francisco Wellington Borges Gomes - UFPI (Examinadora)

Teresina, 11 de abril de 2014

AGRADECIMENTOS

Peço licença à formalidade para expressar minha imensa gratidão:

Ao meu orientador, Prof. Dr. Saulo Cunha de Serpa Brandão, pela paciência, incentivo e oportunidade;

A Capes, pela bolsa de estudos concedida;

À toda equipe do MEL;

Aos professores que aceitaram participar dessa banca;

A todos os professores que tive, pois foram responsáveis pela minha escolha profissional e por minha trajetória acadêmica;

À família NUPLID, especialmente Diêgo e Samara pelas discussões que contribuíram para a realização desse trabalho;

Ao grupo de estudos filosóficos do prof. Dr. Luizir de Oliveira, pelas discussões e “terapia de alto nível”;

À minha mãe, pelo apoio e por seu exemplo de vida;

Ao meu irmão, pelo companheirismo que sempre tivemos;

Sem citar nomes, agradeço a TODOS os meus grandes amigos, que me apoiaram direta ou indiretamente nessa jornada tão importante;

A Augusto dos Anjos, por sua *singularis persona*,

Às pedras do caminho, que serviram para me deixar mais forte;

Vocês não passaram na minha vida por acaso...

Muito Obrigada!

Rugia nos meus centros cerebrais
A multidão dos séculos futuros
– Homens que a herança de ímpetos impuros
Tornara etnicamente irracionais! –

Não sei que livro, em letras garrafais,
Meus olhos liam! No húmus dos monturos,
Realizavam-se os partos mais obscuros,
Dentre as genealogias animais!

Como quem esmigalha protozoários
Meti todos os dedos mercenários
Na consciência daquela multidão...

E, em vez de achar a luz que os Céus inflama,
Somente achei moléculas de lama
E a mosca alegre da putrefação!

(Augusto dos Anjos)

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo a construção de um panorama que revele como ocorre o processo de desenvolvimento das visões de amor ao longo da produção poética de Augusto dos Anjos, a partir da análise semântica do lexema *amor* e palavras correlacionadas a ele no *corpus* poético augustiano. Inicialmente, realizou-se um estudo sobre o surgimento e as definições atribuídas à estatística textual, assim como as vantagens que ela possibilita aos estudos literários. Em seguida, fez-se uma abordagem da fortuna crítica de Augusto dos Anjos, a qual teve como aporte o ensaio *Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina*, de Ferreira Gullar (1978), os textos críticos do livro *Augusto dos Anjos: obra completa*, de Alexei Bueno (2004) e a obra *Augusto dos Anjos e sua época*, de Humberto Nóbrega (2012). Além desse estudo, foi necessário um apanhado histórico do fim do século XIX e início do século XX, com o intento de compreender o reflexo das correntes estéticas vigentes no período em que Augusto dos Anjos publicou seus poemas. O passo seguinte consistiu na obtenção de dados lexicométricos, com o auxílio do *software Lexico3*, o qual permitiu uma análise e interpretação das visões de amor na produção literária augustiana, tendo como parâmetro a abordagem filosófica platônica e schopenhaueriana para a compreensão do tratamento que Augusto dos Anjos destinou ao tema em sua poesia. Diante dos dados encontrados, conclui-se que até mesmo Augusto dos Anjos, reconhecido como poeta da dor e da amargura, voltou-se à temática do amor em algum momento de sua produção poética e que apresentou visões que alternam-se de diferentes modos, a depender da época de publicação de seus poemas.

Palavras-chave: Lexicometria. Augusto dos Anjos. Amor.

ABSTRACT

This paper aims at building a panorama that reveals how the development process of visions of love occurs along the poetic production of Augusto dos Anjos, from the semantic analysis of the lexeme love (*amor*) and words correlated to it in his poetic corpus. Initially, the study on the emergence and definitions assigned to textual statistics was carried out, as well as the advantages it provides to literary studies. Then, it was taken an approach to the critical fortune of Augusto dos Anjos, which had a contribution from the work *Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina*, by Ferreira Gullar (1978), the critical texts from the book *Augusto dos Anjos: obra completa*, by Alexei Bueno (2004) and the work *Augusto dos Anjos e sua época*, by Humberto Nobrega (2012). Besides this study, a historical overview of the late nineteenth century and early twentieth century was necessary, with the aim of understanding the reflection of the prevailing aesthetic currents in the period in which Augusto dos Anjos published his poems. The next step was the obtainment of lexicometric data, with the aid of the software *Lexico3*, which allowed an analysis and interpretation of the visions of love in the literary production of Augusto dos Anjos, taking as a parameter the philosophical approach of Plato and Schopenhauer to understand the treatment Augusto dos Anjos assigned to the theme in his poetry. Given the findings, it is concluded that even Augusto dos Anjos, recognized as a poet of pain and sorrow, turned to the theme of love at some point in his poetry and presented views that alternate in different ways, depending on the time of publication of his poems.

Keywords: Lexicometry. Augusto dos Anjos. Love.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Comportamento do lexema <i>amor</i> e suas flexões verbais no livro <i>Eu</i>	58
Gráfico 2 – Comportamento do lexema <i>amor</i> e de suas flexões verbais no livro <i>Outras poesias</i>	67
Gráfico 3 – Comportamento do lexema <i>amor</i> e de suas flexões verbais em <i>Poemas esquecidos</i>	71
Gráfico 4 – Comportamento do lexema <i>amor</i> e de suas flexões verbais em <i>Poemas dispersos</i>	78
Gráfico 5 – Frequência do lexema <i>amor</i> e de suas flexões verbais na obra poética de Augusto dos Anjos	85
Gráfico 6 – Frequência das visões de amor no <i>corpus</i> poético de Augusto dos Anjos.....	88
Gráfico 7 – Cronologia das visões de amor ao longo da produção poética de Augusto dos Anjos.....	90
Quadro 1 – Legenda do gráfico referente ao livro <i>Eu</i>	59
Quadro 2 - Legenda do gráfico referente a <i>Outras poesias</i>	67
Quadro 3 - Legenda do gráfico referente ao livro <i>Poemas esquecidos</i>	72
Quadro 4 - Legenda do gráfico referente a <i>Poemas dispersos</i>	78
Quadro 5 – Legenda do gráfico cronológico das visões de amor na obra poética augustiana (1900-1908)	91
Quadro 6 – Legenda do gráfico cronológico das visões de amor na obra poética augustiana (1914).	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de formas e palavras <i>hapax</i> encontradas em <i>Eu</i>	57
Tabela 2 – Relação do lexema <i>amor</i> e de suas flexões verbais no livro <i>Eu</i>	57
Tabela 3 - Número de formas e palavras <i>hapax</i> encontrados em <i>Outras poesias</i> :.....	64
Tabela 4 - Relação do substantivo <i>amor</i> e de suas flexões verbais em <i>Outras poesias</i> :.....	66
Tabela 5 - Número de formas e palavras <i>hapax</i> encontrados em <i>Poemas esquecidos</i>	70
Tabela 6 - Relação do substantivo <i>amor</i> e de suas flexões verbais em <i>Poemas esquecidos</i> :...	70
Tabela 7 - Número total de formas e palavras <i>hapax</i> encontradas em <i>Poemas dispersos</i>	76
Tabela 8 - Relação do substantivo <i>amor</i> e de suas flexões verbais em <i>Poemas dispersos</i>	77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ESTILOMETRIA.....	13
1.1 O QUE DIZIAM OS ANTIGOS: ORIGENS DA ESTATÍSTICA TEXTUAL.....	13
1.2 SOBRE ESTILO, ESTILÍSTICA E ESTILOMETRIA	15
1.3 A ESTATÍSTICA COMO APOIO AO TEXTO LITERÁRIO.....	19
2 SOBRE A POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS	22
2.1 A VOZ DA CRÍTICA	22
2.2 CORRENTES ESTÉTICAS DO FIM DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX ..	31
2.2.1 Augusto dos Anjos: reflexo de uma época	36
2.3 AUGUSTO DOS ANJOS SOB UM NOVO OLHAR: O AMOR EM SUA POESIA	40
2.4 BREVES CONSIDERAÇÕES FILOSÓFICAS SOBRE O AMOR.....	45
2.4.1 Concepção Platônica.....	46
2.4.2. Concepção Schopenhaueriana	49
3 O AMOR TRATADO PELO VIÉS DA ESTATÍSTICA LITERÁRIA.....	53
3.1 APLICAÇÃO DO <i>LEXICO3</i> NO <i>CORPUS</i> ESTUDADO.....	53
3.2 O LEXEMA <i>AMOR</i> E SUAS FLEXÕES VERBAIS: LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE DADOS	56
3.2.1 Dados lexicométricos encontrados em <i>Eu</i>	57
3.2.2 Dados lexicométricos encontrados em <i>Outras poesias</i>	64
3.2.3 Dados lexicométricos encontrados em <i>Poemas esquecidos</i>	70
3.2.4 Dados lexicométricos encontrados em <i>Poemas dispersos</i>	76
3.3 ANÁLISE DAS VISÕES DE AMOR NO <i>CORPUS</i> POÉTICO AUGUSTIANO	85
3.4 PANORAMA DAS VISÕES DE AMOR NA PRODUÇÃO POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS	99

INTRODUÇÃO

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos é indiscutivelmente um dos grandes poetas da literatura brasileira, aclamado pela excentricidade de seus versos, pela força de sua poesia, e por suscitar a veemência dos sentimentos humanos, ao se referir, sobretudo, à dor que este homem carrega em vida. O fato é que sua poesia é marcadamente atemporal, por chamar atenção do público em geral, independente da época na qual se encontra.

Reconhecido pela crítica como o poeta da dor, Augusto dos Anjos dá ênfase à angústia, à amargura e à anulação do ser em sua poesia, que se caracteriza como poesia de negação à vida e aos amores fúteis. Críticos como Ferreira Gullar (1978), Órris Soares (2005), Alfredo Bosi (2006), dentre outros, destacam a visão pessimista e repugnante apresentada na poesia de Augusto dos Anjos em relação ao amor. Além do livro *Eu*, única obra organizada em vida, em 1912, Augusto dos Anjos escreveu outros poemas publicados somente após sua morte. Com o estudo de toda a obra poética de Augusto dos Anjos e apoiados pela análise estatística e semântica, propomos mostrar as variações da percepção do sentimento amor em sua obra.

Essa dissertação tem por objetivo analisar e interpretar as visões de amor no *corpus* poético de Augusto dos Anjos com o intento de construir um panorama que revele o comportamento do lexema *amor* e o processo evolutivo das visões desse sentimento na poesia augustiana. O trabalho dá continuidade ao projeto de Iniciação Científica, o qual a autora da pesquisa participou no período 2009/2010, desenvolvendo o projeto *Estilometria Informática: o amor na poesia de Augusto dos Anjos*, sob a orientação do Prof. Dr. Saulo Cunha de Serpa Brandão.

Para a realização dessa pesquisa, utilizamos a estilometria, método de estudo estilístico que vem ganhando visibilidade em função dos avanços da informática. Essa nova abordagem estilística contribuiu para uma maior compreensão da obra desse singular poeta da literatura brasileira. Neste projeto, demos continuidade às análises estatísticas com o suporte do *software Lexico3*¹, programa de estatística textual desenvolvido para auxiliar na exploração de textos. Em seguida, selecionamos poemas que apresentam o lexema *amor*, levando em conta a data de publicação dos mesmos. Para isso, utilizamos o livro *Augusto dos*

¹Programa de estatística textual desenvolvido pela equipe YLED-CLA2T, da Universidade de *Sorbonne nouvelle-Paris3*. As diferentes versões do aplicativo podem ser encontradas gratuitamente no sítio: <<http://www.cavi.univ-paris3.fr/ilpga/ilpga/tal/lexico>>.

Anjos: poesia e prosa, de Zenir Campos Reis (1977), que contém a data de publicação de todos os poemas, registrados entre 1900 e 1914.

No primeiro capítulo, organizamos um breve apanhado histórico sobre a origem dos estudos quantitativos em textos literários, a partir de conceituações sobre estilo e estilística apontadas por alguns críticos da área. Só assim seria possível formular uma definição de estilometria, e por fim, tratarmos da estatística textual, nos referindo aos avanços que ela possibilita aos estudos literários, ao contribuir de forma significativa para a investigação estilística de determinado autor ou escola literária.

O segundo capítulo apresenta um estudo sobre Augusto dos Anjos, a partir de um levantamento do que é estabelecido pela crítica literária em relação ao poeta e sua obra, à época em que ele produziu e às correntes literárias e filosóficas vigentes no período de sua produção poética. Na elaboração deste capítulo, nos apoiamos nos textos disponibilizados no livro *Augusto dos Anjos: Obra Completa*, de Alexei Bueno (2004), por reunir uma relevante fortuna crítica, de caráter histórico e biográfico acerca da produção poética de Augusto dos Anjos. Direcionamos outra parte deste capítulo à abordagem da definição filosófica de amor pelo viés platônico, com a utilização da obra *O Banquete* (1987), e schopenhaueriano, por meio do livro *Metafísica do amor* (2000), com o intuito de apresentar duas acepções antagônicas importantes para a compreensão do tratamento que Augusto dos Anjos destinou ao tema em sua poesia.

O terceiro capítulo constitui a parte prática desse trabalho, tanto pela função realizada pelo *software Lexico3*, quanto pela análise e interpretação de dados por parte do pesquisador. Nele, analisamos o comportamento do lexema *amor*, investigado estatisticamente por meio de números e gráficos, até chegarmos à análise semântica de cada palavra encontrada e de suas variantes no *corpus* poético de Augusto dos Anjos. A realização desse processo por intermédio da estatística textual foi viável para mostrarmos as visões de amor na obra poética de Augusto dos Anjos e com isso, formularmos um panorama do processo evolutivo desse sentimento em sua poesia, tendo como referência a data de publicação dos poemas.

Ainda neste capítulo, discutimos se Augusto dos Anjos, reconhecido como o poeta da dor, também falou de amor em sua poesia, com que frequência e de que modo. Certamente que essa última questão somente pôde ser respondida por meio da interpretação e análise de dados estilométricos fornecidos pelo programa. E por fim, nos propomos em sistematizar um panorama do processo de desenvolvimento dessas possíveis visões de amor na poesia de Augusto dos Anjos.

A grande motivação dessa pesquisa consiste na busca por traços estilísticos ou informações que, por ventura, tenham passado despercebidas nos manuais de literatura. Neste caso, fundamenta-se especificamente na investigação do comportamento do lexema *amor* na obra poética de Augusto dos Anjos, com a finalidade de verificar se a atribuição de amor apontada por parte da crítica literária é realmente característica determinante de sua poesia.

Consideramos a eficácia da aplicação estatística a este trabalho, visto que por meio dos dados levantados e auxiliados pela estatística textual, pudemos questionar o que já se encontra definido pela crítica literária. É importante ressaltar que a estatística textual vem contribuindo significativamente para a maior precisão dos estudos estilísticos em textos literários. Trabalhos como este, voltado à estilometria, vêm expandindo-se cada vez mais. Como exemplo citamos os desenvolvidos em nosso grupo de pesquisa, NUPLID - Núcleo de Pesquisa em Literatura Digitalizada, da UFPI, em parceria com pesquisas realizadas no NUPILL - Núcleo de Pesquisa em Informática, Linguística e Literatura, grupo da UFSC.

1 ESTILOMETRIA

1.1 O QUE DIZIAM OS ANTIGOS: ORIGENS DA ESTATÍSTICA TEXTUAL

Nesta seção, pretendemos fazer uma breve contextualização histórica da estatística textual, abordando também sua origem e aplicação em textos literários, tendo como referência o livro *The computation of style*, de Anthony Kenny (1982), pois este apresenta um recorte histórico do que já foi desenvolvido nessa área de estudo.

O estudo estatístico de textos não é prática tão recente, visto que já foi utilizado para testar a autenticidade da autoria de textos no século XIX. Segundo Kenny (1982), o primeiro estudo quantitativo é datado em 1851, quando Augustus de Morgan questionou a autenticidade de alguns escritos de São Pedro. Ele sugeriu que se verificasse a autenticidade dos escritos através da investigação da média do comprimento das palavras usadas nas Epístolas atribuídas ao apóstolo.

Kenny (1982) afirma que o pesquisador norte-americano Mendenhall, em 1887, foi a primeira pessoa que realmente testou a extensão de palavras, distinguindo suas características, quando este já defendia o pressuposto de que todo mundo apresenta uma única palavra que caracteriza seu estilo. Nesse estudo, Mendenhall desenvolveu uma pesquisa comparativa com os manuscritos de Shakespeare e de Bacon, publicado no *Popular Science Monthly*², em 1901, com a finalidade de aprofundar o estudo sobre a estilística de ambos. O trabalho foi realizado com o auxílio de duas secretárias e uma máquina calculadora para contabilizar a média do comprimento de 400.000 palavras de Shakespeare, 200.000 de Bacon, além da contagem de outros vocábulos de textos de diferentes períodos e autores. Esse estudo constatou que Shakespeare apresentou um vocabulário que se distinguia dos demais, por utilizar vocábulos curtos, contendo apenas quatro letras em média, menos que outros autores ingleses contemporâneos a ele.

Segundo Kenny (1982), o estatístico de Cambridge Undy Yule publicou um importante estudo no século XX: *The statistical study of literary vocabulary*, onde averiguou o comprimento da sentença dos escritos de Bacon, Coleridge e Macaulay, identificando as particularidades de cada um. Ele estudou a atribuição de autoria, especialmente a questão do clássico de latim medieval: *The imitation of Christ*. Verificou se a obra teria sido escrita por Thomas Kempis ou por Jean Gerson, concluindo que ela apresentava características

² Revista fundada em maio de 1872 por Edward L. Youmans com o intuito de disseminar o conhecimento científico para o leigo educado.

condizentes à estilística de Kempis. Kenny (1982) afirma que os estudos relacionados à estatística de textos se desenvolveram muito entre Mendenhall e Yule e que, com a invenção do computador surgiram grandes pesquisas quantitativas de estudos de textos literários. É importante mencionar as duas importantes pesquisas em língua inglesa consideradas como modelos de pesquisa estilístico-estatística desenvolvidas no início da década de sessenta. Uma delas trata-se do estudo do historiador literário sueco Alvar Ellegård sobre *Junius Letters*³, cuja autoria foi questionada ao apontar vários candidatos a autores das cartas. Após a investigação estatística, Ellegård concluiu que Sir Philip Francis fora o escritor espistolar investigado.

Vemos que desde o século XIX, a estatística textual já era utilizada de forma manual, visto que não existiam os meios eletrônicos para isso. Esse estudo geralmente utilizava dois textos como parâmetro comparativo, voltando-se principalmente para a averiguação de estudos de autoria. Como afirma Brandão (2006, sem pág.) no artigo “Atribuição de autoria”, a prática de verificação autoral já era utilizada para “verificar textos de tradição cristã, e conseqüentemente, afirmar o valor da reprodução dos ensinamentos e práticas realizadas por Jesus Cristo, enunciadas pelos apóstolos”.

Com o advento da informática, os estudos de atribuição de autoria firmaram-se ainda mais, concomitantemente aos estudos estilométricos e apoiados pela estatística textual, que auxilia na execução dessa tarefa investigativa. No entanto, segundo Paiva (2013, p. 33), apesar de os trabalhos de análise de dados estatísticos serem de grande relevância nos dois tipos de pesquisa, “a Estilometria é potencialmente mais complexa, já que a busca vai além da comprovação de autoria do texto”.

Ao tecer uma abordagem histórica do estudo estatístico em textos literários, Cúrcio (2013) realizou um importante levantamento sobre o trabalho realizado pelo pesquisador Pierre Guiraud (1970) no livro *Statistique linguistique*:

A estatística linguística vem de uma tradição muito antiga, os gramáticos alexandrinos já haviam criado uma lista de *hapax legomena*⁴ de Homero e de textos massoretas (escribas judeus), relacionando-os com todas as palavras da Bíblia. Mas, é a partir do século XIX, com a gramática histórica, que o estudo das línguas se ampliou apoiado sobre os inventários numéricos, e, na década de trinta do século XX, esses estudos começaram a ser acompanhados por análises estatísticas (GUIRAUD, 1970 apud CÚRCIO, 2013, p. 36).

³ Coleção de 69 cartas abertas escritas entre 1769 e 1772, publicadas no jornal inglês *General Advertiser* sob o pseudônimo de “Junius”.

⁴ Denominação para palavras que ocorrem apenas uma vez no texto.

Com isso, temos que a pesquisa estatística já caminhava no século XIX, e após o advento da informática até a época atual, há um crescente aperfeiçoamento de *softwares* numa tentativa de suprir vários questionamentos que ainda permanecem em aberto.

1.2 SOBRE ESTILO, ESTILÍSTICA E ESTILOMETRIA

Nesta seção apresentaremos algumas definições sobre estilo e estilística para compreendermos a aplicação da estilometria em textos literários. Levando em conta os livros que servirão de base para a pesquisa e obedecendo à ordem de publicação dos mesmos, expomos as ideias defendidas por teóricos da área, seguidas das definições sobre estilística apresentadas por eles.

Segundo Cressot (1947), o fator estilístico constitui-se em ordem linguística, psicológica e social, e o entendimento destes três aspectos faz-se necessário para sermos compreendidos linguisticamente. Para tanto, é importante perceber que o ato de comunicar infere na intenção de ser entendido por diferentes tipos de público e em compreender que esse discurso é elaborado de acordo com a hierarquização desse público.

Ter em consideração a consciência linguística do destinatário não é o único fator em jogo. Há ainda que ter em conta a hierarquia social, que nos obriga a hierarquizar, paralelamente, os modos de expressão: não falamos do mesmo modo a um superior ou a um igual, a alguém que nos é indiferente ou com quem temos intimidade; as próprias circunstâncias podem, além disso, levar-nos a atenuar ou a reforçar a distância social que existe entre nós e o destinatário. A hierarquização dos modos de expressão é ainda regulada pelo próprio quadro de comunicação: a linguagem de salão não é igual à linguagem de caserna; um discurso de uma reunião pública diverge basicamente de um discurso acadêmico. (CRESSOT, 1947, p. 13)

Cressot (1947) defende que a estilística deve preocupar-se apenas com o fator estético, entretanto não deverá ser definida simplesmente como a arte da escrita. Para ele, a obra literária prima pela comunicação e qualquer fator estético que o escritor permita utilizar nela não visa somente o desejo de conseguir a atenção do leitor. Em seu livro *O estilo e suas técnicas*, Cressot (1947) enfatiza que a obra literária constitui o domínio da estilística por implicar uma escolha mais voluntária e consciente da língua. Entretanto, a estilística não tem como fim o estudo dos estilos literários, visto que eles atuam como um compartimento da pesquisa estilística. O estilo literário tem forte carga significativa, proporcional à abrangência daquilo que tomou forma na consciência do escritor.

Existe algo, no estilo, que ultrapassa o facto de expressão... O estilo é mais que tudo isso. Não temos o direito de excluir toda a vida latente da obra, desde a gênese de uma visão confusa, mas *sui generis*, que, a pouco e pouco, tomou forma na consciência do escritor, se clarificou e estilizou para se tornar no objecto de redacção. (CRESSOT, 1974, p. 15)

Cressot (1947) também acentua a relação da estilística com algumas disciplinas, como a fonética, a lexicologia, a gramática normativa, a psicologia, a sociologia, a estética e até mesmo a retórica, pois a estilística seria a responsável por coordenar as diversas contribuições dessas disciplinas, cabendo ao estudioso da área reter esses variados saberes ao objeto da estilística.

Para Cressot (1947), o princípio fundamental da análise estilística é o de interpretar a escolha feita pelo usuário em todos os compartimentos da língua, objetivando uma maior eficácia ao ato de comunicação. Em suma, Cressot se refere aos objetivos que a estilística se propõe, discutindo sua aplicação no estudo dos estilos literários. A perspectiva trazida por Cressot é a de que os métodos estatísticos associados a outras áreas se complementam e se apoiam mutuamente. Além disso, ele frisa a importância da análise estatística, por sua significativa contribuição à estilística, seja para determinar a data dos textos ou a atribuição de autoria.

Ramos (1966), por sua vez, faz uma breve introdução sobre o uso da linguagem e as diversas formas de falar e escrever quando transmitimos uma ideia, o que implica nos diferentes tipos de estilo. Segundo ele, tem-se o uso do termo *stilus*, de ordem latina, atribuído a um estilete metálico de que se serviam os antigos e só mais tarde passou a designar o meio que um escritor recorre para revelar suas ideias e sentimentos através da linguagem.

Segundo Ramos (1966), compete à estilística definir e explicar os meios de expressão que se caracterizam como estilo. Por conseguinte, a estilística deverá ser definida como a ciência do estilo, abrangendo não só os recursos especificamente formais como as figuras de palavras e pensamentos, mas os problemas de estética e crítica literária.

Para Guiraud (1970), estilo é definido como um modo próprio de escrita, como a forma que um determinado autor escreve ao visar os meios de expressão para fins literários, bem como o modo que um gênero e uma época se manifestam. Ele frisa que esse modo de escrever foi denominado de retórica, e em seguida, aponta a língua literária como objeto do estilo:

O estilo – de *stilus*, punção ou estilete que servia para escrever em tabuinhas, antes da época do papel e da pena de ganso – é a maneira de escrever, a utilização pelo escritor dos meios de expressão para fins literários, distinguindo-se, portanto, da gramática, que define o sentido e a correção das formas. É só a língua literária que interessa ao estilo, especialmente o seu rendimento expressivo, o “colorido”, como

se dizia, próprio para convencer o leitor, agradá-lo, manter vivo seu interesse, impressionar-lhe a imaginação mediante formas vivas, pitorescas, elegantes e estéticas. (GUIRAUD, 1970, p. 17)

Guiraud (1970) afirma ainda que esse estilo é retratado como aspecto enunciativo resultante de uma escolha dos meios de expressão, determinado também pelas intenções do indivíduo que fala e escreve. Ele cita em seu livro a célebre frase pronunciada por Buffon quando afirma que *o estilo é o próprio homem*, definindo esse mesmo estilo como:

Ora simples aspecto da enunciação, ora arte inconsciente do escritor, ora expressão da natureza do homem, o estilo é uma noção flutuante, que transborda sem cessar dos limites onde se pretende encerrá-la, um desses vocábulos caleidoscópios que se transformam no mesmo instante em que nos esforçamos por fixá-los. (GUIRAUD, 1970, p. 65)

Em seu livro *A estilística: manual de análise e criação do estilo literário*, José Lemos Monteiro (2005) descreve sobre a definição atribuída à estilometria. Segundo Monteiro (2005), assim que adquiriu seu reconhecimento como disciplina, a estilística dividiu-se em duas classificações: uma mais concentrada nos componentes do discurso, a descritiva, outra mais voltada à intuição, denominada genética ou idealista.

Monteiro (2005) afirma que o objetivo da estilística não consiste em analisar todos os componentes do discurso literário, mas em selecionar intuitivamente aqueles que podem conduzir ao âmago da mensagem. Para ele, o modelo de Leo Spitzer, apresenta o espírito do autor como objetivo principal de sua investigação, e, portanto, de toda sua criação literária. Esse modelo propõe uma análise intuitiva pelo pesquisador, que ao analisar, deve refletir sobre o que se encontra subentendido no texto em si, ou seja, a ideia do autor deve sobressair mais do que seus caracteres estilísticos.

Ao referir-se a estilística estatística, Monteiro (2005) considera que os métodos quantitativos aplicados à análise de textos literários ainda são vistos com bastante resistência. Segundo ele, há diversos posicionamentos em relação ao uso desses métodos, dentre eles a hipótese de que a obra literária, podendo ser somente captada em sua essência por uma sincronização que o leitor exerce sobre ela, não seja lida sequencial e integralmente, mas apenas baseada em amostras aleatórias.

No entanto, acreditamos que esta preocupação é findada, ou ao menos minimizada, quando o pesquisador dispõe de certo cuidado no tratamento destinado ao texto literário, com o intento de que a essência literária desse texto não se perca, mesmo com os efeitos determinados pelas ferramentas estatísticas. Esse risco também diminui quando o pesquisador

abstém-se de trabalhar com amostras e passa a utilizar o *corpus* integral do autor, como em nosso caso, a obra completa de Augusto dos Anjos.

Chamamos atenção à grande importância dos cálculos matemáticos para as pesquisas relacionadas ao estilo e à contribuição que esse tratamento estatístico oferece às pesquisas estilísticas. Percebemos a relevância da estatística, ao pensarmos em sua aplicabilidade nos estudos de autoria ou estilométricos de uma obra, visto que é por meio de programas textuais adequados que se torna possível a realização da análise quantitativa de dados de forma ágil e com maior precisão.

Monteiro (2005) frisa que o método estatístico não exclui os demais, ao contrário, estabelece uma relação com diversas áreas. Consoante a isso, acreditamos que o mesmo acontece com a estilística estatística, por possibilitar muitas interpretações passíveis a contribuições de outras áreas de estudo, com finalidade de complemento e apoio mútuo.

Ao relacionarmos esse estudo estilístico aos métodos estatísticos, temos a estilometria, área que pode ser definida como o estudo do estilo de textos e de autores por meio de técnicas matemáticas avaliativas. Essa análise estilométrica baseia-se em dados estatísticos retirados do *corpus* em estudo, em nosso caso, o *corpus* poético de Augusto dos Anjos.

Em seu artigo “Estudos estatísticos de textos literários”, Verônica Cúrcio (2006) apontou a convergência dos estudos entre literatura e informática, a partir de um apanhado histórico sobre os estudos quantitativos. Para Cúrcio, os estudos de literatura realizados em uma perspectiva quantitativa ainda têm muito a oferecer a outros estudos das mais diversas áreas. Vê-se até aqui que o estudo estilístico-estatístico na contemporaneidade se apoia no uso de ferramentas informáticas e que através das diversas vantagens que tais ferramentas proporcionam a esse trabalho é que a estilometria passou a ter maior destaque e a ser mais utilizada. Entretanto, tais vantagens não diminuem as tarefas do pesquisador em relação à leitura, revisão da obra, análise e interpretação dos dados obtidos.

Acreditamos ter apontado algumas definições atribuídas à estilística, estilo e estatística, necessárias para entendermos a utilização da estilometria informática. Em seguida, tecemos algumas abordagens em relação à literatura e informática, condizentes especificamente ao estudo estilístico-estatístico de textos literários. Dentre os trabalhos lidos, os de Cressot (1947), Guiraud (1970) e Monteiro (2005) se mostraram mais relevantes à investigação estatístico literária, por propiciar um embasamento mais abrangente desse estudo.

1.3 A ESTATÍSTICA COMO APOIO AO TEXTO LITERÁRIO

Através dos estudos estatísticos de textos literários, encontramos a possibilidade de avançar consideravelmente o estudo de marcas estilísticas de determinado autor ou escola literária. Esse estudo investigativo possibilita a execução da pesquisa estilométrica, ou ainda, a verificação de traços estilísticos através da estatística textual, que por sua vez, atua como um campo de pesquisa promissor ao se apoiar no uso de ferramentas telemáticas, como os programas de computador.

Cressot (1947) se refere ao estudo da linguística quantitativa em textos como algo não recente, visto que a prática de testes de ordem quantitativa para verificar a autoria de textos atribuídos aos apóstolos é uma prática existente desde o século XIX, como mencionado anteriormente. Segundo o crítico, foi a partir de 1940 que a linguística quantitativa consolidou-se em estatística. Para tanto, fez-se o uso de métodos matemáticos ao basear-se em números e variações.

Em seu livro *The computation of style*, Anthony Kenny (1982) debate sobre os avanços possibilitados pelas ferramentas computacionais ao comparar a extensão de palavras e enunciados, além de verificar o contexto em que tais palavras se encontram. Ele afirma que o computador foi necessário aos cálculos estatísticos por auxiliar com mais rapidez e precisão do que qualquer outro método de pesquisa. Como vemos, o estudo estatístico de textos advém de longa data e tem despertado grande interesse dos estudiosos de diversos campos de estudo.

O sucesso da aplicação dos métodos estatísticos em muitas áreas das ciências naturais (física, biologia, etc.), como também dentro das ciências humanas (psicologia, economia, etc.) e mesmo nas disciplinas que se relacionam com o uso da linguagem, acabam por chamar a atenção de especialistas do estudo do vocabulário. Inicialmente descobertas como leis empíricas devem permitir em primeiro lugar melhorias no campo de transcrição estenográfica (JB Estoup, 1916), posteriormente as distribuições lexicais são estudadas sob o signo da "psico-biologia da linguagem", de GK Zipf (1935)⁵. (LEBART; SALEM, 1994, p. 16, tradução nossa).

Em *La statistique textuelle*, Lebart e Salem (1994) afirmam que os métodos de estatística textual surgiram do encontro entre várias disciplinas, sendo elas a

⁵ Les succès remportés par les applications de la méthode statistique dans de nombreux domaines des sciences de la nature (physique, biologie, etc.) mais aussi dans ceux des sciences humaines (psychologie, économie, etc.) et y compris dans des disciplines qui touchent à l'utilisation du langage finissent par attirer l'attention des spécialistes de l'étude du vocabulaire. Initialement découvertes comme des lois empiriques devant permettre en premier lieu des améliorations dans le domaine de la transcription sténographique (J.B. Estoup, 1916), les distributions lexicales sont par la suite étudiées sous le signe de la "psycho-biologie du langage" par G.K. Zipf (1935)", de GK Zipf (1935).

linguística, a análise do discurso, a estatística, e a ciência da computação na aplicação das pesquisas.

Comecemos por situar brevemente a estatística textual entre as principais disciplinas relacionadas ao texto (linguística, análise do discurso, análise de conteúdo, pesquisa documentária, inteligência artificial). Como nós veremos nessa breve discussão que segue, o texto constitui uma passagem obrigatória dentro destas disciplinas muito importantes que tem como objetivo de pesquisa os métodos e perspectivas de pesquisa necessariamente distintas. Os números de disciplinas e campos de pesquisa (teorias da linguagem, gramática formal, linguística computacional, etc.) se combinam em diferentes níveis linguísticos, matemáticos e computacionais sem utilizar no entanto modelos e ferramentas estatísticas. Elas serão utilizadas sem se tornar objeto de representação particular⁶. (LEBART; SALEM, 1994, p. 11-12, tradução nossa).

Em relação ao tratamento de análises quantitativas, Lebart e Salem (1994) afirmam que para o estatístico, o texto deve ser compreendido em seu domínio quantitativo, aliados a métodos de análises qualitativas que tiveram início na década de sessenta. Baseados nessa linha de trabalho é que buscamos analisar os dados estatísticos investigados, em nosso caso buscando entender as possíveis visões de amor na poesia de Augusto dos Anjos.

Monteiro (2005), por sua vez, cita os avanços que a informática, por intermédio de programas adequados, possibilita aos estudos estilísticos estatísticos. Mas faz uma ressalva ao pesquisador, ao afirmar que o *corpus* corre o risco de ser passível a erros quando reduzido a simples amostras, especialmente o texto literário, visto que essa precisa ser entendido integralmente. No entanto, esse risco só seria válido nos casos em que o pesquisador não trabalhasse com a obra completa, sem estabelecer parâmetros comparativos válidos, e se abstivesse da leitura e percepção do que esta representa à literatura. Portanto, essa acuidade em relação à obra são tarefas imprescindíveis ao pesquisador.

E em relação à aplicação dos métodos quantitativos na análise de obras, ele afirma:

É oportuno insistir em que tais métodos não são excludentes dos demais. Por isso, a Estilística estatística não constitui a rigor uma corrente em que os autores seguem as mesmas orientações doutrinárias ou mantêm uma única concepção de estilo. Em geral, porém, todos eles possuem formação linguística e lidam com os conceitos de norma⁷ e desvio⁸. (MONTEIRO, 2005, p. 37)

⁶ Commençons par situer brièvement la *statistique textuelle* parmi les principales disciplines en rapport avec le texte (*linguistique, analyse Du discours, analyse de contenu, recherche documentaire, intelligence artificielle*). Comme on le verra dans le bref exposé qui suit, le texte constitue un passage obligé dans ces disciplines très différentes qui ont des buts, des méthodes et des perspectives de recherches nécessairement distincts. Nombre de disciplines et domaines de recherches (théories des langages, grammaires formelles, linguistique computationnelle, etc.) allient à des degrés divers linguistique, mathématique et informatique sans utiliser cependant les modèles et les outils de la statistique. Ils seront évoqués sans faire l'objet de présentation particulière.

⁷ Tudo que é de uso corrente em uma língua.

Segundo Cúrcio (2006), o uso de *softwares* facilita significativamente a obtenção de dados estilométricos, pois através deles a pesquisa ganha agilidade e precisão. Dessa forma, a pesquisa torna-se possível devido ao suporte que esta ferramenta computacional oferece aos estudos, aliada ao trabalho do pesquisador, que deve analisar o vocabulário ou sinais de pontuação de determinado autor, por exemplo, com a finalidade de verificar traços estilísticos.

Trabalhos na área de estatística literária vêm sendo desenvolvidos por uma equipe de pesquisadores do Nuplid. Nos últimos trabalhos realizados, foram identificados traços estilísticos na literatura piauiense e portuguesa. Paiva (2013) contribuiu com um estudo crítico da poesia de H. Dobal. Nesse estudo, o pesquisador investigou traços estilísticos na poesia dobaliana, tais como: a linguagem simples, a preferência por poemas curtos, o uso limitado de sinais gráficos de pontuação e a ausência de primeira pessoa do singular, que segundo ele “implica em uma poesia sem sentimentalismos e voltada para a representação exata do mundo”, reafirmando que os traços encontrados correspondem à temática da poesia dobaliana, pois “são recursos estilísticos utilizados pelo poeta para descrever a condição humana no ambiente rural ou urbano”. (PAIVA, 2013, p. 85)

Machado (2013), por sua vez, fez um estudo estilístico comparativo entre a poesia de Fernando Pessoa e a de seus três heterônimos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, investigando a presença do Sensacionismo, corrente literária criada por Fernando Pessoa que atribuía a sensação como característica primordial para o entendimento do mundo, em suas poesias. Tendo por base o levantamento de dados lexicais, a autora concluiu que Alberto Caeiro foi identificado como aquele que mais utilizou termos sensacionistas, refutando o que a crítica literária preconiza, enquanto Álvaro de Campos e Ricardo Reis mostraram-se menos sensacionistas, refutando em parte o que é defendido pela crítica literária, visto que esta defende que o heterônimo Álvaro de Campos seja o mais voltado ao sensacionismo.

Trabalhos como esses, voltados à estatística literária, ratificam as contribuições que Monteiro (2005) apresentou no decorrer desta seção ao falar das contribuições estatísticas para a literatura.

⁸ Diferença entre o conjunto de números e o valor médio desse conjunto.

2 SOBRE A POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS

2.1 A VOZ DA CRÍTICA

Neste capítulo, utilizaremos a fortuna crítica reunida por Alexei Bueno (2004) em *Augusto dos Anjos: Obra Completa*, livro em que Bueno (2004) apresenta textos críticos de grande relevância para o estudo da poesia de Augusto dos Anjos, ao levar em conta sua representatividade histórica. Dentre os críticos abordados no livro, destaca-se o ensaio “Elogio de Augusto dos Anjos”, de Órris Soares (2004), crítico literário e amigo do poeta do *Eu*, responsável pela publicação de *Eu e Outras poesias*, em 1920.

Além da obra de Bueno, não poderíamos deixar de mencionar as outras fontes que guiaram esse estudo: o ensaio de Ferreira Gullar (1978), *Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina* e a relevante obra biográfica organizada por Humberto Nóbrega (2012), *Augusto dos Anjos e sua época*, textos que contri.

Augusto dos Anjos é um poeta de difícil definição, podendo ainda ser atribuído a ele a classificação de um poeta *sui generis* da literatura brasileira. Órris Soares (2004) declarou com bastante propriedade que o poeta não tem filiação a nenhuma corrente literária. Era como se o livro *Eu* representasse a própria identidade de Augusto dos Anjos, estando intrinsecamente relacionado às suas sensações diante do mundo e da realidade que o cercava:

O *Eu* é Augusto, sua carne, seu sangue, seu sopro de vida. É ele integralmente, no desnudo gritante de sua sinceridade, no clamor de suas vibrações nervosas, na apoteose de seu sentir, nos alentos e desalentos de seu espírito. Analisem-lhe as poesias, e em todas, como numa lamina de aço polido, encontrarão espelhada a imagem do trágico poeta. Aquela amargura dos primeiros versos é a sua própria e singular amargura. Não fementia aos sentimentos e esta é a capital condição de valia de seus carmes. (SOARES, 2004, p. 64 - 65)

Em seguida, ele se refere ao livro *Eu* como um livro de ascensão ao cosmos, por transmutar a dor em seu aspecto particular e existencial para a dor humana, em seu aspecto universal.

O *Eu* é um livro de sofrimento, de verdade e de protesto: sofre as dores que dilaceram o homem e aquelas do cosmos; e, em relação ao homem e ao cosmos, diz as verdades apreendidas por indagação e ciência, protestando em nome delas, pelo que no homem e no cosmos há de desconexo, de ilógico, de absurdo. (SOARES, 2004, p. 72)

Visando divulgar a poética de Augusto dos Anjos, Soares (2004) contribuiu com um precioso estudo acerca do homem Augusto dos Anjos. Nesse estudo, Soares (2004) afirma que são três os fatores essenciais da melancolia de Augusto dos Anjos, sendo eles de caráter individual, mesológico e espiritual. O primeiro fator, de ordem individual, trata-se da ênfase da própria morte e da obsessão pela doença. O segundo advém de um sentimento de melancolia pelo meio, ou melhor, como reflexo do sofrimento que a raça que viveu em solos brasileiros enfrentou. Segundo ele, era como se Augusto dos Anjos carregasse a dor pelo sofrimento do homem miscigenado, e sofresse pelo povo brasileiro, que segundo ele, ainda refletia o sentimento de tristeza de nossa geração. O terceiro e último elemento, de caráter espiritual, retrata a melancolia discrepante em relação ao homem erudito de letras e o meio em que se encontrava inserido, neste caso, a província paraibana dos fins do século XIX e início do século XX. O homem letrado e provinciano, sendo incapaz de assimilar os frutos das poderosas civilizações, era limitado apenas às ideias estrangeiras presentes nos livros.

Percebemos a angústia do poeta envolta por diversos fatores que nos fazem crer que sua angústia era movida pelo maior fator de todos: o existencial. O sentimento de melancolia estava presente em seu âmago, refletido em sua forma de enxergar a vida e, sobretudo, de vivenciá-la. E foi esta a forma generalizada que a crítica apresentou a poesia de Augusto dos Anjos. Deixemos claro que as opiniões citadas no parágrafo anterior, sobre o estado de espírito do poeta e suas possíveis causas são mencionadas no ensaio “Elogio de Augusto dos Anjos”, por Órris Soares.

Gullar (1978, p. 55) defende que a poesia de Augusto dos Anjos “ora expõe uma ideia determinada”, ora caracteriza-se “como um processo dialético de indagação”, como uma verdadeira expressão de sua perplexidade diante da vida e das mazelas humanas. O crítico trata a produção poética augustiana como moderna por apresentar um caráter inovador em relação à linguagem e à temática, sempre reveladas pela mesma força que as mantêm vivas até hoje: a crítica.

Gullar (1978, p. 45) afirma ainda que “com Augusto dos Anjos penetramos aquele terreno em que a poesia é um compromisso total com a existência”. Nessa existência, o cotidiano inclui a morte como fenômeno material, como estado de putrefação. Esse desejo pela morte na poesia de Augusto dos Anjos é bem representado pela decomposição da carne, onde o poeta retrata a ação dos vermes que tiram proveito da carnificina.

Nos versos que seguem, Augusto dos Anjos faz alusão a um banquete servido pela deusa Terra, que tem os vermes como convidados. Nota-se a tênue passagem existente entre

vida e morte numa aproximação do verme ao homem. Exemplifica-se melhor nesta estrofe do poema “Psicologia de um vencido”:

Já o verme - êste operário das ruínas -
 [...] Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
 E há de deixar-me apenas os cabelos,
 Na frialdade inorgânica da terra!
 (ANJOS, 2004, p. 203)

No poema “O Deus-verme”, Augusto dos Anjos (2004, p. 209) retrata a forte ligação da morte com os vermes, visto que recorre a eles até mesmo para se referir a seus descendentes: “Ah, para ele é que a carne podre fica,/ E no inventário da matéria rica/ Cabe a seus filhos a maior porção!”. Esse verme, descrito por seu aspecto biológico, indicam uma etapa primordial da dissolução e da decomposição humana.

É também no poema “Solilóquio de um visionário” que a temática da morte se apresenta de forma constante. A morte aparece como refúgio que possibilita suprir a dolorosa existência do fardo de viver. Essa angústia de viver é expressa nos versos em que o poeta demonstra que a própria essência da vida só existe a partir da solidão. O eu lírico transmuta-se ao papel de verme, a comer os próprios olhos:

Para desvirginar o labirinto
 Do velho e metafísico Mistério,
 Comi meus olhos crus no cemitério,
 Numa antropofagia de faminto!
 (ANJOS, 2004, p. 232)

É nesse universo, refletido nos vermes, que Augusto dos Anjos se vê e entende a finalidade da vida humana. Essa já não tem outro destino que não a decomposição, ou a “carnificina”, como enuncia o próprio poeta.

Bosi (2006, p. 306) afirma que Augusto dos Anjos deve ser mensurado por um “critério estético aberto, capaz de abrigar e de reconhecer, além do mau gosto de seu vocabulário rebuscado e científico, a dimensão cósmica e a angústia de sua poesia”. A poesia a qual o crítico se refere é marcada por uma angústia extrema e pela ideia de decomposição da carne, que busca transcender para alcançar uma possível evolução do espírito.

Para Bosi (2006), a obra de Augusto dos Anjos é relacionada à influência da filosofia schopenhaueriana por identificar na razão de viver a raiz de todas as suas dores. Em *Eu*, Augusto dos Anjos se volta a temas existenciais, à ligação do eu com o mundo e à forte ligação com as ideias de Schopenhauer:

A postura existencial do poeta lembra o inverso do cientismo: uma angústia funda, letal, ante a fatalidade que arrasta toda carne para a decomposição. E já não será lícito falar em Spencer ou em Haeckel para definir a sua cosmovisão, mas no alto pessimismo de Arthur Schopenhauer, que identifica na vontade de viver a raiz de todas as dores. (BOSI, 2006, p. 307)

Segundo Bueno (2004), a poesia de Augusto dos Anjos tem um caráter de independência extrema, quase de geração espontânea. Ele se refere ao fato do poeta assumir a autonomia de sua poética, que por vez, se contrapunha às estéticas já consolidadas. Classificado cronologicamente por pertencer à fase pré-modernista, Augusto dos Anjos refletiu em seu léxico a excepcionalidade da escola parnasiana e simbolista, atrelada à inovação e renovação do realismo-naturalista, formando assim um arcabouço para seu indistinguível estilo moderno.

Em estilo único e inovador, Augusto dos Anjos utilizou os termos científicos, atribuindo bastante ênfase à aplicação destes em sua poesia. Ao referir-se ao uso do vocabulário de cunho cientificista, Coutinho afirma que:

Assenhorando-se um vocabulário pertencente às ciências e às técnicas, incorporando a temática do macabro, imbuindo-se de filosofia materialista, Augusto dos Anjos caldeou tudo isso em argamassa de extremado pessimismo e fez do lado sórdido, negativo ou carcomido da vida a fonte de seu canto. A obsessão do próprio eu, a penetração a fundo na própria personalidade foi a constante de toda sua atividade criadora, e a consciência da morte, ou melhor, do aniquilamento absoluto era a soturna voz que lhe perpassava poema por poema. Assim produziu ele uma poesia cuja feição constituiu por muito tempo um óbice ao enquadramento neste ou naquela tendência estética. (COUTINHO, 2004, p. 605)

Torres (2004, p. 55) atribuiu ao poeta à característica de “monista-evolucionista-transformista”. No entanto, defende que seria engano supor que a característica de materialista em filosofia se estendesse a materialista em relação aos sentimentos, visto que neste sentido, Augusto dos Anjos enquadrava-se a um nobre idealista.

Ribeiro (2004, p. 74), por sua vez, reitera a hibridez de Augusto dos Anjos, “por ser um poeta de inspiração mista, de várias espécies”. Ao descrever Augusto dos Anjos, o crítico não cria um único perfil para o poeta, visto que ele apresenta vários vieses em sua poesia, que pode ser parnasiana, baudelaireana, científica ou filosófica.

Na visão de Freyre (2004, p. 77), Augusto dos Anjos “era todo dor ao contato das dores dos outros, nos quais se alongava o seu próprio eu por empatia constante”. Essa Dor, e escrevemos assim para personificá-la, é protagonista constante em toda a poesia de Augusto dos Anjos, que retrata além da dor existencial, reflexo de sua inadaptação ao mundo, a dor pelo pé de tamarindo que morre, pelo carneiro sacrificado, pelo cão incompreendido que late,

pelo filho nascido morto, pelo pai que se encontrava doente, enfim, acima de tudo, a dor latente e intrínseca em seu ser.

Passados 18 anos de publicação do *Eu*, Grieco (2004) ressalta suas descrições pessoais sobre a poesia augustiana. Ao referir-se à difícil dissociação da vida e obra do poeta, o crítico fala sobre o léxico utilizado na poesia de Augusto dos Anjos, exemplificando-os por meio de alguns poemas. Dentre eles, o tão pronunciado “Versos Íntimos”, que como o próprio título incita, apresenta versos que revelam o que há de mais profundo no cerne humano, o que Augusto dos Anjos definiu como a imperfeição da natureza humana.

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!
(ANJOS, 2004, p. 280)

Neste poema, percebemos o reflexo do naturalismo e determinismo proeminentes no fim do século XIX, além da influência parnasiana em relação à forma dos poemas, aliada à inovação de relacionar termos poéticos à antipoéticos. “Versos Íntimos” trata-se de um poema bastante conhecido e recitado, que surge como uma verdadeira explanação diante do questionamento de alguns fatos da vida, além de retomar traços peculiares do comportamento humano. Para o eu lírico, a decepção é inerente à própria condição humana, que tem necessidade em revidar o mesmo mal que sofre, e assim, impulsionamos constantemente esse ciclo de relações depreciativas. A depreciação à espécie humana é tamanha que o homem sente “necessidade de também ser fera”.

Podemos atribuir a popularidade do poema ao fato de o tema da ingratidão, “companheira inseparável” da existência humana, chamar a atenção da humanidade, independente da época em que se encontra. A partir da segunda estrofe, percebemos que ao se comunicar com o leitor, o eu lírico ironiza as relações humanas: “O beijo, amigo, é a véspera do escarro/ A mão que afaga é a mesma que apedreja”, aconselhando o interlocutor a

proteger-se diante do fato de ser enganado. E em seguida o conselho, toma proporções de ordenação: “Apedreja essa mão vil que te afaça,/ Escarra nessa boca que te beija!”.

Em consonância a essa visão pessimista, destaca-se, na crítica de Grieco (2004), a descrição apologética dirigida à poesia de Augusto dos Anjos quando afirma que:

O pessimismo do autor fascina-nos como um poço de sombras. É que o obsedavam o horror à morte, o pavor da decomposição, e, não raro, sentia ele nas rosas mais fragrantas um fedor a queijos podres ou a carnes humanas tocadas pela sânie final. (GRIECO, 2004, p. 82-83)

É evidente nos poemas que compõem *Eu e Outras poesias*, a insatisfação do homem em relação à vida, e, sobretudo, em relação a si próprio. No soneto “Homo infimus”, o eu lírico expressa o desejo de transformar-se em alma e sua infelicidade de ser homem reduzido a nada:

Homem, carne sem luz, criatura cega,
Realidade geográfica infeliz,
O Universo calado te renega
E a tua própria boca te maldiz!

O nômene e o fenômeno, o alfa e o ômega
Amarguram-te. Hebdômadás hostis
Passam... Teu coração se desagrega,
Sangram-te os olhos, e, entretanto, ris!

Fruto injustificável dentre os frutos,
Montão de estercorária argila preta,
Excrescência de terra singular.

Deixa a tua alegria aos seres brutos,
Porque, na superfície do planeta,
Tu só tens um direito: - o de chorar!
(ANJOS, 2004, p. 332)

O eu lírico propõe uma descrição minuciosa e pessimista sobre o homem, ao misturar elementos biológicos a termos antipoéticos. O homem, considerado por algumas tradições como síntese e parte do universo, apresenta uma composição pormenorizada na poesia de Augusto dos Anjos. Utilizando o sentido figurado, percebemos o asco com que o eu lírico se refere à matéria da qual o homem compõe-se: “Montão de estercorária argila preta/ Excrescência de terra singular”. Já no último verso, o eu lírico deixa claro a impossibilidade da felicidade para este homem, afirmando que só lhe cabe o direito de chorar. Segundo Bueno (2004, p. 25), além de sentenciar a lágrima como único direito do homem, o poeta o reduz a um “ínfimo acidente na cadeia das espécies”.

A poesia de Augusto dos Anjos representa certa universalização, numa tentativa de integração do espírito ao cosmos. A ideia de universal torna-se mais clara quando pensamos na transformação da dor inerente a seu próprio eu na dor comum a todos os homens. Nessa estrofe do poema “O poeta do hediondo” era como se o eu poético carregasse nas costas todas as dores da humanidade, a cantar “a poesia de tudo quanto é morto”.

Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morto!
(ANJOS, 2004, p. 330)

Se a produção poética de Augusto dos Anjos foi ignorada no início do século XX, hoje permanece viva e intocável, assim como o poeta, que persiste em ser alguém que apenas trocou a sua “forma de homem pela imortalidade das ideias”.

O meu nirvana

No alheamento da obscura forma humana,
De que, pensando, me desencarcero,
Foi que eu, num grito de emoção, sincero
Encontrei, afinal, o meu Nirvana!

Nessa manumissão schopenhauereana,
Onde a Vida do humano aspecto fero
Se desarraiga, eu, feito força, impero
Na imanência da Ideia Soberana!

Destruída a sensação que oriunda fora
Do tacto — ínfima antena aferidora
Destas tegumentárias mãos plebéias —

Gozo o prazer, que os anos não carcomem,
De haver trocado a minha forma de homem
Pela imortalidade das Ideias!
(ANJOS, 2004, p. 310)

Nirvana é definido por Chevalier e Gheerbrant como “extinção, a perda do sopro, no sentido de supremo apaziguamento” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 636). O eu lírico demonstra contentamento ao encontrar um refúgio na infinitude universal, extasiando-se ao trocar a forma de homem em sentido material, “pela imortalidade das idéias” em um sentido universal.

Augusto dos Anjos dá forma a esse ser inadaptado às diversas condições sociais ao retratar, em seus poemas, as divergências existentes nas relações humanas. Ao referir-se a

uma experiência de exílio nas leituras de Camilo Pessanha, Franchetti (2001) aborda a nostalgia do exilado⁹, visto que ela é intrínseca ao ser:

Enquanto experiência de exílio, não temos aqui uma saudade indeterminada, mas uma atualização da nostalgia, que potencializa a sensação de deslocamento e o desejo de retorno. É em função da nostalgia que devemos observar o apego inesperado aos lugares pelos quais traça o seu trajeto de exílio, pois o que aí vem para primeiro plano é a percepção do afastamento. (FRANCHETTI, 2001, p. 17)

Em Augusto dos Anjos, o retorno que Franchetti (2001) menciona estaria relacionado ao nada, à vontade de regressar à substância da qual foi criado por intermédio da morte, e assim, buscar retornar novamente ao nada que foi um dia. Nas leituras dos poemas de Augusto dos Anjos, percebemos a presença da morte como salvadora, capaz de findar a angústia do homem. Não estando em concordância com a vida, o eu lírico padece por pertencer ao lugar que parece não ser o seu de origem, martirizando-se por estar envolto ao caos mundano. Nesse sentido, a visão trágica da realidade na poesia de Augusto dos Anjos é representada por um sentimento de exílio existencial diante do mundo e das várias relações que este proporciona ao ser. Esse exílio também pode ser visto como um refúgio diante de si mesmo e da vida.

Relacionamos o estudo de Franchetti (2001) a mais uma forma de entender a poesia de Augusto dos Anjos, que mostrou o aspecto ontológico de um ser inadaptado ao mundo, à vida e ao seu próprio eu. Essa percepção dolorosa da vida manifesta-se em grande parte dos poemas de Augusto dos Anjos. Em alguns deles, como em “Versos d’um exilado”, é notável a situação de exilado no que diz respeito a seu sentimento de inaptidão frente ao mundo no qual vive, em outros é possível perceber de forma mais densa o desejo em refugiar-se da realidade mundana através da morte.

Eu vou partir. Na límpida corrente
Rasga o batel o leito d’água fina
- Albatroz deslizando mansamente
Como se fosse vaporosa

Ondina. Exilado de ti, oh! Pátria! Ausente
Irei cantar a mágoa peregrina
Como canta o pastor a matutina
Trova d’amor, à luz do sol nascente!

Não mais virei talvez e, lá sozinho,
Hei de lembrar-me do meu pátrio ninho,
D’onde levo comigo a nostalgia

⁹ Em seu sentido ontológico, ou seja, como inadaptado ao mundo e às pessoas que o rodeiam.

E esta lembrança que hoje me quebranta
 E que eu levo hoje como a imagem santa
 Dos sonhos todos que já tive um dia!
 (ANJOS, 2004, p. 404)

Neste poema, percebemos que a dor advém de uma situação de exílio. A princípio, o eu lírico toma uma decisão: a partida planejada, comparando-a a um albatroz¹⁰ a deslizar as asas mansamente em busca de refúgio. Percebe-se que o eu lírico não se sente bem no lugar em que está, mas exilado nesse espaço, preferindo deslocar-se incessantemente para outro local, ou seja, Ele se sente deslocado e ausente na própria Pátria, e logo depois, na terceira estrofe, lembra-se de sua pátria com certa nostalgia: “Hei de lembrar-me do meu pátrio ninho/ D'onde levo comigo a nostalgia”.

O saudosismo e a lembrança da pátria são sentimentos que ficarão em sua memória. O eu lírico transforma a imagem que já teve um dia em um sentimento maior ao lembrar-se de sua terra natal. O poeta faz referência tanto ao lugar físico, à sua pátria, quanto à sua percepção de exilado e ao mesmo tempo, de saudosista.

Diferentemente do poema que analisamos anteriormente, “Eterna Mágoa” mostra a manifestação do exílio em sua forma mais densa, em sua forma existencial. Nele, Augusto dos Anjos retrata sua angústia e inadaptação diante do homem e do mundo do qual faz parte.

O homem por sobre quem caiu a praga
 Da tristeza do mundo, o homem que é triste
 Para todos os séculos existe
 E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois, nada há que traga
 Consolo à Mágoa, a que só ele assiste.
 Quer resisitir, e quanto mais resiste
 Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga

Sabe que sofre, mas o que não sabe
 É que essa mágoa infinda assim, não cabe
 Na sua vida, é que essa mágoa infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerme;
 E quando esse homem se transforma em verme
 É essa mágoa que o acompanha ainda!
 (ANJOS, 2004, p. 290)

“Eterna Mágoa” evidencia a amargura e tristeza como sentimentos inerentes ao homem. O eu lírico sente uma infindável mágoa, inerente à sua condição humana, mas que ao mesmo tempo projeta-se como sentimento presente em todas as épocas e gerações. Não

¹⁰ Ave reconhecida por ser a maior ave voadora do mundo e por seu caráter migratório.

sabendo como findar a melancolia, ele afirma que quanto mais tenta resistir ao sofrimento infindo, mais é imerso na dor infinita de sentir: “Quer resistir, e quanto mais resiste/ Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga”. Augusto dos Anjos finaliza o poema referindo-se a presença da mágoa até mesmo quando o corpo não se faz mais presente, mesmo quando restam apenas vermes em decomposição: “E quando esse homem se transforma em verme/ É essa mágoa que o acompanha ainda!”.

Ao analisarmos a poética de Augusto dos Anjos pelo viés existencial, percebemos que o poeta demonstra sua visão de mundo com um olhar de sofrimento e desenganos, onde se vê condenado e sujeito à condição humana, que, por sua vez, representa uma ruína para seu espírito. O eu lírico augustiano deseja estar em outro lugar que não o mundo terreno, pois se mostra insatisfeito, a buscar um lugar mais confortante e procurar um refúgio que parece não existir, senão através da morte. Em sua poesia, alma e corpo mostram-se independentes. Esta clama por um lugar de salvação e para encontrá-lo, recorre à imaterialidade do corpo.

Ao longo dos poemas, percebemos a angústia sentida pelo eu lírico, principalmente em relação ao convívio com o outro. Era como se não houvesse possibilidade de harmonização dessa relação, haja vista que o outro atua como representante das mazelas humanas.

2.2 CORRENTES ESTÉTICAS DO FIM DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Entre o fim do século XIX e o começo do século XX surgiram vários movimentos artísticos, literários e filosóficos que exerceram grande influência no Brasil. Coutinho (2004, p. 5) afirma que “o século XIX é um campo onde se cruzam e entrecruzam, avançam e recuam, atuam e reagem umas sobre as outras, ora se prolongando ora opondo-se, diversas correntes estéticas e literárias”.

De fato, o século XIX pode ser percebido como um momento que abrange diversas correntes estéticas, literárias e filosóficas. A época caracteriza-se como um período de grandes mudanças e revoluções em diversos âmbitos, sejam eles políticos, sociais, científicos ou tecnológicos. Ao se referir ao fim do século XIX, Coutinho (2004, p. 6) conclui que “a revolução ocorreu primeiro no espírito e no pensamento dos homens e daí passou à sua vida, ao seu mundo e aos seus valores”. Nas últimas décadas do século XIX surgiram novas concepções acerca do homem, da vida em sociedade, das relações de trabalho, além da sistematização dos estudos de biologia, sociologia e psicologia, o que possibilitou profundas mudanças no modo de pensar e agir das pessoas.

A revolução industrial que se expandiu no século XIX trouxe novos ideais de libertação, além de novas ideias políticas e científicas. Em meio a esses inúmeros acontecimentos, momento em que não seria mais possível viver de idealizações e da fuga da realidade, a literatura se transforma, e surge em períodos próximos, às três tendências anti-românticas: o realismo, o naturalismo e o parnasianismo. Foram estes os três grandes movimentos literários, de prosa e poesia, que se desenvolveram durante esse período.

Além desses movimentos, teorias como o *monismo* de Haeckel, o *darwinismo* de Darwin, com a doutrina da seleção natural, o *evolucionismo social* de Spencer, o *positivismo* de Comte e o *determinismo* de Taine foram responsáveis por influenciar a mentalidade de uma época, e conseqüentemente serem temas discutidos pela escola de Recife¹¹:

Intelectualmente, a elite apaixonou-se do darwinismo e da ideia da evolução, herança do Romantismo e, de filosofia, o darwinismo tornou-se quase uma religião; o liberalismo cresceu e deu os seus frutos, nos planos político e econômico; o mundo e o pensamento mecanizaram-se, a religião tradicional recebeu um feroz assalto do livre-pensamento (...) A biologia, com a teoria determinista, e sua promessa de melhoria de saúde e raça, conquistou uma voga dominadora. Problemas de hereditariedade, de embriologia, de estrutura celular, de bacteriologia, seduziram os espíritos. O darwinismo, a evolução e a doutrina da seleção natural imprimiram direção às pesquisas não somente da biologia, mas também da psicologia e das ciências sociais. (COUTINHO, 2004, p. 6)

Assim como o evolucionismo, liberalismo, iluminismo, determinismo, contra-espiritualismo e o naturalismo fizeram parte do espírito de época, o culto da ciência e do progresso também fizeram. Foi um momento de união da ciência social à ciência biológica, o que permitiu enxergar o homem como um animal condicionado à suas determinações genéticas, mas também ao meio do qual fazia parte.

Para Gomes (1994), é durante a revolução industrial que surge uma geração de intelectuais positivistas que não vêem mais a metafísica como capaz de responder a seus questionamentos diante à realidade do mundo, surgindo algumas teorias em prol do conhecimento experimental da realidade. Dentre essas teorias, ele enfatiza o Positivismo criado por Comte, por transformar o modo de vida dos homens, ao deixar de lado toda a subjetividade da metafísica e trazer a objetividade científica para a vida em sociedade. Logo em seguida, Gomes (1994, p. 8) cita as demais: “Taine tenta explicar o universo à luz de determinantes fixos, e Darwin, Lamarck e Spencer apoiam-se num conhecimento evolucionista racionalista do real”.

¹¹ Movimento de caráter sociológico e cultural que ocorreu na Faculdade de Direito do Recife, atualmente, unidade da Universidade Federal de Pernambuco, a qual Augusto dos Anjos fez parte.

Aliado a essas doutrinas que se desenvolviam na época, o culto às teorias científicas predominou entre os integrantes da Escola de Recife, grupo do qual o poeta Augusto dos Anjos fazia parte. Pensemos que mesmo antes desses movimentos se firmarem na literatura brasileira, foram de certa forma, impulsionados pelo espírito dos homens da época, que por sua vez, também se manifestou por meio do temperamento artístico que se consolidava no período. Essa percepção é nítida ao pensarmos na relação estabelecida entre as correntes artísticas e o meio no qual se desenvolve.

Assim como não há como dissociar a influência dos acontecimentos de uma época à literatura, não há como separar as teorias científicas e filosóficas da época em que culminaram esses movimentos literários. Tudo isso caracterizou uma revolução nas ideias e na vida dos homens que vivenciaram esse período, e conseqüentemente, na escrita dos autores da época:

Três grandes questões de caráter político-social-religioso agitaram o país na segunda metade do século: a questão servil, a questão religiosa e a questão militar. Em todas sente-se a influência daquelas ideias, que constituíam o espírito do tempo, daquela agitação intelectual que apaixonava os homens de pensamento. (COUTINHO, 2004, p. 14)

Contrariando os ideais românticos, o realismo aproximou-se da realidade ao retratar as relações sociais, os conflitos interiores do ser humano, bem como a crise das instituições. Há uma verdadeira desmistificação do mundo idealizado, dos cavaleiros destemidos e das virgens ingênuas e frágeis, pois ao invés de fugir da realidade, os realistas procuram apontar as falhas mundanas como uma forma de estimular mudanças nas instituições e no comportamento humano.

O naturalismo, por sua vez, lançou um novo olhar ao realismo, atribuindo-lhe caráter mais científico e apresentando os sentimentos humanos de forma mais densa, ao suscitar uma abordagem diferente, em seu aspecto fisiológico e por vezes até patológico desse homem no meio do qual fazia parte. Substituindo o mito do herói, surgem pessoas comuns, cheias de problemas e limitações como qualquer um de nós. Ao levar isso em conta, Coutinho (2004, p. 17) afirma que “raros foram os escritores do final do século XIX e começo do século XX que não se deixaram contaminar das ideias diretoras do Naturalismo”.

Já o parnasianismo tenta estabelecer o equilíbrio, a razão e a forma, consolidando-se como uma tentativa de restaurar a poesia clássica, que fora desprezada pelos românticos. Podemos fazer uma analogia do “espírito de época” a esses movimentos, sempre em constante busca do novo e rompendo o que consideram ultrapassado, mas ao mesmo tempo remodelando a estética vigente em uma época ao revesti-las com algumas características

peculiares das anteriores. Parece difícil dissociar o antigo do propriamente novo, visto que este surge apenas com uma nova roupagem do que já foi consolidado.

Enfim, desse entrechoque de tendências e opondo-se a esses movimentos, surge a estética simbolista no fim do século XIX, mais precisamente em 1857, quando o poeta Charles Baudelaire publica *Les fleurs du mal*, provocando inquietações nos espíritos da época. Nessa obra, o poeta parisiense remete o leitor ao tédio que os tempos modernos lhe inspira, à solidão existencial do homem, aos amores fracassados, e, sobretudo, a elementos sórdidos e repugnantes que de certa forma, foram refletidos no comportamento e no espírito dos homens, que dentre essas nuances, se identificaram com o etéreo, o místico e o macabro.

Contrário aos movimentos manifestados na época, o simbolismo enfatizou a imaginação e a fantasia de forma mais individual e particular. Foi um movimento que aprofundou os ideais românticos em suas diversas formas, surgindo como oposição ao realismo e naturalismo e desenvolvendo-se em meio às correntes materialistas e científicas.

O simbolismo surge dentro da crise social, existencial e cultural do fim do século XIX, fase de desenvolvimento industrial e conseqüentemente de desenvolvimento científico em que o homem buscou explicar os fenômenos por meio de uma nova postura diante dos acontecimentos. Baseado no subjetivismo, o movimento apresentou a sugestão, o mistério, o místico, a musicalidade, dentre outras características na literatura. Gomes fala sobre a inquietação que acompanhou o agitado momento histórico:

A euforia provocada pela crença no progresso, pelas grandes descobertas científicas, paradoxalmente acabaria por levar a séria crise. A revolução industrial, ao criar a fantasia do paraíso material do consumismo, da produção em massa de objetos, em determinado instante, mostra o outro lado da moeda. Os centros urbanos tornam-se mais agitados, mais ricos, contudo, expõem, ao mesmo tempo, a miséria dos aglomerados humanos dos bairros de lata. A automatização, que leva a produção de manufaturados em série, transforma o operário numa engrenagem da máquina. A obsessão pelo consumo, pela produção desenfreada de novidades, leva ao modismo, ao princípio de que tudo é transitório, inclusive os critérios de gosto e de arte. (GOMES, 1994, p. 8-9)

O movimento simbolista pretendia despertar as sensações humanas e nessa época o homem já expressava seu sentimento mais facilmente do que os classicistas, que se apegavam somente ao rebuscamento poético. Como afirma Gomes (1994, p. 324), “certa inquietação, porém, fazia pressentir reformas radicais, que estavam como que no ar”.

Segundo Coutinho (2004), a vitória sobre o romantismo não havia sido completa e até mesmo o período realista-naturalista teria herdado traços e caracteres do romantismo. Assim, se os elementos românticos tiveram vida naquela fase, apresentaram-se de forma latente na

estética simbolista. Mas diferentemente dos românticos, os simbolistas malditos ou decadentes não morriam por amor, pois tinham uma visão mais fria e seu sofrimento era existencial. Como Coutinho (2004) afirmou anteriormente, é este cruzamento de correntes estéticas responsável por constituir o panorama histórico dos fins do século XIX e começo do século XX, reconhecida por ser uma época de profundas transformações nos mais diversos âmbitos. Ao comparar a temática da poesia de Baudelaire a de Augusto dos Anjos, Coutinho afirma:

A influência de Baudelaire em seus temas é tão evidente que desnecessário se torna qualquer exemplificação. O desprezo pelo cotidiano, a descrença amorosa, a revolta contra o mundo, a podridão que via em todas as coisas e o que o fez servir-se ao exagero de um vocabulário deletério (feridas, úlceras, peçonha, carniça, etc.) não lhe tolhiam, porém, ocasionais impulsos líricos, como na lembrança de sua ama (Ricordanza della mia gioventú...), em 'Vandalismo' ou nos dois primeiros sonetos ao pai: 'A meu pai doente'". (COUTINHO, 2004, p. 605-606)

Em 1964, no *Diário de Notícias*, o Barros também compara os temas recorrentes na poesia de Augusto aos que Baudelaire produziu em terras francesas:

A identidade temática entre Baudelaire e Augusto ressalta na adaptação chocante e brutal de certas circunstâncias, de natureza lírica ou sagrada, ao tema da putrefação em seus detalhes mais horríveis (...) Outro ponto de identidade filosófica entre ambos está na exaltação da dor, da tristeza e das lágrimas como fatores de rejuvenescimento, higidez e beleza da criatura humana. (BARROS, 2004, p. 176-177)

Em meio ao movimento Simbolista no fim do século XIX, surge o impressionismo, que propõe suscitar as sensações e impressões estéticas ao captar o momento único da obra de arte. O importante no movimento impressionista é retratar o instantâneo e o único, tal qual é percebido pelo observador.

O expressionismo, por sua vez, aparece no início do século XX como um movimento artístico que almejou dar expressão aos sentimentos e ideias, ao refletir a insatisfação, a nostalgia, a melancolia e a paixão inerente ao homem da época, já cansado dos encargos que a modernização trouxe. Esse movimento marca a fase decadentista que revelou os mesmos valores estéticos, relacionados ao intimismo, misticismo e gosto ao mistério, marcas simbolistas mencionadas anteriormente.

Augusto dos Anjos é apontado por Zemaria Pinto (2012) como precursor do movimento expressionista, que justifica sua afirmação pelo fato de o poeta ter vivenciado o espírito de época, o *zeitgeist* da fase expressionista, iniciada na Alemanha na primeira década do século XX. Segundo Pinto (2012), Augusto dos Anjos aproxima-se, em muitos aspectos,

do expressionismo, por apresentar uma agonia universal, que pode ser exemplificada como o incômodo diante a convivência humana, além de uma densidade patológica de dor, sofrimento e destruição que permeiam sua poesia, características essas que refletem sua mais profunda expressão e impressão da realidade. Em “Monólogo de uma sombra”, por exemplo, o poeta mostra seu asco e horror às mazelas humanas, ao refletir a incompreensão da realidade que o cerca: “Com um pouco de saliva quotidiana/ Mostro meu nojo à Natureza Humana”.

São essas as inquietações a que Gomes se refere ao tratar da fase de transição entre dois séculos, um período de tantos questionamentos trazidos com as transformações nos espíritos dos homens da época:

Ao romper a década de 1890, diversos moços inquietos e descontentes com a nota literária dominante, que era a do Naturalismo-Parnasianismo, reuniram-se no Rio de Janeiro em torno de novos ideais estéticos e literários, conhecidos como ‘decadentistas’, de inspiração francesa. Era o advento do simbolismo brasileiro. (GOMES, 1994, p. 318)

Nesse sentido, vemos que o homem do fim do século XIX, amante do progresso, cede lugar ao homem mais voltado para si, um homem de sentidos mais refinados, que por sua vez, despreza o convívio social. E é com esse homem e nesse meio que Augusto dos Anjos identifica-se: como um homem mais “refinado” emocionalmente. Essa nova concepção de homem, que não se satisfaz mais em atuar como “homem-máquina”, produto da sociedade do fim do século XIX, faz com que ele se torne um progressista, inquieto pela condição que lhe é imposta, motivado especialmente em transformar o entendimento sobre si mesmo e o mundo que o cerca.

2. 2. 1 Augusto dos Anjos: reflexo de uma época

Adentramos no contexto histórico e nos movimentos estéticos que de certa forma manifestaram-se na poesia de Augusto dos Anjos. Nesta seção, expomos de forma mais direta a relação do poeta com a época da qual fez parte.

Cronologicamente e seguindo a publicação de *Eu*, a poesia de Augusto dos Anjos é classificada por grande parte dos livros de literatura como pertencente à fase pré-modernista.

Talvez a afirmação se sustente por didatismo, mas sabemos o qual inovadora e independente se mostra sua poesia. Bem sabemos que o poeta não se filiou restritamente aos movimentos literários, mas isso não quer dizer que não tenha refletido em seus versos as diversas marcas da influência delas. A principal marca de sua poesia é de influência

científico-filosófica, temas de grande interesse do poeta e que fez parte de sua formação desde menino, pois como afirmou Coutinho (2004, p. 605), “os termos científicos, que já ao tempo do parnasianismo haviam interessado alguns poetas, vieram a encontrar em Augusto dos Anjos o seu grande explorador”.

Augusto dos Anjos transferiu-se para Pernambuco para iniciar seus estudos na Faculdade de Direito do Recife em 1903. O ambiente sócio cultural que conviveu estava impregnado de novas ideias vindouras da Escola do Recife, que seguiam a doutrina de pensadores da época, dentre eles Tobias Barreto e Silvio Romero. Desta forma, acreditamos que Augusto dos Anjos refletiu veemente a vivência dessa época no livro que publicou em vida, que expressam o período de sua consolidação poética.

De acordo com a época de produção, Gullar (1978) divide a poesia de Augusto dos Anjos em três fases: A primeira (1901-1905), caracterizada pela ausência de meios de expressão próprios. Nesta fase, Augusto dos Anjos mescla características simbolistas, além de influências românticas e parnasianas. Já a segunda fase (1906-1910) pode ser compreendida por abarcar os poemas mais significantes de sua obra poética. A terceira fase (1910-1914) é permeada de questões filosóficas, onde o poeta utiliza mais a forma soneto. Segundo Gullar (1978), essa fase ocorre no período de mudança do poeta para o Rio de Janeiro, refletindo poemas menos opressores e ao mesmo tempo marcados por lembranças de sua terra natal.

No livro *Augusto dos Anjos e sua época*, Nóbrega (2012) relata alguns fatos que marcaram a Paraíba da qual Augusto dos Anjos fez parte. O historiador recorreu a uma miscelânea de acontecimentos e depoimentos na tentativa de compreender a influência de uma época na escrita do poeta paraibano.

Nóbrega (2012) relata outras facetas do poeta paraibano: Augusto dos Anjos como filho, como marido exemplar, como pai bondoso, como jovem brincalhão e por vezes até mesmo como galanteador. Com a publicação deste trabalho, Nóbrega apresenta outros vieses da personalidade de Augusto dos Anjos, confrontando com a personalidade defendida por maior parte da crítica.

Segundo Nóbrega (2012), assim como os jovens paraibanos da época, Augusto dos Anjos participava ativamente da Festa das Neves¹², comparecia aos atos religiosos, frequentava o pátio e participava ativamente do *Jornal Novenar*¹³, o qual foi diretor. Nesse

¹² Comemoração de cunho religioso em homenagem à padroeira da capital da Paraíba.

¹³ Jornal criado em 1907 com atuação exclusiva durante os dias do novenário da Festa das Neves. Durante essa data, circulava-se diariamente conteúdos cheios de verve, humor, sátira, epigramas e perfis com lisonjeio às mulheres da época.

jornal, ele publicou diversos poemas sob o pseudônimo de Tales de Mileto¹⁴, deixando aflorar seu espírito galanteador ao direcionar alguns destes poemas às moças da época:

As coleções do *Novenar*, além dos elementos de informações quem contém, relativamente à sociedade local, na primeira década deste século, possuem o grande mérito de nos revelar um Augusto bem diferente. Naquelas colunas, o do *EU* não se nos apresenta aquele poeta triste, macambúzio, só preocupados com princípios filosóficos e concepções materialistas (...) o que se vê é um Augusto alegre, galanteador, lírico, mavioso a cantar, em eruditos e primorosos versos, a formosura da mulher. (NÓBREGA, 2012, p. 89)

É evidente que o poeta utiliza um vocabulário científico que nos remete às transformações provenientes das últimas décadas do século XIX e iniciais do século XX. No entanto, Nóbrega (2012) ressalta o fato de Augusto dos Anjos ser um poeta multifacetado, o que não implica enquadrá-lo somente ao que parece de forma mais marcante em sua poesia. Visto isso, caberia uma apreciação mais detalhada da poesia augustiana.

Filho (1987), por sua vez, retrata algumas passagens marcantes na poesia de Augusto dos Anjos, quando expõe uma visão naturalista da origem do homem. Exemplificamos com o poema “Gemidos de arte”, onde o eu lírico angustia-se por ter escapado do aborto para sobreviver neste mundo. A dor de existir se mostra maior, carregada pelo fardo de lutar pela sobrevivência:

Ser homem! Escapar de ser aborto!
Sair de um ventre inchado que se anoja,
Comprar vestidos pretos numa loja
E andar de luto pelo pai que é morto!

E por trezentos e sessenta dias
Trabalhar e comer! Martírios juntos!
Alimentar-se dos irmãos defuntos
E chupar os ossos das alimárias!
(ANJOS, 2004, p. 262)

Segundo, Bueno (2004, p. 26), era como se o poeta levasse em suas próprias costas a missão de ser a consciência da humanidade e a voz da dor universal, “desde as formas inorgânicas até ao homem e mesmo ao cosmos, o poeta se torna o possuidor empático e exasperado do tesouro de misérias sociais, fisiológicas e genéticas que a realidade brasileira lhe entrega como espetáculo cotidiano e terrível”. Percebemos a reificação dessa dor quando o poeta encontra-se frente às mazelas humanas, demonstrando a constante inadaptação em conviver com “a Natureza Humana”, que se mostra desprezível:

¹⁴ Filósofo grego, considerado o primeiro filósofo do Ocidente (624 a.C – 558 a.C).

Com um pouco de saliva cotidiana
 Mostro meu nojo à Natureza Humana
 A podridão me serve de Evangelho...
 Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques
 E o animal inferior que urra nos bosques
 É com certeza meu irmão mais velho!
 (ANJOS, 2004, p. 195)

Segundo Filho (1987, p. 17), divulgar versos desse tipo no início do século XX “constituía verdadeiro atentado ao bom gosto” e aos espíritos dos homens da época, que ainda estavam em consonância com as correntes românticas e parnasianas.

Na visão de Bueno (2004), a poesia augustiana reflete a educação propagada no fim do século XIX:

Uma das bases primordiais de sua visão do mundo, e, por conseguinte, de sua obra, o seu propalado cientificismo, caracteriza bem o indivíduo educado nos últimos anos do século XIX, o século por excelência do ufanismo científico, da euforia do conhecimento e da ilusão do progresso ilimitado, criador de uma relativa onipotência do homem sobre a matéria, crenças cruelmente frustradas pelo advento bárbaro da Primeira Guerra Mundial, no ano mesmo da morte do nosso poeta. (BUENO, 2004, p. 21)

Ao adentrar no contexto histórico do período em que Augusto dos Anjos viveu, Lins (2004) afirma que os movimentos parnasiano e simbolista predominavam com certo vigor no período de formação intelectual e produção poética de Augusto dos Anjos. Segundo o crítico, quando o poeta faleceu, estávamos vivenciando um período de renovação, tanto na literatura como na ciência e nas artes plásticas, momento que trouxe uma nova perspectiva ao que se encontrava consolidado. Daí, podermos explicar o insucesso que o livro *Eu* causou, visto que fugia aos padrões vigentes da época no momento em foi publicado, em um período de transição em que a revolução das transformações caminhavam por aqui de forma mais lenta.

Para Lins (2004, p. 119), é certo que Augusto dos Anjos “se tornara uma espécie de introdutor do naturalismo na poesia brasileira”, pois valorizou temas considerados prosaicos e repulsivos, ao utilizar palavras consideradas feias e sujas, inováveis em poesia. O poeta combinou como nenhum outro, termos coloquiais, científicos e de cunho naturalista a termos rebuscados, a palavras lapidadas da língua portuguesa. É importante ressaltar que, para o crítico, “a poesia de Augusto dos Anjos era essencialmente a da sua experiência pessoal”, corroborando com o fato de refletir aspectos de sua época.

Andrade Murici (2004, p. 129) afirma que ao chegar aos seus 22 anos, em 1906, Augusto dos Anjos tornou-se livre da “atmosfera perturbadora” que se propagava nos fins do século XIX, e defende que apesar do poeta ter herdado numerosas características do

simbolismo, ao contrário de sua geração, não pode ser classificado como “neo-simbolista”. O crítico finaliza o texto deixando claro que Augusto dos Anjos seria o grande poeta que foi em qualquer época literária, mas que deve sua concretização como poeta por ter passado pela atmosfera simbolista.

2.3 AUGUSTO DOS ANJOS SOB UM NOVO OLHAR: O AMOR EM SUA POESIA

Em relação ao amor na poesia de Augusto dos Anjos, Bosi (2006, p. 308) questiona: “Se a vida (carne, sangue, instinto) não tem outro destino senão o de fabricar miasmas de morte, qual poderá ser a concepção do amor ou do prazer em Augusto dos Anjos?”. E sobre o amor, deixemos que o próprio poeta retrate no poema “Queixas noturnas”:

Sobre histórias de amor o interrogar-me
É vão, é inútil, é improficuo, em suma;
Não sou capaz de amar mulher alguma
Nem há mulher talvez capaz de amar-me
(ANJOS, 2004, p. 291)

Soares (2004), crítico e amigo do poeta, afirma que na poesia de Augusto dos Anjos o amor não se fez presente:

Na poesia de Augusto nota-se a ausência de uma clave: - a do amor, com seus sustentidos e trêmulos. Nas cordas do seu alaúde nunca estremeceu o som da volúpia: ‘Poète, prends ton luth, et me donne un baiser’. Nada de encantos de dama entreflorindo-lhe os versos. O amor, seiva e fronde da vida, não lhe tirou uma lágrima, nem no peito lhe fez bater contentamentos. (Soares, 2004, p. 71)

Segundo Gullar (1978, p. 47), a poesia de Augusto dos Anjos é fruto da descoberta dolorosa do mundo real, do encontro com uma realidade que a literatura, a filosofia e a religião já não podiam ocultar. “A expressão do amor e da ternura às vezes se defronta com uma realidade bem mais banal e repugnante”. Dessa forma, o crítico afirma ser difícil que se perceba “a patética expressão de amor” contida em alguns versos de sua poesia, assim como seu valor poético. Ao falar da morte do pai e do filho, o poeta utiliza uma linguagem repugnante para mostrar a morte como fato real, mas ao mesmo tempo expressar um sentimento sublime quando se refere aos objetos de seu amor:

Amo meu pai na atômica desordem
Entre as bocas necrófagas que o mordem
E a terra infecta que lhe cobre os rins!,
(ANJOS, 2004, p. 269)

E ao filho nascido morto:

Porção de minha plásmica substância
Em que lugar irás passar a infância
Tragicamente anônimo, a feder?!
(ANJOS, 2004, p. 207)

Bosi (2006) relaciona a obra do poeta à filosofia schopenhaueriana¹⁵, que identifica na razão de viver a raiz de todas as suas dores. Essa visão se estende em relação à temática do amor em sua poesia, pois segundo Bosi (2006, p. 308-309), fundamentado no instinto natural dos sexos, o poeta reduz o amor humano à “torpe luta de células”, que tem por finalidade criar um “projeto de cadáver”. Segundo o crítico, o desprezo pela sexualidade foi expresso com palavras de fogo ao visualizar na relação entre os sexos apenas a matilha espantada dos instintos, tendo como única finalidade a manutenção e perpetuação da espécie humana.

Em 1914, no ensaio “Poeta da morte”, ao se referir à temática amorosa no livro *Eu*, Torres (2004, p. 58) afirma que Augusto dos Anjos “toca no assunto apenas duas vezes para proclamar o seu supremo desprezo não tanto pelo sentimento como pela sensação”. Segundo Torres (2004), o real motivo de classificá-lo como “poeta da morte” justifica-se pelo fato de não amar a vida.

Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!
O amor da Humanidade é uma mentira.
É. E é por isso que na minha lira
De amores fúteis poucas vezes falo

O amor! Quando virei por fim a amá-lo?!
Quando, se o amor que a Humanidade inspira

É o amor do sibarita e da hetaíra,
De Messalina e de Sardanapalo?!
(ANJOS, 2004, p. 58)

.....

Quis saber que era o amor, por experiência,
E hoje que, enfim, conheço o seu conteúdo,
Pudera eu ter, eu que idolatro o estudo,
Todas as ciências menos esta ciência!
(ANJOS, 2004, p. 58)

Em seguida, Torres (2004, p. 58) afirma que o poeta tinha aversão acima de tudo ao que ele chamava de “amores fúteis”, pois ambicionava o amor “puro, espiritual, fluido, etéreo,

13 A filosofia Schopenhaueriana defende que toda paixão enraíza-se no instinto natural dos sexos e afirma que o amor é denominado pela satisfação dos desejos sexuais, sendo determinado e individualizado por um impulso sexual, tendo a procriação como única finalidade.

imarcescível”, que para ele aparecia como sentimento impossível, definindo o amor idealizado como:

A transubstanciação de instintos rudes,
Imponderabilíssima e impalpável
(ANJOS, 2004, p. 267)

Contrário a esse posicionamento, vemos que os primeiros críticos de Augusto dos Anjos apontam a ausência de poemas de amor em sua poesia. Segundo Bandeira (2004, p. 114), esse amor que o poeta desprezava em sua obra era o amor carnal, o qual se referia como “mentira, não era amor, não passava de comércio físico nefando”:

Certo, este o amor não é que, em ânsias, amo,
Mas certo, o egoísta amor este é que acinte
Amas, oposto a mim. Por conseguinte
Chamas amor aquilo que eu não chamo.
(ANJOS, 2004, p. 114)

Mas para o poeta paraibano, apesar de inalcançável, o amor também pode ser definido como sentimento puro, capaz de transcender até mesmo a matéria humana:

É Espírito, é éter, é substância fluida,
É assim como o ar que a gente pega e cuida,
Cuida, entretanto, não o estar pegando!

É a transubstanciação de instintos rudes,
Imponderabilíssima e impalpável,
Que anda acima da carne miserável
Como anda a garça acima dos açudes!
(ANJOS, 2004, p. 267)

Segundo Bandeira (2004, p. 115), esse amor que o poeta se referia, o amor “amizade verdadeira” foi destinado aos mais próximos, ao casamento e à família: “Deste amava os seus – os pais, a mulher, os filhos, e em relação a estes sofria de lhes deixar a herança horrenda da carne”. Bandeira (2004) defende que Augusto dos Anjos destinou seu amor “a todas as criaturas sofredoras”:

Amor de todas as criaturas sofredoras – dos doentes, das prostitutas, do pobre Tôca “que carregava canas para o engenho”, da sua ama-de-leite; dos animais – do corupião, preso, em sua gaiola como a alma do homem na podridão da carne, do cão “latindo a esquisitíssima prosódia da angústia hereditária de seus pais!”, do carneiro abatido para satisfazer a fome necrófila dos homens (a fome, “o barulho de mandíbulas e abdomens” enchia-o de desprezo por tudo isso, dava-lhe “uma vontade absurda de ser Cristo, para sacrificar-se pelos homens!”); o amor das árvores da serra, do tamarindo do engenho, a que se refere em vários poemas; o amor até das

coisas materiais, detidas “no rudimentarismo do desejo”, gemendo “no soluço da forma ainda imprecisa... da transcendência que se não realiza... da luz que não chegou a ser lampejo...”; e acima de tudo o amor das “claridades absolutas”, da Verdade, da Soberana Idéia imanente, da Arte, única cidadela contra a Morte, contra “as forças más da Natureza”. (BANDEIRA, 2004, p. 115).

Bandeira (2004) compartilhou a mesma ideia de Torres (2004) em relação à abordagem e presença do amor na poesia de Augusto dos Anjos, manifestada de diversas formas e destinadas a objetos empíricos ou imateriais. Vemos que Bandeira faz uma abordagem um tanto generalizadora, ratificando, por fim que a poesia augustiana antes mesmo de suscitar emoções, destaca-se como uma poesia de ideias.

Para Lins (2004), o poeta não acredita sequer na existência do amor, referindo-se a esse sentimento como uma grande ilusão do homem diante sua realidade. Contudo, ele ama o coveiro, afirmação que dialoga com o amor que sente pela única força redentora, capaz de dirimir o sofrimento de viver: a morte.

Como ama o homem adúltero o adultério
E o ébrio a garrafa tóxica de rum,
Amo o coveiro – este ladrão comum
Que arrasta a gente para o cemitério!
(ANJOS, 2004, p. 383)

Vemos que a temática do amor compartilha de opiniões divergentes, pois é abordada de modos diferentes também, ora como sentimento degradante, ora como supremo. Segundo a obra biográfica de Nóbrega (2012), o poema “Súplica num túmulo”, publicado em 1902 no Jornal *O Comércio*, retrata a dor causada pela perda da mulher amada, fato que ocorreu no Engenho Pau D’arco em 1900. Ressaltamos que esse poema só foi incluso em *Poemas esquecidos*.

Maria, eis-me a teus pés. Eu venho arrependido,
Implorar-te o perdão do imenso crime meu!
Eis-me, pois, a teus pés, perdoa o teu vencido,
Açucena de Deus, lírio morto do Céu!

Perdão! E a minha voz estertora um gemido,
E o lábio meu pra sempre apartado do teu
Não há de beijar mais o teu lábio querido!
Ah! Quando tu morreste, o meu Sonho morreu!

Perdão, pátria da Aurora exilada do Sonho!
- Irei agora, assim, pelo mundo, para onde
Me levar o Destino abatido e tristonho...

Perdão! E este silêncio e esta tumba que cala!
Insânia, insânia, insânia, ah! ninguém me responde...
Perdão! E este sepulcro imenso que não fala!
(ANJOS, 2004, p. 428)

Para Nóbrega (2012, p. 223), “não é possível afirmar que Augusto tenha se conservado incólume ao amor”. Tal afirmação se baseia na perda da bem amada, pois foi “um ideal truncado pela morte, constituiu o episódio gerador de suas frequentes revoltas contra a religião de seus pais”. Outro exemplo de sofrimento amoroso pode ser percebido no poema “A ilha de Cipango”, que segundo Nóbrega (2012) remonta o triste epílogo da primeira e má sucedida história de amor de Augusto dos Anjos.

Foi nessa ilha encantada de Cipango,
Verde, afetando a forma de um losango,
Rica, ostentando amplo floral risonho,
Que Toscanelli viu seu sonho extinto
E como sucedeu a Afonso Quinto
Foi sobre essa ilha que extingui meu sonho!

Lembro-me bem. Nesse maldito dia
O gênio singular da Fantasia
Convidou-me a sorrir para um passeio...
Irámos a um país de eternas pazes
Onde em cada deserto há mil oásis
E em cada rocha um cristalino veio.

Gozei numa hora séculos de afagos,
Banhei-me na água de risonhos lagos,
E finalmente me cobri de flores...
Mas veio o vento que a Desgraça espalha
E cobriu-me com o pano da mortalha,
Que estou cosendo para os meus amores!

Desde então para cá fiquei sombrio!
Um penetrante e corrosivo frio
Anestesiou-me a sensibilidade
E a grandes golpes arrancou as raízes
Que prendiam meus dias infelizes
A um sonho antigo de felicidade!
(ANJOS, 2004, p. 282)

Nóbrega (2012, p. 90) ressalta ainda a importância das informações contidas no *Jornal Novenar*, do qual Augusto dos Anjos fazia parte, por revelar um Augusto dos Anjos “alegre, galanteador, lírico, mavioso a cantar, em eruditos e primorosos versos, a formosura da mulher”. É esperado que tal afirmação cause surpresa aos mais diversos leitores de *Eu e outras poesias*, uma vez que é o próprio poeta que se posiciona em relação ao amor, referindo-se ao “amor da Humanidade como uma mentira”.

A pesquisa realizada por Nóbrega (2012) mostrou poemas que manifestam uma realidade mais profunda da obra poética de Augusto dos Anjos, em um período próximo ao da publicação do livro *Eu*, fase em que o poeta compunha versos amorosos, como o poema “Fotografias”, dedicado a sua noiva Ester Fialho, sob o pseudônimo de Tales de Mileto:

Ei-la, a máxima sílfide impoluta
 – A plenipotenciária da Beleza
 Que a própria gente bárbara traz presa
 À sua egrégia estética absoluta.

Canta, e a gente a davídica harpa escuta!
 Ah! Tamanha harmonia é, com certeza,
 Toda a objetivação da Natureza
 Rendida ao Som, no término da luta.

E norme liame ideal a ela nos prende;
 Quando ela chega, oculto gênio acende
 Na imensidade a eclipse ígnea dos sóis...

Seu canto é o Niebelungen da Germânia
 E o homem extraordinário da Lituânia
 Talvez chorasse, ouvindo a sua voz.
 (NÓBREGA, 2012, p. 89)

Com esse pequeno apanhado sobre a atuação do homem Augusto dos Anjos na Paraíba do fim do século XIX, dá para se ter ideia do contexto em que foram produzidos seus versos iniciais, momento em que sua poesia refletia, por vezes, caráter “multifacetado”.

2.4 BREVES CONSIDERAÇÕES FILOSÓFICAS SOBRE O AMOR

Atração, proteção, bem querer, colocar-se no lugar do outro, são apenas algumas das possíveis atribuições que nos vem em mente quando pensamos na temática do amor, que se apresenta como um tema unissecular e atemporal, abordada em diversos âmbitos, sejam eles históricos, filosóficos, mitológicos, poéticos, literários e até mesmo religiosos. Fala-se de amor de diferentes formas e concepções, mas o fato é que ele continua apresentando inesgotáveis definições.

A temática do amor, secular e atemporal, é manifestada ininterruptamente por antigas e atuais civilizações. Independente das diversas acepções destinadas a ele, é inquestionável o fato de que esse tema continue sobressaindo também em nossa literatura, sejam em obras dramáticas, trágicas, cômicas, românticas, populares ou clássicas, bem como na poesia de modo geral.

Como palavra multissignificativa, o lexema *amor* engendra vários significados segundo a etimologia grega, podendo ser diferenciado em *eros*, *philos* e *ágape*. O *eros*¹⁶ não se refere ao amor puramente sexual, mas pode garantir a continuidade da espécie, visto que

¹⁶ Conceito desenvolvido por Aristóteles.

propicia o impulso sexual. A *philia*, que remete ao amor amizade, referindo-se, por exemplo, ao amor entre amigos e à família. Entretanto, há como ser erotizado, pois também pode consolidar-se entre dois amantes, diferentemente do amor *ágape*, que remete à *caritas*, à doação que um indivíduo deve a outro sem esperar nada em troca, ou ainda, ao amor altruísta.

Visto que amor é temática de inúmeras discussões e reflexões, falaremos desse sentimento abarcando a concepção filosófica sob duas diferentes perspectivas: a definição platônica e a schopenhaueriana. Dada à vasta definição filosófica em relação à abordagem do tema, não adentraremos no estudo aprofundado do sentimento amor, apenas abordaremos duas conceituações que se contrapõem e que despertam interesse às análises das visões de amor encontradas na poesia de Augusto dos Anjos. A primeira, a visão platônica, que dentre tantas discussões, associa a característica de sentimento elevado e sublime ao amor, e a segunda, a visão schopenhaueriana, que se contrapõe a essa ideia enaltecida do amor, sendo por isso, a mais utilizada pelos manuais de literatura quando referem-se à poesia de Augusto dos Anjos, especialmente por seu caráter aversivo em relação ao sentimento amor.

2.4.1 Concepção Platônica

Em sentido geral, amor platônico é uma expressão utilizada para designar um amor idealizado, e até mesmo impossível de ser correspondido. A filosofia de Platão (1987) se refere ao amor voltado ao plano das ideias, ou ainda à realidade, referindo-se a essas ideias como pura razão que nos levam ao que é realmente importante, à essência de todas as coisas. Enquanto nosso mundo real condiz à pura ilusão, no sentido de voltar-se à aparências, cópia desse mundo ideal. Mas não pretendemos adentrar na teoria de Platão (1987) de modo geral, apenas tecer um breve comentário sobre a abordagem que o filósofo destinou ao amor no livro *O Banquete*, um dos diálogos mais elaborados a respeito dessa temática.

O Banquete expõe discursos de louvor e celebração ao amor, apresentando diferentes opiniões a respeito desse sentimento por meio das personagens do diálogo. Platão (1987) busca compreender esse sentimento, o classificando de diferentes modos: o amor terreno, aquele do corpo; o amor da alma, o que leva ao conhecimento e por fim, o que apresenta a mistura dos dois tipos mencionados anteriormente.

Antes de falarmos sobre a percepção de amor abordada nesta obra, justificamos que apesar de mencionarmos os personagens com voz ativa no texto, referimos-nos a eles em sentido ficcional, ao considerarmos o fato de que até a atualidade exista um grande debate sobre a vivência empírica desses seres. Fato que fez com que nos apoiássemos na metodologia

de Platão como processo dialético de reflexão sobre o real, o que obviamente exige que levemos em conta a concepção platônica de amor suscitada por essas personagens, os compreendendo como extensão do pensamento platônico.

Fedro, uma das principais personagens do diálogo, inicia o discurso de louvor ao amor falando da inspiração deste sentimento para a virtude e a conseqüente felicidade dos homens.

Mas com efeito, o que realmente mais admiram e honram os deuses é essa virtude que se forma em torno do amor, porém mais ainda admiram-na e apreciam e recompensam quando é o amado que gosta do amante do que quando é este daquele... Assim, pois, eu afirmo que o Amor é um dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte. (PLATÃO, 1987, p. 14).

Pausânias, por sua vez, fala do amor que pode se manifestar no amante, referindo-se a ele como aquele que ama o corpo mais que a alma, e que por isso se prende a interesses não elevados. Esse personagem revela duas formas de amor: associado ao eterno, o qual relaciona à Afrodite Urânia, e ao transitório, relacionado à Afrodite Pandêmia, concluindo que apesar de louvar a representação da Urânia, os dois amores são necessários, tanto o que se estende à elevação da alma quanto o relacionado aos prazeres carnis. Nesse caso, percebemos uma oscilação na duplicidade de amores tratadas.

No discurso de Erixímaco, a ideia de amor aparece unificada à ideia do Bem como a essência de todas as coisas. Erixímaco retoma o que foi defendido por Pausânidas ao recomendar que os homens mantenham “o seu amor que é o belo, o celestial, o Amor da musa Urânia, que é a padroeira da poesia lírica, a poesia dos sentimentos pessoais e das paixões; o outro, o de Polímnia, é o popular, que com precaução se deve trazer àqueles a que se traz.” (PLATÃO, 1987, p. 21). Ou seja, para ele o amor não se caracteriza por exercer influência apenas na alma, mas também no corpo:

Assim, múltiplo e grande, ou melhor, universal é o poder que em geral tem todo o Amor, mas aquele que em torno do que é bom se consuma com sabedoria e justiça, entre nós como entre os deuses, é o que tem o máximo poder e toda felicidade nos prepara, pondo-nos em condições de não só entre nós mantermos convívio e amizade, como também com os que são mais poderosos que nós, os deuses (PLATÃO, 1987, p. 21).

Personagem advertido no discurso a não fazer comédia com o tema, Aristófanes é apontado pela historiografia como importante dramaturgo grego, que viveu entre 447 a.C. e 385 a.C. Ao falar sobre o amor, Aristófanes afirma que “é ele com efeito o deus mais amigo do homem, protetor e médico desses males, de cuja cura dependeria sem dúvida a maior

felicidade para o gênero humano”. (PLATÃO, 1987, p. 22). Aristófanes apresentou um discurso diferenciado ao levantar a questão da completude do sentimento nos seres andróginos.

Para ele, antes de entender o amor, é primordial que se entenda a natureza humana, possível de ser compreendida quando pensamos na androginia e nas relações estabelecidas entre esse gênero, que figuraram tão presentes na Grécia Antiga¹⁷. Ele caracteriza os andróginos como indivíduos corajosos e viris porque se dão entre semelhantes e sugere que voltemos às origens, a qual ele define como “antiga natureza”, atribuindo a ela a característica de totalidade, e definindo, por fim, amor ao desejo e procura desse todo. Nesse sentido, amor aparece como a unificação de pessoas do mesmo sexo, e sua elevação se dá por conta do regresso à sua natureza primitiva, ao firmar-se entre dois iguais. Dessa forma, segundo Aristófanes, se assim realizássemos o amor, nos tornaríamos felizes.

Em seu discurso de enaltecimento ao amor, Agatão atribui a ele a qualidade de mais belo e melhor entre os deuses, quando o relaciona à delicadeza da deusa Ate¹⁸ e à característica de constituição úmida, pois essa formação permite que ele se amolde e se adapte entre os seres. Reconhecemos esse enaltecimento quando Agatão afirma que esse sentimento “não comete nem sofre injustiça, nem de um deus ou contra um deus, nem de um homem ou contra um homem” (PLATÃO, 1987, p. 28). Agatão refere-se ao amor como sinônimo de bem-querer, “propício e bom; contemplado pelos sábios e admirado pelos deuses; invejado pelos desafortunados e conquistado pelos afortunados”, pois segundo ele, o amor “encanta o pensamento de todos os deuses e homens” (PLATÃO, 1987, p. 29-30).

Sócrates, por sua vez, chama atenção para a realidade ao enfatizar que seu discurso, diferente dos anteriores, não se preocupará exclusivamente com a aparência, de modo que não deixará de ser um louvor ao amor, mas será dito a seu modo, com a realidade que julga necessária. Em seu diálogo, contrapõe o que foi defendido por Agatão e pelos demais, quando afirma que o homem deseja o que não tem, fato que implica a carência de algo, e que o amor é belo, pois na visão de Sócrates, se o amor é carente do que é belo, e o que é bom é belo, ele também seria carente do que é bom. Em seguida, Agatão rememora a conversa que teve com Diotima¹⁹, sacerdotisa que o instruíra nas questões do amor, quando esta o apresentava uma visão imbricada de dualidade. E prossegue, questionando Diotima sobre uma possível

¹⁷ Nesse caso, de aproximadamente 380 a.C, período de publicação do livro.

¹⁸ Deusa da fatalidade, personificação das ações irreflexivas e suas consequências. Pousa na cabeça dos mortais sem que eles percebam, alertando-os de suas desatenção, sendo assim um divindade considerada sábia.

¹⁹ Filósofa responsável pela origem do conceito socrático-platônico de amor. A única fonte sobre ela é o próprio Platão e por isso não é possível assegurar se era uma personagem ou alguém que de fato tenha existido na Grécia Antiga.

definição de amor, ao que esta o responde que o amor “não é bom nem belo, mas algo que está entre esses dois extremos” (PLATÃO, 1987, p. 34-35).

Apesar das diversas abordagens do amor, Platão (1987) apresenta-o essencialmente como sentimento magnânimo, a começar por sua associação ao mundo das ideias, que já atribui o caráter do que é realmente importante, como essência de todas as coisas. Visto isso, é evidente compreender à associação do sentimento amor, quando referenciado de forma enaltecida, à visão platônica de amor, associada ao mundo das idéias. Evidenciamos essa visão, utilizando como exemplo esses versos do poema “Afetos”: “*Bendito o amor que infiltra n'alma o enleio/ E santifica da existência o cardo,/ – Amor que é mirra e que é sagrado nardo,/ turificando a languidez dum seio!*”. (ANJOS, 2004, p. 429).

Além da apresentação desse sentimento de forma sublime, Platão (1987) enfatizou o amor sexual como um meio de ascensão ao espiritual. Contrária a essa visão, daremos continuidade à outra concepção filosófica sobre amor, na seção seguinte nos apoiando para isso, à filosofia de Schopenhauer.

2.4.2. Concepção Schopenhaueriana

Nesta seção, utilizamos o livro *Metafísica do amor*, de Schopenhauer (2000), por consistir na visão que a crítica, e em especial os manuais de literatura atribuem à poesia de Augusto dos Anjos. Nesse volume, temos a concepção do amor sexual enquanto manifestação da essência do mundo, como Vontade de vida sedenta por existência.

Para compreendermos melhor essa concepção de amor, faz-se necessário uma explicação sobre Vontade, reverberação da abordagem schopenhaueriana sobre amor. Essa Vontade contitui-se como essência em si, ou seja, depende de si própria e independe das inúmeras representações do mundo, e sua manifestação ocorre através do corpo, quando movido por ações irrefletidas, livres de juízo de valor, ou ainda, do que Schopenhauer associaria como o que já está impregnado de representação.

Para exemplificar, pensemos na vontade humana, pulsante no corpo, como a manifestação mais clara dessa Vontade que Schopenhauer aborda. Em *Metafísica do amor*, Schopenhauer (2000) mostra que o amor advém de uma força extrema, impulsionada pela Vontade; que por sua vez, atua de forma visceral no homem. Para ele, esse amor enraíza-se no instinto natural dos sexos, sendo determinado e individualizado por um impulso sexual.

É ele a meta final de quase todo o esforço humano, exercendo influência prejudicial nos mais importantes casos, interrompendo a toda hora as mais sérias ocupações, às vezes pondo em confusão por momentos até mesmo as maiores cabeças, não se intimidando de se intrometer e atrapalhar, com suas bagatelas, as negociações dos homens de Estado e as investigações dos sábios... (SCHOPENHAUER, 2000, p. 7)

Vemos que a força da qual Schopenhauer trata, ou ainda, o impulso sexual, imiscui-se na vida humana, sem restrições quanto à ocupação que este desempenha, seja na política, na ciência ou na arte. Aliada ao amor à vida, Schopenhauer (2000) define essa força como a maior impulsora do homem.

Segundo Schopenhauer (2000), a finalidade do sentimento amor é somente a procriação, por mais desinteressada que esta possa parecer. Mas essa finalidade que a espécie humana objetiva é tecida sutilmente, sem que os envolvidos percebam a intenção que a admiração pelo outro o induz. Segundo Schopenhauer (2000), essa seria a forma de a natureza atingir seus fins. A isto, resume-se que o fim de todo impulso sexual está relacionado à representação que os indivíduos criam para atingir seu principal objetivo: a procriação.

O fato de que por mais objetiva e sublime que possa parecer essa admiração, todo estar-enamorado tem em mira unicamente a procriação de um indivíduo de determinada índole, logo se confirma por não ser o essencial a simples correspondência amorosa, mas a posse, isto é, o gozo físico. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 10)

Schopenhauer (2000) complementa que são nas relações individuais que prevalecem uma vontade de vida, a qual ele caracteriza como vontade de perpetuação da espécie, ou ainda, à vontade que os indivíduos têm de propagar suas características. Neste caso, o individual está sempre em consonância com o coletivo, de modo que, mesmo que esse indivíduo projete características individuais no novo ser, estará na verdade contribuindo para a perpetuação da espécie, que abrange uma finalidade coletiva. Dessa forma, o instinto sexual sempre estará voltado ao bem-estar da espécie, não do indivíduo.

A inclinação crescente entre dois amantes é, propriamente falando, já a vontade de vida do novo indivíduo, que eles podem e gostariam de procriar. Já mesmo no encontro de seus olhares cheios de desejo se inflama a nova vida, anunciando-se como uma individualidade vindoura harmoniosa e bem constituída. [...] Em tais casos, a natureza só pode alcançar o seu fim se implantar no indivíduo uma certa *ilusão*, em virtude da qual aparece como um bem para ele mesmo, o que é de fato um bem só para a espécie, de modo que ele a serve enquanto pensa a servir a si mesmo. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 11-16)

Essa visão schopenhaueriana, que retrata o amor como Vontade, desejo e força, relaciona-se às atribuições que Bosi (2006) destinou à poesia de Augusto dos Anjos: a de uma

poesia aversiva em relação ao amor romantizado, movida apenas pelo objetivo de procriação da espécie humana. No soneto destinado ao filho nascido morto, vemos claramente essa visão de perpetuação de suas características através de um novo ser:

Agregado infeliz de sangue e cal,
Fruto rubro de carne agonizante,
Filho da grande força fecundante
De minha brônzea trama neuronal,
.....

Porção de minha plásmica substância,
Em que lugar irás passar a infância,
Tragicamente anônimo, a feder?!
(ANJOS, 2004, p. 207)

Além da finalidade de procriação, para Schopenhauer (2000), o amor é entendido como uma ilusão, saciada a Vontade do indivíduo. Depois da satisfação momentânea da Vontade, fase em que os indivíduos já tenham se esforçado “em favor do próprio gozo”, dá-se espaço à desilusão:

Cada enamorado, depois do gozo finalmente obtido, experimenta uma estranha decepção e se espanta que algo desejado com tanto anelo não proporcione mais do que qualquer outra satisfação sexual, de modo que não se vê aí muito favorecido [...] Assim, cada enamorado, depois da realização final da grande obra, acha-se ludibriado, já que desapareceu a ilusão por meio da qual o indivíduo foi enganado pela espécie. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 19 - 20)

Essa associação de amor à ilusão é ainda mais relacionada à poesia de Augusto dos Anjos, desde as primeiras críticas sobre a possibilidade de amor em seus versos. Vemos um exemplo no conhecido poema “Idealismo”:

Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!
O amor da Humanidade é uma mentira.
É. E é por isto que na minha lira
De amores fúteis poucas vezes falo.

O amor! Quando virei por fim a amá-lo?!
Quando, se o amor que a Humanidade inspira
É o amor do sibarita e da hetaíra,
De Messalina e de Sardanapalo?!
(ANJOS, 2004, p. 229)

Em suma, visto as duas conceituações sobre amor, temos que enquanto Platão (1987) aproxima o amor à ideia da beleza, do bom e do bem, Schopenhauer (2000) o relaciona a um

instinto natural dos sexos, apenas como uma manifestação da vontade humana, com única finalidade de procriação.

3 O AMOR TRATADO PELO VIÉS DA ESTATÍSTICA LITERÁRIA

Este capítulo consiste na parte prática deste trabalho, ou ainda, na investigação aliada à interpretação dos dados obtidos por meio do *Lexico3*. Primeiramente, fizemos um levantamento dos dados lexicométricos²⁰ encontrados no *corpus* poético estudado, processo de fundamental importância para a realização de sua análise semântica. Apontamos especificamente o uso do lexema *amor* e de suas flexões verbais na obra poética de Augusto dos Anjos, e, em seguida, com o auxílio da ferramenta *concordance*, identificamos os versos que continham o lexema *amor* para a análise semântica dos mesmos, de modo que a interpretação dessas passagens exigiu a leitura e análise do poema completo.

Na segunda seção, comparamos as visões de amor contidas em cada *corpus* textual que compõe a produção poética de Augusto dos Anjos (Eu, Outras poesias, Poemas esquecidos e Poemas dispersos). Para chegarmos a essas visões, recorreremos à montagem de gráficos com o intuito de ilustrar os dados disponibilizados pelo *software Lexico3*. Para uma melhor visualização, ilustramos essas visões de amor com modelos gráficos do *Microsoft Office Excel*, demonstrando em apenas um modelo gráfico as coordenadas apontadas pelos gráficos do *Lexico3*.

E por fim, na terceira seção, nos propomos a analisar o percurso das visões de amor ao longo da produção poética augustiana. Para tanto, nos baseamos no ano de publicação dos poemas, disponibilizado em *Augusto dos Anjos: poesia e prosa*, de Zenir Campos Reis (1977), livro que dispõe a ordem cronológica da produção poética augustiana.

3.1 APLICAÇÃO DO *LEXICO3* NO *CORPUS* ESTUDADO

Começamos as análises estatísticas utilizando o *software Lexico3*, programa de estatística textual que realiza a contagem de palavras, a elaboração de gráficos e o fornecimento de dados com precisão para que o pesquisador analise a riqueza vocabular de determinado autor, dentre tantas outras funções. Com o uso do *Lexico3*, conseqüentemente, ganhamos agilidade na realização dos objetivos propostos, mas não deixemos de mencionar que para alcançar esse propósito, nos coube trabalhar na preparação do texto, que consistiu na

²⁰ Daqui em diante utilizaremos o termo *lexicometria* para designar os dados lexicais fornecidos pelo programa, visto que *estilometria* passa a ideia de traços estilísticos mais detalhados do que aqueles que propomos investigar: o comportamento do lexema *amor* e de suas flexões verbais na obra augustiana.

revisão do *corpus*, seguida do balizamento do mesmo, e por fim, na análise dos dados estatísticos.

Para que obtivéssemos a frequência do lexema *amor* e de suas flexões verbais, retiramos a obra completa de Augusto dos Anjos da biblioteca digital, que se encontra no site do Nupill – Núcleo de Pesquisa em Informática, Linguística e Literatura. Em seguida, revisamos o *corpus* obedecendo à ordem dos poemas, tendo por base o livro de Zenir Campos Reis (1977), para, por fim, realizarmos o balizamento dos mesmos. O *corpus* retirado consiste em: *Eu, Outras poesias, Poemas esquecidos e Poemas dispersos*. Alguns poemas constituintes de *Poemas esquecidos e dispersos* foram digitados por não encontrarem-se disponíveis no sítio do Nupill, nem em fontes seguras da internet.

O processo de balizamento dos textos consiste na sinalização e identificação do *corpus* trabalhado para que este possa ser submetido ao programa. E para que a aplicação do balizamento desse *corpus* ocorra, fez-se necessário realizar as etapas que seguem:

- 1) O *corpus* foi aberto e revisado no *Microsoft Word*. A etapa de revisão exige muita atenção por parte do pesquisador, que deve revisar a obra por mais de uma vez com o intento de certificar-se sobre a correta ortografia, acentuação, sinais de pontuação, caracteres que exigem exatidão, principalmente nos trabalhos mais voltados aos estudos estilísticos. Denominamos esse processo como uma etapa de tratamento do texto;
- 2) Foram retiradas todas as letras maiúsculas, pois o *Lexico3* é *case sensitive* e o uso de letras de tamanho diferente poderia levar a erros;
- 3) No início de cada estrofe foi acrescentado o caractere [§] como marcador;
- 4) Realizou-se a identificação de cada poema. Ex: [eu 01], [op 02];
- 5) Em seguida, o *corpus* foi copiado no *Microsoft Notepad* e salvo no formato *.txt*, que é o formato reconhecido pelo programa *Lexico3*.

A precisão no processo de balizamento descrito acima é de fundamental importância para que o *corpus* seja aceito pelo *Lexico3*, garantindo seu bom funcionamento quanto à obtenção de dados. Ao longo dessa pesquisa, trabalhamos exatamente com a extensão total de 12.292 lexemas contidos no *corpus* poético de Augusto dos Anjos. Optamos por trabalhar com a frequência relativa por esta estabelecer uma relação de proporção com o tamanho total do *corpus* trabalhado. Listamos abaixo as ferramentas que foram utilizadas nessa pesquisa:

- ✓ O *index*, que funciona como uma lista de vocábulos (*Diccionnaire*) e frequência em que ele aparece no texto. Essa lista se apresenta em ordem alfabética ou decrescente de frequência e atua como um forte indicador das palavras mais utilizadas pelo autor. Em *Poemas esquecidos e dispersos*, por exemplo, o lexema *amor* aparece como segunda palavra mais utilizada.
- ✓ O *groupe de formes*, ferramenta que nos forneceu o grupo de todas as palavras que continham o radical *am-*, de modo que para não fugirmos do objetivo dessa pesquisa, descartamos os vocábulos que não se relacionavam ao lexema *amor*, como por exemplo, *amargura*. Na mesma classe gramatical de *amor*, mantemos apenas os substantivos *amores* e *amada*.
- ✓ Os *gráficos* obtidos por meio do programa *Lexico3*, pois apontaram a frequência que os lexemas investigados apareceram, indicaram também os poemas em que os lexemas investigados se encontravam inseridos. A visualização dos gráficos é realizada em frequência absoluta, cabendo, portanto, ao pesquisador à realização de cálculos com o intuito de comparar a frequência de palavras obtidas à frequência total de palavras de um determinado *corpus* em termos relativos.
- ✓ A *concordance*, que apresenta a localização do vocábulo investigado, ferramenta que permite que o pesquisador identifique o lexema na obra e analise o contexto em que se encontra inserido no poema para uma interpretação mais precisa.

Com a utilização dessas ferramentas específicas disponibilizadas pelo programa *Lexico3*, pudemos obter e constatar dados relevantes ao resultado de nossa pesquisa, visto que cumprir os objetivos que nos propomos com a precisão que o trabalho exige e de forma manual demandaria um desdobramento de difícil execução por parte do pesquisador, que não trabalha somente com levantamento de dados, mas com a interpretação que um trabalho dessa natureza requer.

Apesar de longa, e por vez exaustiva, essa explicação metodológica se faz necessária para demonstrar como ocorreu o tratamento do texto estudado e a utilização das ferramentas do *Lexico3* na realização deste trabalho.

3.2 O LEXEMA *AMOR* E SUAS FLEXÕES VERBAIS: LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, demonstramos os principais dados estatísticos obtidos após a submissão e manuseio de cada *corpus* balizado no *software Lexico3*, tendo por meta a identificação do lexema *amor* e verbos correlacionados a ele na obra poética augustiana. Ressaltamos que mesmo não sendo o principal objetivo dessa pesquisa, mas visto sua relevância à estilística de Augusto dos Anjos, apontamos os principais dados lexicométricos, indicadores do número de *formes*²¹ e *hapax*²² de cada *corpus*, obtidos com o uso do programa *Lexico3*. Em seguida, realizamos uma análise semântica, seguida da interpretação de alguns poemas selecionados, apontando especialmente duas visões de amor observadas em cada *corpus*.

Sem atribuição de juízo de valor, mas por ter sido o modo encontrado para a realização desse trabalho, designamos duas visões de amor à produção de Augusto dos Anjos: a visão positiva e a visão negativa. Somada a essas duas visões, atribuímos à denominação de visão neutra àquela em que o lexema *amor* ou suas variantes são empregados como mero recurso estilístico, sem nenhum posicionamento e geralmente voltado a algo imaterial. Neste caso, o eu poético não apresenta um posicionamento aversivo ou enaltecido aos objetos de seu amor, mas o menciona de modo imparcial.

Frisamos que nesse trabalho os termos não foram utilizados de modo pejorativo ou apreciativo, mas como nomenclatura condizente às duas visões de amor que propomos investigar. Expliquemos melhor: denominamos de visão negativa aquela apontada especialmente pelos manuais de literatura como uma visão aversiva do sentimento amor, associada à filosofia schopenhaueriana. Essa visão pode ser voltada aos instintos sexuais, ou ainda mencionada como causadora de sofrimento, quando associada à desilusão. Enquanto que a visão positiva, por sua vez pouco propagada, quando não ocultada pelos manuais de literatura, se volta a uma ideia de amor puro, à ideia do amor voltado ao belo e ao bem, encontrada na obra “O Banquete”, de Platão. Neste caso, essa visão compartilha a ideia de amor enaltecido, como sentimento puro e elevado.

Os subtópicos expostos adiante, referentes a cada *corpus* textual utilizado, apresentam os dados obtidos seguidos das interpretações que lhes cabem, pontos norteadores nesta seção.

²¹ Correspondente ao número de palavras presentes no texto. Em nossos cálculos, levamos em conta a quantificação das palavras encontradas em relação ao número total de formas que compõem o texto.

²² Palavras que aparecem uma única vez.

3.2.1 Dados lexicométricos encontrados em *Eu*

Apresentamos o número total de formas e de palavras *hapax* que compõem o *corpus* de cada unidade da obra augustiana. Os dados lexicométricos disponibilizados abaixo têm relevância estilística, pois indicam a riqueza vocabular do autor. Temos como primeiro exemplo o livro *Eu, corpus* em que esse número *hapax* corresponde a 71% dos lexemas do texto.

Tabela 1 – Número de formas e palavras *hapax* encontradas em *Eu*.

Número de formas	5.365
Número de <i>hapax</i>	3.856

Fonte: autora (2014)

Ao objetivarmos dados mais precisos que nos ajudem a responder à proposta desse projeto, levamos em conta as flexões verbais que se ligam ao radical *am-*. Em *Eu*, livro de 56 poemas, contabilizamos a soma do lexema *amor* e de suas flexões verbais por 39 vezes, implicando na frequência de 0,7% em relação ao *corpus* total em estudo. Nesse *corpus*, o *índex* apontou o lexema *amor* na 7ª posição de palavras substantivas utilizadas, seguindo a ordem: *noite, alma, homem, mundo, vida, morte*, e por fim, *amor*. Segue uma tabela contendo as flexões verbais encontradas em *Eu*:

Tabela 2 – Relação do lexema *amor* e de suas flexões verbais no livro *Eu*.

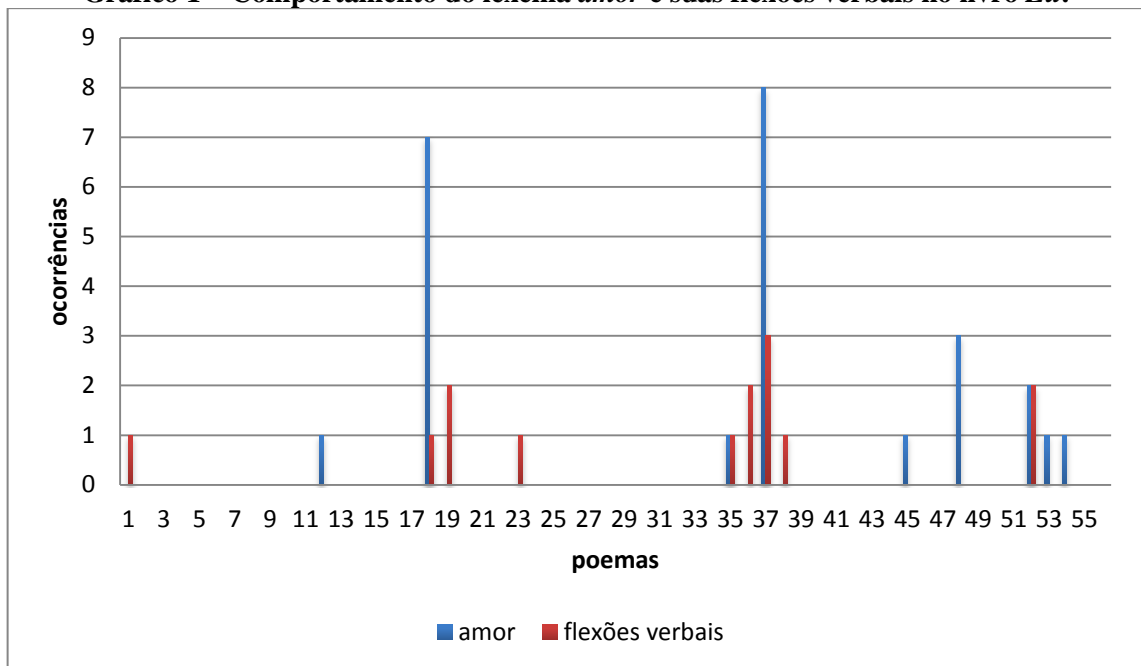
Lexemas	Frequência
amor	22
ama	2
amo	4
amores	3
amar	2
amá	1
amamos	1
amando	1
amas	1
ame	1
amou	1

Fonte: autora (2014)

Tivemos o cuidado de analisar o contexto em que os verbos aparecem, o que nos fez desconsiderar, por exemplo, o lexema *ama* classificado como substantivo por três vezes, ao referir-se à *ama-de-leite* no poema “Ricordanza della mia gioventú”, e assim, contabilizarmos apenas as duas vezes em que ele aparece como verbo no *corpus*.

Abaixo, segue a visualização do gráfico que demonstra o comportamento do lexema *amor* e de suas flexões verbais no livro *Eu*.

Gráfico 1 – Comportamento do lexema *amor* e suas flexões verbais no livro *Eu*.



Fonte: autora (2014)

Na coordenada horizontal do gráfico acima, é possível visualizar a ordem dos poemas que constam no livro *Eu*, e na vertical, a frequência dos lexemas investigados. Neste caso, visualizamos o comportamento do lexema *amor* em vermelho, e de suas flexões verbais, em azul. Observemos que neste *corpus* levamos em conta o substantivo *amores*, visto ter a mesma classificação morfológica do lexema *amor* e pertencer à classe de lexemas semanticamente significantes com radical de inicial am-. Disponibilizamos os versos e os devidos poemas que fazem referência ao amor, seguido das numerações (marcação) que correspondem às balizas e, por conseguinte, aos 14 poemas que mencionam amor no livro *Eu*:

Quadro 1 – Legenda do gráfico referente ao livro *Eu*.

Marcação	Poema	Classificação morfológica	Contextualização	Visões de amor
01	“Monólogo de uma sombra”	verbo <i>amo</i>	“ <i>amo</i> o esterco, os resíduos ruins dos quiosques e o animal inferior que urra nos bosques é com certeza meu irmão mais velho!”	neutra
12	“As cismas do destino”	substantivo <i>amor</i>	“o <i>amor</i> e a fome, a fera ultriz que o fojo/ entra, à espera que a mansa vítima o entre,/ -- tudo que gera no materno ventre/ a causa fisiológica do nojo.”	negativa
18	“Idealismo”	substantivos <i>amor</i> e <i>amores</i> / verbo <i>amá-lo</i>	“falas de <i>amor</i> , e eu ouço tudo e calo!/ o <i>amor</i> da humanidade é uma mentira./ é. e é por isso que na minha lira/ de <i>amores</i> fúteis poucas vezes falo. o <i>amor</i> ! quando virei por fim amá-lo?!/ quando, se o amor que a humanidade inspira/ é o <i>amor</i> do sibarita e da hetaíra,/ de massalina e de sardanapalo?!”	negativa
19	“Último credo”	verbos <i>ama</i> e <i>amo</i>	“como <i>ama</i> o homem adúltero o adultério/ e o ébrio a garrafa tóxica de rum,/ <i>amo</i> o coveiro -- este ladrão comum/ que arrasta a gente para o cemitério!”	negativa
23	“Vozes da morte”	verbo <i>amamos</i>	“na multiplicidade dos teus ramos,/ pelo muito que em vida nos <i>amamos</i> ,/ depois da morte, inda teremos filhos!”	positiva
35	“Contrastes”	substantivo <i>amor</i> e o verbo <i>ama</i>	“a antítese do novo e do obsoleto,/ o <i>amor</i> e a paz, o ódio e a carnificina,/ o que o homem <i>ama</i> e o que o homem abomina,/ tudo convém para o homem ser completo!”	neutra
36	“Gemidos de arte”	verbos <i>amou</i> e <i>ame</i>	“todas as tardes a esta casa venho./ aqui, outrora, sem conchego nobre,/ viveu, sentiu e <i>amou</i> este homem pobre/ que carregava canas para o engenho!” “sol brasileiro! queima-me os destroços!/ quero assistir, aqui, sem pai que me <i>ame</i> ,/ de pé, à luz da consciência infame,/ à carbonização dos próprios ossos!”	positiva/ negativa
37	“Versos de amor”	substantivo <i>amor</i> e o verbo <i>amando</i>	“oposto ideal ao meu ideal conservas./ diverso é, pois, o ponto outro de vista/ consoante o qual, observo o <i>amor</i> , do egoísta/ modo de ver, consoante o qual, o observas.” “porque o <i>amor</i> , tal como eu o estou <i>amando</i> ,/ é espírito, é éter, é substância fluida,/ é assim como o ar que a gente pega e cuida,/ cuida, entretanto, não o estar pegando!”	negativa/ positiva
38	“Sonetos” ao pai	verbo <i>amo</i>	“ <i>amo</i> meu pai na atômica desordem/ entre as bocas necrófagas que o mordem/ e a terra infecta que lhe cobre os rins!”	positiva

45	“Vandalismo”	substantivo <i>amor</i>	“meu coração tem catedrais imensas,/ templos de priscas e longínquas datas/ onde um nume de <i>amor</i> , em serenatas,/ canta a aleluia virginal das crenças.”	positiva
48	“A ilha de Cipango”	substantivo <i>amor e amores</i>	“caio de joelhos, trêmulo... ofereço/ preces a deus de <i>amor</i> e de respeito/ e o ocaso que nas águas se retrata/ nitidamente reproduz, exata,/ a saudade interior que há no meu peito...” “mas veio o vento que a desgraça espalha/ e cobriu-me com o pano da mortalha,/ que estou cosendo para os meus <i>amores!</i> ” “a luz descreve zigzagues tortos/ enviando à terra os derradeiros beijos./ pela estrada feral dois realejos/ estão chorando meus <i>amores</i> mortos!”	positiva
52	“Queixas noturnas”	substantivo <i>amor</i> e verbo <i>amar</i>	“sobre histórias de <i>amor</i> o interrogar-me/ é vão, é inútil, é improfícuo, em suma;/ não sou capaz de <i>amar</i> mulher alguma/ nem há mulher talvez capaz de <i>amar-me.</i> ” “o <i>amor</i> tem favos e tem caldos quentes/ e ao mesmo tempo que faz bem, faz mal;/ o coração do poeta é um hospital/ onde morreram todos os doentes.”	negativa
53	“Insônia”	substantivo <i>amor</i>	“outra vez serei pábulo do susto/ e terei outra vez de, em mágoa imerso,/ sacrificar-me por <i>amor</i> do verso/ no meu eterno leito de procusto!”	neutra
54	“Barcarola”	substantivo <i>amor</i>	“que é que ela diz?! será uma/ história de <i>amor</i> feliz?! não! o que a sereia diz/ não é história nenhuma.”	neutra

Fonte: autora (2014)

Como citado anteriormente, atribuímos duas visões de amor à poesia de Augusto dos Anjos. Denominamos visão negativa aquela mais utilizada pelos manuais de literatura em relação ao sentimento amor, quando mencionado de modo aversivo e desiludido. E contrária a essa visão, caracterizamos como visão positiva aquela pouco pronunciada pelos manuais de literatura, ou, ainda, aquela em que o sentimento amor aparece como sentimento enaltecido ou sublime.

Atentamos para o fato de o quadro acima ter a função de identificar as coordenadas do gráfico em estudo e de atuar como uma amostra dos poemas que foram identificados, de modo que, para a classificação das visões de amor, nos coube à interpretação dos poemas completos.

Em alguns casos, como nos poemas “Monólogo de uma sobra”, “Contrastes”, “Insônia” e “Barcarola”, foram atribuídas visões de amor neutras, pois apresentam-se sem um

posicionamento em relação à destinação desse sentimento a um objeto empírico, ao contrário, são direcionados a objetos inanimados e aparecem como recurso estilístico, correspondendo à sinonímia de apreço a algo.

Em “As cismas do destino” e “Idealismo”, o amor é mencionado de modo depreciativo. Em “Último Credo”, é confirmada a imagem de uma poética pessimista, pelo caráter temático do poema, e, por fim, “Queixas noturnas”, traz uma visão bem definida do sentimento amor como ilusão: *“Sobre histórias de amor o interrogar-me/ É vão, é inútil, é improfícuo, em suma;/ Não sou capaz de amar mulher alguma/ Nem há mulher talvez capaz de amar-me”*.

“Último credo” apresenta uma visão de amor associado à morte, pois o eu poético aborda a morte, apesar de fazer referência ao credo, aludindo ao sentimento de amor pelo coveiro, por este lhe propiciar o encontro com essa morte: *“Como ama o homem adúltero o adultério/ E o ébrio a garrafa tóxica de rum,/ Amo o coveiro – este ladrão comum/ Que arrasta a gente para o cemitério!”*.

Demonstrando uma visão positiva de amor, “Vozes da morte”, ao que o próprio título indica, demonstra o último desejo que o eu poético aspira no momento de sua morte: ser enterrado com o pé de tamarindo do qual tinha apreço desde a tenra infância:

Agora sim! Vamos morrer, reunidos,
Tamarindo de minha desventura,
Tu, com o envelhecimento da nervura,
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!

.....

Na multiplicidade dos teus ramos,
Pelo muito que em vida nos amamos,
Depois da morte, inda teremos filhos!
(ANJOS, 2004, p. 234)

“Idealismo” e “Versos de amor” são os únicos poemas que tratam integralmente da temática do amor. Enquanto o primeiro retrata o amor de forma aversiva, o segundo poema nos chama atenção por reportar a duas visões de amor. Em “Idealismo”, o amor da humanidade é mencionado como superficial e falso: *“O amor da humanidade é uma mentira./ É. E é por isso que na minha lira/ De amores fúteis poucas vezes falo”*.

Já em “Versos de amor”, o eu poético faz referência a uma visão aversiva do sentimento amor, referenciando-o como causador de sofrimento, para em seguida, a partir da quinta estrofe, atribuir uma visão do amor como sentimento pueril e imaculado “que anda

acima da carne miserável”. Visto essas observações, atribuímos duas visões de amor ao poema. Recorremos ao poema:

Parece muito doce aquela cana.
Descasco-a, provo-a, chupo-a... Ilusão treda!
O amor, poeta, é como a cana azeda,
A toda a boca que o não prova engana.

Quis saber que era o amor, por experiência,
E hoje que, enfim, conheço o seu conteúdo,
Pudera eu ter, eu que idolatro o estudo,
Todas as ciências menos esta ciência!

Certo, este o amor não é que, em ânsias, amo
Mas certo, o egoísta amor este é que acinte
Amas, oposto a mim. Por conseguinte
Chamas amor aquilo que eu não chamo.

Oposto ideal ao meu ideal conservas.
Diverso é, pois, o ponto outro de vista
Consoante o qual, observo o amor, do egoísta
Modo de ver, consoante o qual, o observas.

Porque o amor, tal como eu o estou amando,
É espírito, é éter, é substância fluida,
É assim como o ar que a gente pega e cuida,
Cuida, entretanto, não o estar pegando!

É a transubstanciação de instintos rudes,
Imponderabilíssima e impalpável,
Que anda acima da carne miserável
Como anda a garça acima dos açudes!

Para reproduzir tal sentimento
Daqui por diante, atenta a orelha cauta,
Como mársias -- o inventor da flauta --
Vou inventar também outro instrumento!

Mas de tal arte e espécie tal fazê-lo
Ambiciono, que o idioma em que te eu falo
Possam todas as línguas decliná-lo
Possam todos os homens compreendê-lo.

Para que, enfim, chegando à última calma
Meu podre coração roto não role,
Integralmente desfibrado e mole,
Como um saco vazio dentro d'alma!
(ANJOS, 2004, p. 267)

Inicialmente, o poema traz uma visão aversiva do sentimento amor, mencionando como sentimento difícil de ser experienciado por ser “como a cana azeda”, e segue desta forma até a quarta estrofe. É a partir da quinta estrofe que esse sentimento é enaltecido, mencionado como etéreo e vivenciado pelo eu-poético, dando ideia de uma pureza inalcançável e aparecendo, por vezes, como elemento imaterial, pois “*É espírito, é éter, é substância fluida/ É assim como o ar que a gente pega e cuida,/ Cuida, entretanto, não o estar pegando!*”.

Na sexta estrofe continua manifestando-se de forma grandiosa, a sobressair-se sobre as misérias mundanas, pois “*É a transubstanciação de instintos rudes,/ Imponderabilíssima e impalpável,/ Que anda acima da carne miserável/ Como anda a garça acima dos açudes!*”. Por fim, na estrofe final, o eu poético deseja que o homem compreenda a grandiosidade do sentimento amor e almeja que ele próprio, assim como a espécie humana, não morra sem senti-lo, pois assim evitaria que seu “*podre coração roto não role,/ Integralmente desfibrado e mole,/ Como um saco vazio dentro d’alma!*”.

O poema, de visão dual, refere-se ao amor assim como várias experiências na vida: passível a ser bom e/ou ruim. Era como se o eu poético já estivesse se arriscando ao vivenciar o amor, ao mostrar ter ciência do que o sentimento pode acarretar, por considerá-lo ilusão. No entanto, extasia-se ao vivenciar o amor sublime que não se mistura ao terreno, mesmo sabendo que este também é passível de lhe causar sofrimento.

Em *Eu*, contabilizamos seis visões negativas e seis visões positivas de amor, além de quatro outras visões às quais atribuímos à denominação de neutra, por não apresentarem nenhum posicionamento em relação ao sentimento amor. Apesar de o número de visões negativas e positivas de menções ao sentimento amor equipararem-se, percebemos que a maior parte do livro *Eu* se volta predominantemente à descrença nas relações humanas, e que as visões negativas de amor apresentam-o associado à ilusão, ou, ainda, como metáfora às mazelas humanas.

O livro *Eu* se mostra denso, composto por poemas fortes, a causar impacto tanto pela linguagem, quanto pela temática de cunho naturalista-cientificista. Em *Eu*, há dois poemas se referindo à mãe – objeto de seu amor: “*Mater originalis*” e “*Mater*”. Ainda que destinado a sua *mater*, o eu poético continua utilizando termos antipoéticos, de cunho biológico e por vezes visceral. Observemos em “*Mater Originalis*”:

Forma vermicular desconhecida
 Que estacionaste, mísera e mofina,
 Como quase impalpável gelatina,
 Nos estados prodrômicos da vida
 (ANJOS, 2004, p. 227)

E em “*Mater*”, ao referir-se ao ato de amamentar, momento em que se estabelece a forte ligação entre mãe e filho:

Com que avidez ele essa fonte suga!
 Ninguém mais com a beleza está de acordo,
 Do que essa pequenina sanguessuga,
 Bebendo a vida no teu seio gordo!
 (ANJOS, 2004, p. 285)

Para em seguida, mesmo utilizando termos antipoéticos, referir-se de forma benevolente ao objeto de seu amor:

Clara, a atmosfera se encherá de aromas,
 O sol virá das épocas sadias...
 E o antigo leão, que te esgotou as pomas,
 Há de beijar-te as mãos todos os dias!

Quando chegar depois tua velhice
 Batida pelos bárbaros invernos,
 Relembrarás chorando o que eu te disse,
 À sombra dos sicômoros eternos!
 (ANJOS, 2004, p. 285)

Além dos poemas apresentados no quadro, citamos “Mater originalis” e “Mater”, por terem sido os únicos poemas encontrados em *Eu* que abordam indiretamente o amor, pois apesar de o lexema *amor* e flexões verbais não serem mencionados, os poemas direcionam-se ao objeto amado, ainda que de forma naturalista. Daí, percebemos o quão cientificista o poeta mostrou-se no início do século XX, período em que publicou o livro *Eu*.

3.2.2 Dados lexicométricos encontrados em *Outras poesias*

Em *Outras poesias*, livro de 46 poemas reunidos e publicados por Órris Soares em 1920, o lexema *amor* e suas flexões verbais apresentam uma frequência percentual de 0,4%, tratando-se, portanto, de uma porcentagem praticamente insignificante, visto à extensão do *corpus* em estudo, que apresenta riqueza vocabular correspondente a 75% do texto.

Tabela 3 - Número de formas e palavras *hapax* encontrados em *Outras poesias*:

Número de formas	2.444
Número de <i>hapax</i>	1.854

Fonte: autora (2014)

Nesse *corpus*, o lexema *amor* aparece como 20º vocábulo não funcional²³ utilizado. Segue a ordem das palavras não funcionais mais utilizadas no *corpus* em estudo: *alma, ser, dor, era, carne, luz, natureza, noite, mundo, sou, homem, humana, mãos, alta, ânsia, terra, cosmos, força, água* e por fim, *amor*.

Visualizar a lista de palavras mais recorrentes desse *corpus* não nos causou surpresa, visto que elas apresentam uma semântica mais relacionada à angústia existencial, característica facilmente encontrada nos poemas que compõem *Outras poesias*. Nesse *corpus*, percebemos a grande recorrência e junção de termos que remetem à efemeridade simbolista, devido à utilização dos termos *alma, luz, noite, cosmos* e à crueza da linguagem naturalista, pela ocorrência das palavras *carne, homem* e *cosmos* em seu vocabulário. A combinação dessas palavras híbridas é componente característico desse *corpus* em estudo, pois ressalta a relação entre uma linguagem que remete certa leveza aliada a traços advindos do naturalismo cientificista, fato que confirma a característica da poética de Augusto dos Anjos, a de apresentar termos antipoéticos relacionados a poéticos.

Em *Outras poesias*, percebemos a ocorrência de poemas mais densos, voltados à dor humana, decorrente da inadaptação desse homem ao mundo no qual vive. Essa abordagem é mais facilmente identificada quando observamos os poemas que tecem essa obra. Dentre eles, destacamos como exemplos os poemas “O lamento das coisas”, “Apóstrofe à carne”, “Hino à dor”, “O poeta do Hediondo” e “Homo Infimus”. Visto os inúmeros exemplos que poderiam ser citados, apresentamos o poema “O poeta do Hediondo” como mostra da temática constituinte e predominante nessa obra em questão:

Sofro aceleradíssimas pancadas
No coração. Ataca-me a existência
A mortificadora coalescência
Das desgraças humanas congregadas!

Em alucinatórias cavalgadas,
Eu sinto, então, sondando-me a consciência
A ultra-inquisitorial clarividência
De todas as neuronas acordadas!

Quanto me dói no cérebro esta sonda!
Ah certamente eu sou a mais hedionda
Generalização do Desconforto...

Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morto!
(ANJOS, 2004, p. 330)

²³ Chamado assim por aparecer com menor frequência que as palavras funcionais. As palavras não funcionais são mais significantes. Temos por exemplo os substantivos, adjetivos e verbos. Já as funcionais são as que aparecem com maior frequência, como os dêiticos, artigos, preposições e pronomes.

Nesse poema, as sensações tornam-se perceptíveis a partir das referências à anatomia humana. O eu lírico faz referência à funcionalidade dos órgãos humanos, e, por conseguinte, à ideia de visceral. Logo na primeira estrofe, ele refere-se à violenta pulsação que perpassa em seu corpo, fazendo uso de uma linguagem direta e de cunho marcadamente cientificista. Os versos seguem aludindo ao tormento de seu sofrimento, que assim como as cavalgadas, perduram ininterruptamente, tomando-lhe a consciência.

Na terceira estrofe, ele faz uma analogia da tomada de consciência das desgraças humanas a uma sonda presa no cérebro, e conseqüentemente à dor e sensação de “Desconforto” que esta lhe provoca. Esse Desconforto com inicial maiúscula aponta o quão forte a sensação de inquietude e desânimo se faz presente. E por fim, na última estrofe, o eu lírico reafirma o que se encontra intrínseco à sua identidade: “*Eu sou aquele que ficou sozinho/ Cantando sobre os ossos do caminho/ A poesia de tudo quanto é morto!*”.

O soneto acima demonstra fielmente a temática poética do poeta do hediondo, principalmente no que diz respeito ao posicionamento que a crítica literária destina à sua poesia. É nesse *corpus* que percebemos a descrição do humano pelo viés mórbido e repugnante. E é nessa atmosfera de elementos cientificistas e filosóficos que a poesia de Augusto dos Anjos conquistou a aceitação do público, sendo reconhecida e propagada até hoje. Relatada nossa percepção sobre a temática desse *corpus* em estudo, mostramos adiante os dados encontrados por meio do *Lexico3*.

Abaixo, apresentamos a tabela demonstrativa da frequência que o lexema *amor* e suas flexões verbais aparecem em *Outras poesias*. Vemos que houve uma diminuição de lexemas encontrados, por vezes, até mais significativa do que na obra *Eu*.

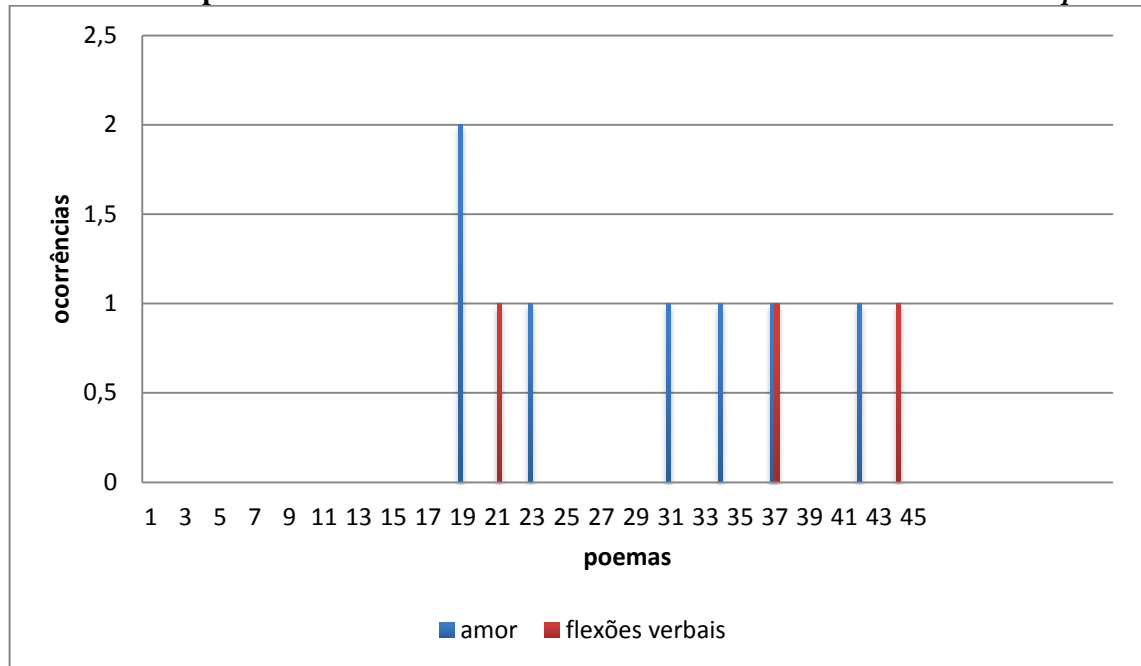
Tabela 4 - Relação do substantivo *amor* e de suas flexões verbais em *Outras poesias*:

Formas	Frequência
amor	7
amam	2
amou	1

Fonte: autora (2014)

Abaixo, temos o gráfico ilustrativo da frequência dessas palavras no *corpus* estudado:

Gráfico 2 – Comportamento do lexema *amor* e de suas flexões verbais no livro *Outras poesias*:



Fonte: autora (2014)

Observemos a minimização de ocorrências, equivalente a 0,4% de um *corpus* total, e, conseqüentemente, a baixa distribuição do lexema *amor* e suas flexões verbais em *Outras poesias*. Contabilizam-se em 10 ocorrências distribuídas em apenas oito poemas, identificados na tabela abaixo:

Quadro 2 - Legenda do gráfico referente a *Outras poesias*:

Marcação	Poema	Classificação morfológica	Contextualização	Visões de amor
19	“A fome e o amor”	substantivo <i>amor</i>	“ <i>amor!</i> e a satíriasis sedenta,/ rugindo, enquanto as almas se confrangem,/ todas as danações sexuais que abrangem/ a apolínica besta famulenta!”	negativa
21	“Minha finalidade”	verbo <i>amor</i>	“turbilhão teleológico incoercível,/ que força alguma inibitória acalma,/ levou-me o crânio e pôs-lhe dentro a palma/ dos que <i>amam</i> apreender o inapreensível!”	neutra
23	“Noli me tangere”	substantivo <i>amor</i>	“a exaltação emocional do gozo,/ o <i>amor</i> , a glória, a ciência, a arte e a beleza/ servem de combustíveis à ira acesa/ das tempestades do meu ser nervoso!”	negativa
31	“Anseio”	substantivo <i>amor</i>	“branda, entanto, a afagar tantas feridas,/ a áurea mão taumatúrgica do <i>amor</i> / traça, nas minhas formas carcomidas,/ a estrutura de um mundo superior!”	positiva

34	“Revelação”	substantivo <i>amor</i>	“escafandrista de insondado oceano/ sou eu que, aliando buda ao sibarita,/ penetro a essência plásmica infinita,/ - mãe promíscua do <i>amor</i> e do ódio insano!”	negativa
37	“As montanhas”	substantivo <i>amor</i> e verbo <i>amam</i>	“no curso inquieto da terráquea luta/ quantos desejos férvidos de <i>amor</i> / não dormem, recalçados, sob o horror/ dessas agregações de pedra bruta?!” “como nesses relevos orográficos,/ inacessíveis aos humanos tráficos/ onde sóis, em semente, <i>amam</i> jazer,”	negativa/ neutra
42	“Viagem a um vencido”	substantivo <i>amor</i>	“restava apenas na minha alma bruta/ onde frutificara outrora o <i>amor</i> / uma volicional fome interior/ de renúncia budística absoluta!”	negativa
44	“A obsessão do sangue”	verbo <i>amou</i>	“e <i>amou</i> , com um berro bárbaro de gozo,/ o monocromatismo monstruoso/ daquela universal vermelhidão!”	negativa

Fonte: autora (2014)

Nesse *corpus*, apontamos a baixa ocorrência do lexema *amor* e, consoante a isso, de forma mais presente, a baixa ocorrência de amor enaltecido diante de um *corpus* tão vasto. Classificamos duas visões de amor que não apresentaram nenhum posicionamento; a primeira no poema “Minha finalidade”, que menciona o verbo *amar* no sentido de gostar, retomando o apreço à ciência e no poema “As montanhas”, onde o lexema foi empregado apenas como recurso estilístico ao se referir a *sóis*.

Atribuímos apenas uma visão positiva de amor em “Anseio”, por estar associada a elementos poéticos que direcionam a visão de amor ao que é bom, pois se faz “*Branda a afagar tantas feridas,/ A áurea mão taumatúrgica do amor*”. Aos demais poemas foi atribuída a visão “negativa” de amor, quando associados à miséria humana, ou ainda quando relacionados a termos antipoéticos, característica própria da linguagem augustiana no *corpus* analisado.

Contabilizamos seis visões negativas do sentimento amor nesse *corpus* poético, mas por uma questão metodológica e para não deixarmos de lado o cumprimento de nossos principais objetivos, exemplificaremos apenas um poema condizente a essa visão, o poema “A fome e o amor”.

“A fome e o amor” é um poema em que o lexema *amor* pode ser associado ao instinto sexual que Schopenhauer aborda em seu livro e à ideia de amor relacionada à vontade natural entre os sexos, induzindo o leitor à visualização de figuras imagéticas nessa poesia. O amor,

aí em inicial maiúscula, é associado à fome, ou ainda a uma necessidade incontrolável de nutrir-se por meio dos prazeres carnavais:

Fome! E, na ânsia voraz que, ávida, aumenta,
Receando outras mandíbulas a esbanjem,
Os dentes antropófagos que rangem,
Antes da refeição sanguinolenta!

Amor! E a satiríase sedenta,
Rugindo, enquanto as almas se confrangem,
Todas as danações sexuais que abrangem
A apolínica besta famulenta!

Ambos assim, tragando a ambiência vasta,
No desembestamento que os arrasta,
Superexcitadíssimos, os dois

Representam, no ardor dos seus assomos
A alegoria do que outrora fomos
E a imagem bronca do que inda hoje sois!
(ANJOS, 2004, p. 331)

Esse poema é um retrato da visão de amor propagada pelos manuais de literatura. Bosi (2006) e Órris Soares (2004) compartilham essa ideia quando falam da aversão que Augusto dos Anjos destinou ao sentimento amor e da relação com a filosofia de Schopenhauer. Nele, é nítida a presença dessa reflexão schopenhaueriana, que relaciona o amor à satisfação dos desejos sexuais, sempre movida pela Vontade que Schopenhauer atribui a cada ser.

Apesar de não utilizar o lexema *amor* e verbos correlacionados a ele, o poema “A meretriz” também demonstra a visão de amor schopenhaueriana, no sentido de retratar a relação humana movida pelo instinto do qual o filósofo abordou em *Metafísica do amor*. “A meretriz” é um poema que associa traços naturalistas e simbolistas em relação à utilização de termos linguísticos, mas ainda sim, mescla uma temática de cunho realista-naturalista. Ao mesmo tempo em que o poeta retrata a prostituição e o aborto de uma messalina, descreve-a de modo etéreo e sublime:

É a meretriz que, de cabelos ruivos,
Bramando, ébria e lasciva, hórridos uivos
Na mesma esteira pública, recebe,
Entre farraparias e esplendores.
O eretismo das classes superiores
E o orgasmo bastardíssimo da plebe!

.....

Irrita-se-lhe a carne á meia-noite.
Espicaça-a a ignomínia, excita-a o açoite

Do incêndio que lhe inflama a língua espúria.
 E a mulher, funcionária dos instintos,
 Com a roupa amarfanhada e os beiços tintos,
 Gane instintivamente de luxúria!
 (ANJOS, 2004, p. 319)

Outras poesias apresenta-se como um livro intenso e em geral, consoante à abordagem temática encontrada em *Eu*. No entanto, diríamos que possui uma visão ainda mais consistente em relação à ideia aversiva e cética do amor, apresentando uma linguagem impactante, permeada por elementos de cunho naturalista cientificista.

3.2.3 Dados lexicométricos encontrados em *Poemas esquecidos*

Em *Poemas esquecidos*, *corpus* de menor extensão se comparado aos outros *corpora* analisados anteriormente, encontramos 1.838 vocábulos e uma quantidade de *hapax* correspondente a 70% do texto, dado que continua apontando a riqueza vocabular do poeta como característica recorrente. No entanto, nos chamou atenção a disparidade encontrada em relação à frequência percentual do lexema *amor* e de suas flexões verbais quando comparamos as frequências obtidas nos *corpora* anteriores.

Tabela 5 - Número de formas e palavras *hapax* encontrados em *Poemas esquecidos*.

Número de formas	1.838
Número de <i>hapax</i>	1.287

Fonte: autora (2014)

Nesse *corpus*, o lexema *amor* e suas flexões verbais ocorrem 25 vezes, correspondendo a 1,3% do *corpus* total. Além do considerável aumento percentual do uso do lexema *amor* e dos verbos correlacionados a ele, outro dado que merece destaque nesse *corpus* é a utilização do lexema *amor* como segundo vocábulo não funcional mais utilizado, precedido apenas do lexema *alma*, que aparece 27 vezes. Constatação que aponta a discrepância existente entre esse *corpus* e os analisados anteriormente. Abaixo, apresentamos a tabela da frequência absoluta dos lexemas identificados nesse *corpus*.

Tabela 6 - Relação do substantivo *amor* e de suas flexões verbais em *Poemas esquecidos*:

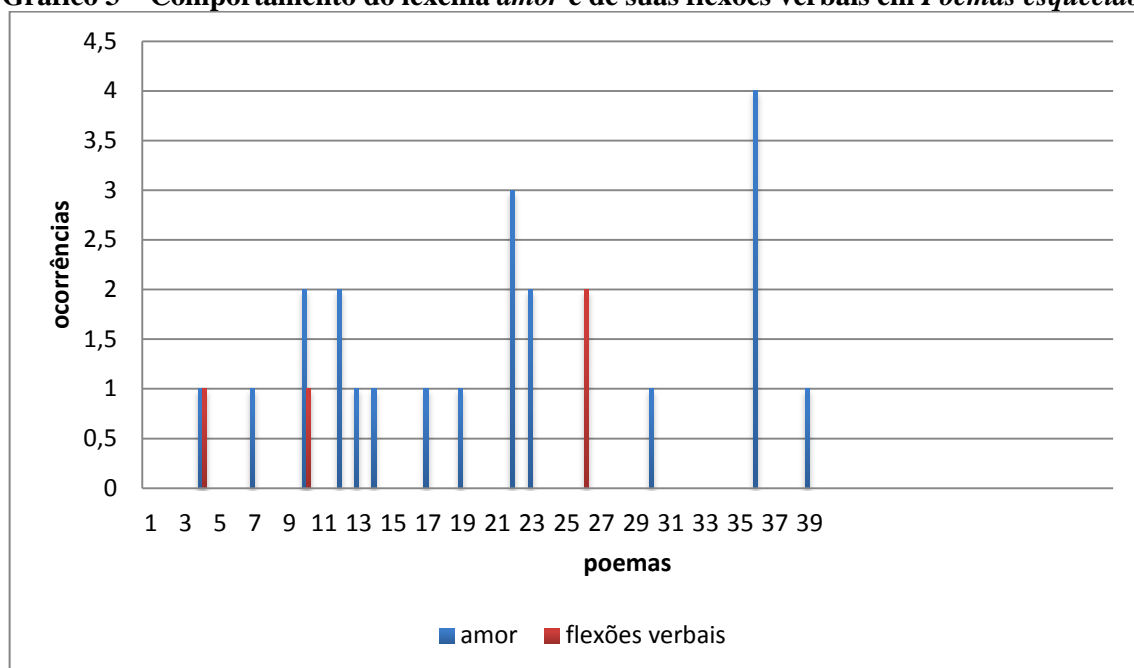
Formas	Frequência
amor	20
amo	2
amara	1

amei	1
amores	1

Fonte: autora (2014)

Em *Poemas esquecidos*, *corpus* constituído por trinta e nove poemas, a menção ao lexema *amor* e suas flexões verbais aparecem em 14 deles. Segue o gráfico ilustrando os lexemas investigados em *Poemas esquecidos*:

Gráfico 3 – Comportamento do lexema *amor* e de suas flexões verbais em *Poemas esquecidos*



Fonte: autora (2014)

Nesse *corpus*, notamos a maior ocorrência de uma visão enaltecida do sentimento amor. Não poderíamos deixar de falar sobre a discrepância observada entre esse *corpus* em estudo e *Eu e Outras poesias*, visto que tanto a temática quanto a linguagem apresentada em *Poemas esquecidos* dissocia-se das observadas nos *corpora* analisados anteriormente. *Poemas esquecidos* consiste na reunião dos poemas de Augusto dos Anjos compilados em livro *post-mortem* por Francisco de Assis Barbosa na 29ª edição da obra augustiana em 1962, 42 anos após a publicação de *Eu e Outras poesias* em 1920. Em 1965, correspondendo à 30ª edição, Antônio Houaiss e Francisco Barbosa compilam mais uma edição de *Poemas esquecidos*, em que adicionam muitos dos poemas que alinharam-se a *Poemas dispersos*, denominação fornecida por Zenir Campos Reis (1977) na 33ª edição da obra poética augustiana.

Recorremos a esta última fonte por conta da pesquisa cronológica da poesia augustiana que o autor realizou, ao recorrer aos periódicos da época em que Augusto dos Anjos viveu. Reis (1977) recorreu a fontes originais para indicar, em alguns casos retificar ou

ratificar, a data do *corpus* poético denominado *esquecido* e *disperso*, além de acrescentar alguns poemas inéditos à obra do poeta, disponíveis apenas nos periódicos em que Augusto dos Anjos os publicou.

Quadro 3 - Legenda do gráfico referente ao livro *Poemas esquecidos*:

Marcação	Poema	Classificação morfológica	Contextualização	Visões de amor
04	“Soneto”	verbo <i>amei</i> e substantivo <i>amor</i>	“ouvi, senhora, <i>amei</i> ; de <i>amor</i> ferido,/ as minhas crenças que alentei outrora/ rolam dispersas, pálidas agora,/ desfeitas todas num guaiar dorido.”	negativa
07	“Noivado”	substantivo <i>amores</i>	“os namorados ternos suspiravam,/ quando há de ser o venturoso dia?!/ quando há de ser?! o noivo então dizia/ e a noiva e ambos d' <i>amores</i> s'embriagavam.”	positiva
10	“Amor e religião”	verbo <i>amara</i> e substantivo <i>amor</i>	“no entanto dizem que este padre <i>amara</i> ./ morrera um dia desvairado, estulto./ su'alma livre para o céu se alara. e deus lhe disse: "és duas vezes santo,/ pois se da religião fizeste culto,/ foste do <i>amor</i> o mártir sacrossanto".	positiva
12	“Soneto”	substantivo <i>amor</i>	“aqui há muita luz e muita aurora,/ há perfumes d' <i>amor</i> - venenos d'alma -/ e eu busco a plaga onde o repouso mora, e as trevas moram, e, onde d'água raso/ o olhar não trago, nem me turba a calma/ a aurora deste <i>amor</i> que é o meu ocaso!”	negativa
13	“O mar”	substantivo <i>amor</i>	“ah! dessas vagas no bramir funéreo/ jamais vibrou a sinfonia pura/ do <i>amor</i> ; lá, só descanta, dentre a escura/ treva do oceano, a voz do meu saltério!”	positiva
14	“Soneto”	substantivo <i>amor</i>	“fugiu... e em si levou a luz consoladora/ do <i>amor</i> - esse clarão eterno d'alma forte -/ astro da minha paz, sírius da minha sorte/ e da noite da vida a vênus redentora.”	positiva
17	“Plenilúnio”	substantivo <i>amor</i>	“voga a lua na etérea imensidade!/ ela, eterna noctâmbula do <i>amor</i> ./ eu, noctâmbulo da dor e da saudade.”	neutra
19	“Soneto”	substantivo <i>amor</i>	“eu só encontro no primor de rima/ a justa oferta, a jóia que te exprima/ o <i>amor</i> fraterno do teu mano”	positiva
22	“Afetos”	substantivo <i>amor</i>	“bendito o <i>amor</i> que infiltra n'alma o enleio/ e santifica da existência o cardo,/ - amor que é mirra e que é sagrado nardo,/ turificando a languidez dum seio! o <i>amor</i> , porém, que da desgraça veio/ maldito seja, seja como o fardo/ desta descrença funeral em que ardo/ e com que o fogo da paixão ateio!”	positiva/ negativa

23	“Martírio supremo”	substantivo <i>amor</i>	“o <i>amor</i> em lavas de candência d'aço./ banhou-me o peito... em ânsia de repouso./ da messalina fria no regaço./ chora saudades do terreno pouso! e mergulhei mais fundo no estuário.../ mas, no inferno do gozo, sem calvário./ cristo d' <i>amor</i> morri pela inocência!”	negativa
26	“Idealizações” - II e V parte	verbo <i>amo</i>	“eu <i>amo</i> a noite que este sol arranca!/ namoro estrelas... sírius me deslumbra./ vésper me encanta, e eu beijo na penumbra/ a imagem lírial da noite branca.	neutra
30	“Soneto”	substantivo <i>amor</i>	“depois quando no irmão estremecido/ fazem aliança o gênio e a proibidade./ atinge o <i>amor</i> um grau nunca atingido/ no termômetro santo da amizade.”	positiva
36	“Cantos íntimos”	substantivo <i>amor</i>	“meu <i>amor</i> , em sonhos erra./ muito longe, altivo e ufano/ do barulho do oceano/ e do gemido da terra! que mal o <i>amor</i> me tem feito!/ duvidas?! pois, se duvidas,/ vem cá, olha estas feridas,/ que o <i>amor</i> abriu no meu peito.”	negativa
39	“A caridade”	substantivo <i>amor</i>	“torna as tormentas mais calmas/ ouve o soluço do mundo/ e dentro do <i>amor</i> profundo/ abrange todas as almas.”	positiva

Fonte: autora (2014)

Em *Poemas esquecidos*, o vocábulo *amor* se apresenta em oito poemas com uma visão positiva e em cinco poemas como negativa. Dentre os poemas que contituem a obra, destaca-se com uma visão negativa: O soneto 04, em que o lexema *amor* aparece de forma negativa por destinar um sentimento de frustração, o que não deixa de remeter a desilusão quando menciona o amor destinado à crença de outrora: “*Ouvi, senhora, amei; de amor ferido,/ As minhas crenças que alentei outrora/ Rolam dispersas, pálidas agora,/ Desfeitas todas num guaiar dorido.*”.

No soneto 12, a expressão “perfumes d’amor” aparece como aquilo que corrompe o espírito, pois são “venenos d’alma”. Vê-se que a ironia e a metáfora marcam essa passagem, e que o poeta retoma o desejo de chegar ao seu fim, ao fim terreno, quando idealiza experenciar a “aurora deste amor”, que pode ser entendida como sua única finalidade: “*Aqui há muita luz e muita aurora, há perfumes d'amor - venenos d'alma / E eu busco a plaga onde o repouso mora, [...] A aurora deste amor que é o meu ocaso!*”.

Em “Martírio Supremo” predomina-se a utilização da figura da Messalina²⁴ para a associação ao prazer carnal. O poema reproduz um jogo de palavras de cunho erótico como

²⁴ Imperatriz romana e terceira esposa de imperador Cláudio (reinado 41-48). Com reputação de ser promíscua, que se consolidou na arte e na literatura até os tempos modernos, alega-se que ela teria conspirado contra o marido e que foi executada quando o plano foi descoberto.

“Gozo” e “Messallina”, além de incitar o uso de elementos representantes de uma linguagem imagética: *“E mergulhei mais fundo no estuário.../ Mas, no inferno do Gozo, sem Calvário,/ Cristo d'amor, morri pela inocência!”*.

Contrária a essas visões, atribuímos a visão positiva de amor ao poema: “Noivado”, por propagar um otimismo oriundo de quem está apaixonado, visto que manifesta o desejo do casamento, momento idealizado pelos noivos. Nele, o poeta utiliza imagens pueris para dar a ideia de uma experiência gloriosa ao ato de casar-se: *“Vinha rompendo a aurora majestosa,/ Dos rouxinóis ao sonoro harpejo/ E a luz do sol vibrava esplendorosa.”* Os versos seguem manifestando a crença e esperança em um futuro próximo, quando o eu lírico idealiza sua felicidade ao lado do ser amado: *“Chegara enfim o dia desejado,/ Ambos unidos, soluçara um beijo,/ Era o supremo beijo de noivado!”*

No poema “Amor e religião”, por sua vez, o sacrifício por amor é retratado como sentimento merecedor de apreço. Há uma atribuição do adjetivo “sacrossanto” ao padre, que se faz duplamente santo, por ser benevolente à religião e ao amor. Mesmo passível a causar sofrimento, o amor é mencionado como fortalecedor, sobressaindo-se como sentimento capaz de elevar a condição do homem a santo: *“E Deus lhe disse: ‘és duas vezes santo,/ Pois se da Religião fizeste culto,/ Foste do amor o mártir sacrossanto”*. Mas é no soneto 14 que o amor sobressai como um sentimento grandioso, retratado pelo poeta como: *“Astro da minha paz, sírius da minha sorte/ E da noite da vida a vênus redentora”*. Poderíamos citar mais poemas voltados ao amor como sentimento elevado, mas acreditamos que essas amostras de visões positivas já deram conta de demonstrar esse aspecto no *corpus*.

Nesse *corpus*, atribuímos duas ocorrências de *amor* mencionado com uma visão neutra, pois o termo foi utilizado sem nenhum posicionamento: no poema “Plenilúnio” e em “Idealizações”. Neste, a utilização do termo aparece mais como recurso estilístico, pois o amor é mencionado sem um posicionamento mais abrangente: *“Eu amo a noite que este sol arranca!”*, enquanto naquele, a menção ao amor aparece em sentido metafórico quando o poeta relaciona a lua àquela que vagueia na noite do amor: *“Ela, eterna noctâmbula do Amor,/ Eu, noctâmbulo da Dor e da Saudade”*. Entendemos que em ambos o sentimento amor é tratado sem um posicionamento mais abrangente.

No poema “Afetos”, temos o amor tratado por dois vieses diferentes. No primeiro momento, faz-se a associação do amor ao que é bom, por ser mencionado como sentimento magnânimo, mais associado ao viés platônico: *“Bendito o amor que infiltra n'alma o enleio/ E santifica da existência o cardo,/ –Amor que é mirra e que é sagrado nardo”*. Em seguida, segue os versos que o define como “maldito” e uma associação desse amor à luta das paixões,

dando uma ideia da consolidação da Vontade²⁵ apontada por Schopenhauer: “*O amor, porém, que da Desgraça veio/ Maldito seja, seja como o fardo/ Desta descrença funeral em que ardo/ E com que o fogo da paixão ateio!*”. Vê-se que o eu poético compartilha duas visões do sentimento amor, por vezes contraditória em versos próximos, ao relacionar o bem ao mal, como se fizessem parte de uma linha muito tênue. Na primeira estrofe, o lexema *Amor* vem com inicial maiúscula, numa tentativa de demonstrar sua grandiosidade como sentimento puro e maculado. O eu poético diviniza esse sentimento, definido como “bendito”, capaz de santificar a existência humana. Já na segunda estrofe, o eu poético menciona amor em minúscula, como sentimento oriundo da “Desgraça”, personificada em inicial maiúscula para enfatizar a angústia e miséria que o sentimento amor pode ocasionar.

Apesar de não mencionados, alguns poemas nos chamaram atenção em *Poemas esquecidos* pela temática abordada, sendo eles: “Saudade”, poema em que a “Saudade” que ronda o eu lírico é escrita em inicial maiúscula, aludindo à lembrança das boas experiências que o acompanham em vida: “*Da Saudade na campa enegrecida/ Guardo a lembrança que me sangra o peito,/ Mas que no entanto me alimenta a vida.*”. Além desse poema, outros também nos chamaram atenção, especialmente por nos apresentar claramente outra forma de escrita e abordagem temática mais leve, com expressões poéticas mais atenuadas, inclusive no que diz respeito à abordagem do amor.

Diferentemente do *corpus* publicado anteriormente, *Poemas esquecidos* remete a uma temática mais voltada à estética simbolista. “Cravo de noiva”, por exemplo, nos chamou atenção por ser um poema de enaltecimento à mulher amada. Nele, o poeta dirige-se ao objeto de seu amor de forma imaculada, e este, por sua vez, aparece como figura etérea e pura, apesar da utilização de elementos de cunho erótico:

Cravo de noiva. A nívea cor de cera
Que o seu seio branqueja, é como os prantos
Níveos, que a virgem chora, entre os encantos
Dum noivado risonho em primavera.

Flor de mistérios d'alma, sacrossantos,
Guarda segredos divinais que eu dera
Duas vidas, se duas eu tivera
Pra desvendar os seus segredos santos.
(ANJOS, 2004, p. 415)

É evidente que a maior parte dos poemas que compõem esse *corpus* passa a ideia de leveza, de sugestivo e etéreo, e isso se torna mais forte principalmente quando o eu poético se refere à mulher digna de seu apreço. Tendo em vista essa temática mais atenuada por uma

²⁵ Inicial em maiúscula para atribuição da “Vontade de vida” que Schopenhauer relaciona ao desejo sexual.

linguagem mais leve, retomemos a percepção feita por Gullar (1978) quando classificou a primeira fase de produção poética augustiana entre 1901 e 1905, pois segundo ele, os poemas são caracterizados pela ausência de meios de expressão próprios no sentido de refletir as estéticas literárias circundantes da época, visto que o poeta Augusto dos Anjos mescla características simbolistas, além de influências românticas e parnasianas.

A observação de Gullar (1978) se faz pertinente, visto que os poemas que compõem *Poemas esquecidos* foram publicados avulsamente em jornais da época²⁶ no período de 1901 a 1905, com exceção do poema “Gozo insatisfeito”, publicado em 1906 no jornal *O Commercio*, e “À Caridade”, publicado em 1914 na *Gazeta de Leopoldina*.

Demonstradores de uma poética de cunho simbolista, e, portanto, condizentes com a visão defendida por Gullar (1978), tomamos ainda como exemplos “Cítara mística” (1902) e “Mystica visio” (1905), poemas datados em 1902 e 1905, que assim como outros sonetos não intitulados nesse *corpus*, voltam-se à contemplação da mulher amada.

3.2.4 Dados lexicométricos encontrados em *Poemas dispersos*

Em *Poemas dispersos*, *corpus* composto por setenta e um poemas, foram encontrados 2.645 lexemas e um percentual de 67% de palavras *hapax*. O lexema *amor* e suas flexões verbais ocorrem por 41 vezes, correspondendo a um total de 1,5% do *corpus* estudado, percentual que sobressai sobre os demais corpora analisados.

Tabela 7 - Número total de formas e palavras *hapax* encontradas em *Poemas dispersos*.

Número de formas	2.645
Número de <i>hapax</i>	1.770

Fonte: autora (2014)

Nesse *corpus*, constatamos um número percentual ainda maior da utilização do lexema *amor* e de suas flexões verbais quando o comparamos a *Poemas esquecidos*, *corpus* analisado anteriormente. Classificamos como pertencentes ao grupo do lexema *amor*, outros substantivos: *amores*, *amada* e *amadas*. Essas palavras chamaram atenção por apresentarem algum posicionamento em relação ao amor nos poemas em que estão inseridas. Frisamos que, para evitar uma possível impressão de manipulação, levamos em conta a semântica de todas

²⁶ Os poemas que compõem *Poemas esquecidos* foram publicados no periódico *O Commercio*, com exceção do último poema “À Caridade”, publicado em 1914 na *Gazeta de Leopoldina*.

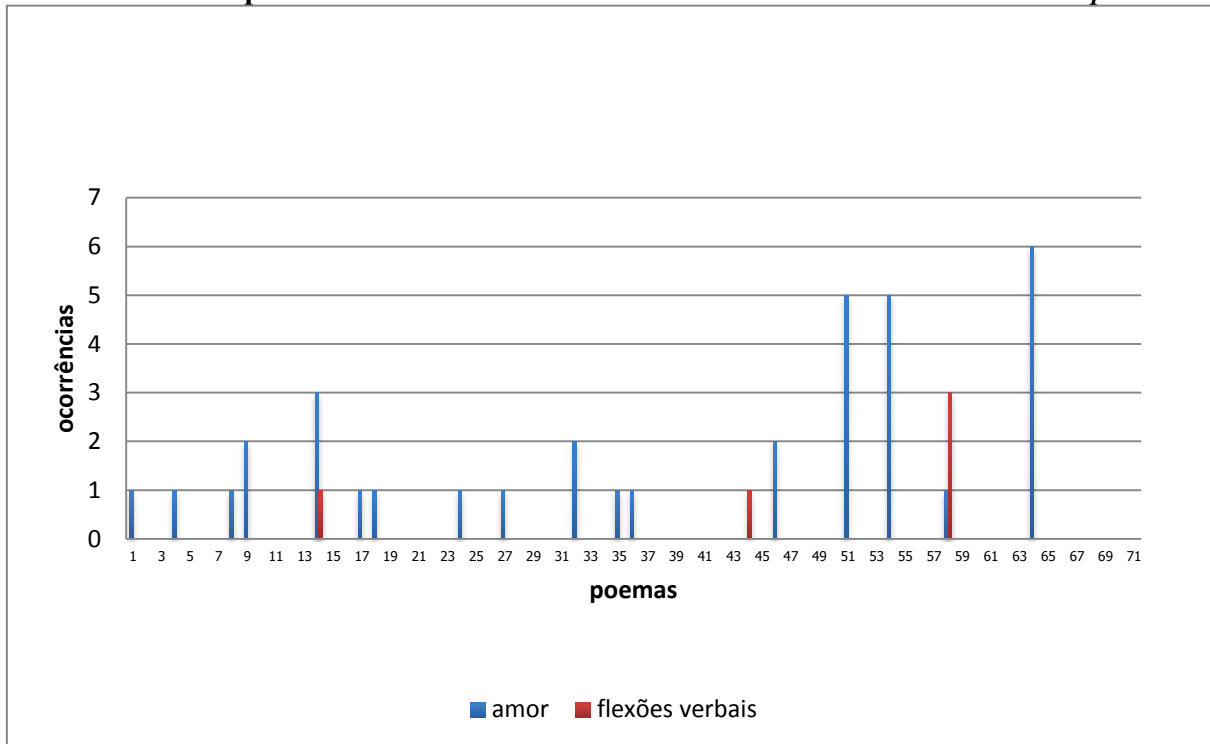
as palavras iniciadas pelo radical *am-* que relacionam-se ao lexema *amor*. Se não foram mencionadas antes foi pela obviedade de não terem aparecido nos *corpora* anteriores a este.

Tabela 8 - Relação do substantivo *amor* e de suas flexões verbais em *Poemas dispersos*.

Formas	Frequência
amor	29
amores	5
ama	2
amada	1
amadas	1
amamos	1
amar	1
amo	1

Fonte: autora (2014)

Novamente, o lexema *amor* mostra-se como segunda palavra mais utilizada, sendo posterior somente ao lexema *alma*, que aparece 35 vezes. Observemos que o *corpus* integrante de *Poemas dispersos* (2.645 lexemas) assemelha-se a *Outras poesias* (2.444 lexemas) no que diz respeito à quantidade de lexemas. No entanto, contrária à semelhança em relação ao tamanho do *corpus*, a temática do amor contrapõe-se significativamente nessas duas obras. Em *Poemas dispersos*, *corpus* que abarca setenta e um poemas, o lexema *amor* e suas flexões verbais apareceram 29 vezes, especificamente em dezoito poemas, como demonstrado no gráfico:

Gráfico 4 – Comportamento do lexema *amor* e de suas flexões verbais em *Poemas dispersos*:

Fonte: autora (2014)

Em *Poemas dispersos*, o lexema *amor* aparece em onze poemas de forma positiva e em sete com visão negativa. Observamos que é nesse *corpus* que o poeta canta o amor de forma pura e benevolente, visto a maior ocorrência de uma visão enaltecida desse sentimento. A ocorrência de poemas que magnificam a mulher amada e, de forma geral, o amor como sentimento sublime é até mais presente que em *Poemas esquecidos*.

Quadro 4 - Legenda do gráfico referente a *Poemas dispersos*:

Marcação	Poema	Classificação morfológica	Contextualização	Visões de amor
01	“Abandonada”	substantivo <i>amores</i>	“bem depressa sumiu-se a vaporosa/ nuvem de <i>amores</i> , de ilusões tão bela;/ o brilho se apagou daquela estrela/ que a vida lhe tornava venturosa!”	negativa
04	“O coveiro”	substantivo <i>amor</i>	“da morte, quem matou-te o coração?/ ele apontou para uma cruz no chão,/ ali jazia o seu <i>amor</i> primeiro!” depois, tomando a enxada, gravemente,/ balbuciou, sorrindo tristemente:/ –“ai, foi por isso que me fiz coveiro!”	positiva
08	“A louca”	substantivo <i>amor</i>	“eu sei a sua história. – em seu passado/ houve um drama d' <i>amor</i> misterioso/ – o segredo d'um peito torturado –”	negativa

09	“Primavera”	substantivo <i>amores</i>	“primavera gentil dos meus <i>amores</i> ,/ – arca cerúlea de ilusões etéreas,/ chova-te o céu cintilações sidéreas/ e a terra chova no teu seio flores! num sepulcro de rosas e de flores,/ arca sagrada de cerúleos sonhos,/ primavera gentil dos meus <i>amores</i> !”	positiva
14	“Amor e crença”	substantivo <i>amor</i> e verbo <i>ama</i>	“deus é o templo do bem. na altura imensa,/ o <i>amor</i> é a hóstia que bendiz a crença,/ <i>ama</i> , pois, crê em deus e... sê bendita!”	positiva
17	“Soneto”	substantivo <i>amor</i>	“vai corina mendiga e esfarrapada,/ a alma saudosa pelo <i>amor</i> vibrada,/ – a <i>stella matutina</i> da desgraça!”	negativa
18	“Soneto”	substantivo <i>amada</i>	“adeus, adeus, adeus! e, suspirando,/ saí deixando morta a minha <i>amada</i> ,/ vinha o luar iluminando a estrada/ e eu vinha pela estrada soluçando.”	positiva
24	“Versos d’um exilado”	substantivo <i>amor</i>	“exilado de ti, oh! pátria! ausente/ irei cantar a mágoa peregrina/ como canta o pastor a matutina/ trova d’ <i>amor</i> , à luz do sol nascente!”	positiva
27	“Anseio”	substantivo <i>amor</i>	“ah! que unidos assim, lá nos espaços,/ cantarias do <i>amor</i> a primavera,/ tendo a minh’alma presa nos teus braços!”	neutra
32	“Treva e luz”	substantivos <i>amadas</i> e <i>amor</i>	“neste pélagos escuro em que te afundas,/ longe das sombras aurorais e <i>amadas</i> ,/ sentes o peito em ânsias revoltadas,/ diluís teu peito em sensações profundas. mas, eis que emerges, luminosa, às fundas/ águas do mar das glórias obumbradas,/ e, ante o branco estendal das madrugadas,/ nua, em banho ideal de <i>amor</i> te inundas.”	neutra/ positiva
35	“Quadras”	substantivo <i>amores</i>	“embala-me em teus braços,/ de <i>amores</i> bons à sombra –/ quero em cheirosa alfombra/ pousar os sonhos lassos!”	positiva
36	“Ideal”	substantivo <i>amor</i>	“quero-te assim, formosa entre as formosas,/ no olhar d’ <i>amor</i> a mística fulgência/ e o misticismo cândido das rosas,/ plena de graça, santa de inocência!”	positiva
44	“Soneto”	verbo <i>amamos</i>	“foi numa tarde assim que nos <i>amamos</i> ,/ silfos morriam... no ar, os gaturamos/ num recesso de névoa, adormecida...”	positiva
46	“Vênus morta”	substantivos <i>amor</i>	“a via-sacra azul do <i>amor</i> primeiro/ veste hoje o luto que a desgraça veste/ no miserere do meu desespero.../ – lótus diluído n’alma dum cipreste! [...] reza-lhe todo o cantochão memento/ dessa missa de <i>amor</i> da extrema agrura,/ abençoada pelo meu tormento/ e consagrada pela sepultura.”	negativa
51	“Ode ao amor”	substantivo <i>amor</i>	“és soberano! sangras e torturas!/ ora, tangendo tiorbas em volatas,/ cantas a vida que sangrando matas,/ ora, clavadas	negativa/ positiva

			brandindo em seiva e insana/ fúria, lembrás, <i>amor</i> , a soberana/ imagem pétrea das montanhas duras.” [...] qual um crente em asiático pagode,/ entre timbales e anafis estrídulos,/ cativo, beija os áureos pés dos ídolos,/ assim, irene, eis- me de ti cativo!/ cativaste-me, irene, e eis o motivo,/ eis o motivo porque fiz esta ode.”	
54	“Canto de agonia”	verbo <i>amar</i>	“agonia de <i>amar</i> , agonia bendita!/ – misto de infinita mágoa e de crença infinita./ nos desertos da vida uma estrela fulgura”	negativa
58	“Soneto”	substantivo <i>amor</i> e verbos <i>ama</i> e <i>amo</i>	“o sonho, a crença e o <i>amor</i> , sendo a risonha/ santíssima trindade da ventura,/ pode ser venturosa a criatura/ que não crê, que não <i>ama</i> e que não sonha?! [...] pois se eu não <i>amo</i> e se também não creio,/ de onde me vem este contentamento,/ de onde me vem esta felicidade?!”	positiva/ negativa
64	“Estrofes sentidas”	substantivo <i>amor</i>	“eu sei que o <i>amor</i> enche o universo todo/ e se prende dos poetas à guitarra/ como o pólipo que se agarra ao lodo/ e a ostra que às rochas eternas se agarra...”	negativa

Fonte: autora (2014)

Frisamos que ao denominarmos determinada visão de amor de forma positiva ou negativa, levamos em conta seu contexto no poema e não apenas em versos isolados. Pode acontecer desse posicionamento não ficar tão claro ao visualizarmos esse quadro utilizando estrofes como exemplos, por não darem conta de retratar a organicidade do poema em sua totalidade, mas, infelizmente, essa foi a única forma encontrada para ilustrarmos essas visões.

Como amostra da visão negativa de amor, observemos alguns poemas classificados como pertencentes a essa categoria. O primeiro poema, “Abandonada”, destinado ao irmão Odilon dos Anjos, apresenta uma visão negativa do amor ao aludir ao sofrimento de alguém que fora magoado e que agora toma consciência das ilusões que o sentimento provoca. E depois da decepção, resta-lhe somente “*um’alma tristurosa!*”.

No poema “A louca” e em “Canto de agonia”, o amor é apresentado como causador de sofrimento. No primeiro aparece como atormentador, ocasionando o desvario de uma moça que “*hoje, para guardar a mágoa oculta/ Canta, soluça, – o coração saudoso,/ Chora, gargalha, a desgraçada estulta*”. Já em “Canto de agonia”, temos a apreciação masoquista em relação ao ato de amar, onde o eu lírico lamenta e compara a ilusão sofrida “*numa prece de amor, numa delícia infinda*” ao ato de amar uma “*agonia bendita*”.

Em “Vênus morta”, esse amor aparece como sentimento repulsivo, associado ainda a termos antipoéticos, ao remeter à imagem de um velório: *“Reza-lhe todo o cantochão memento/ Dessa Missa de amor da Extrema Agrura,/ Abençoada pelo meu tormento/ E consagrada pela sepultura”*. “Missa” simboliza uma celebração sagrada da igreja católica, no entanto, o poeta a associa ao “amor da Extrema Agrura”, ou ainda, a um extremo padecimento espiritual que se destina a cantar sua morte.

Contrária às visões negativas, “Primavera” é um poema otimista por tratar da frutificação que a estação oferece aos homens. Por meio da metáfora, o eu lírico compara a sensação de bem estar que a estação lhe causa aos bons sentimentos. No poema, a palavra “*amores*” é empregada em sentido positivo visto sua associação ao que é bom, ao referenciar os amores da primavera. Já no poema “Amor e crença”, a exaltação do amor à religião acontece de forma evidente, pois se trata de um poema de sublimação do divino: *“Deus é o templo do bem. Na altura imensa/ O Amor é a hóstia que bendiz a Crença/ Ama, pois, crê em Deus, e... sê bendita!”*. Nesse poema, vemos o quanto a figura divina é reverenciada pelo eu lírico, que ressalta sua crença à religião como forma de amor ao divino.

Apesar de o título por si só remeter a uma carga semântica negativa, referindo-se ao indivíduo responsável por dar fim ao corpo morto, o poema “O Coveiro” faz uma menção positiva ao amor quando cita o coveiro, personagem principal, como alguém que se dedicou integralmente a cuidar de um amor e que o fez por meio do exercício de sua profissão para permanecer próximo ao objeto de sua devoção:

“Da morte, quem matou-te o coração?”
Ele apontou para uma cruz no chão,
Ali jazia o seu amor primeiro!

Depois, tomando a enxada, gravemente,
Balbuciou, sorrindo tristemente:
- “ai, foi por isso que me fiz coveiro!”
(ANJOS, 2004, p. 383)

O soneto 18 é um poema de exaltação à mulher amada, de modo que o eu poético sente a perda pela mulher que tanto amou: *“Adeus, adeus, adeus! E suspirando,/ Saí deixando morta a minha amada,/ Vinha o luar iluminando a estrada/ E eu vinha pela estrada soluçando”*. Apesar do sofrimento que o amor lhe ocasionara, no fim do soneto ele reafirma a lamentação pela falta do objeto de seu amor: *“Mas no mistério astral da noute bela/ Pareceu-me inda ouvir o nome dela/ No marulhar monótono das águas!”*.

Seguem outros poemas aos quais atribuímos uma visão positiva de amor por diversos motivos, mas especialmente fundamentados pela associação do amor a um sentimento bom. Citamos alguns:

O primeiro é “Versos d’um exilado”, poema que remete ao amor à terra de origem, tendo por temática o saudosismo de ter sido afastado de sua terra natal.

“Treva e luz”, poema iniciado com o uso de elementos que induzem a escuridão, aludindo a martírios profundos. No entanto, a partir da segunda estrofe o poeta irá utilizar elementos que remetam ao que há de elevado ao espírito. Em um jogo metafórico, as águas do mar podem ser relacionadas ao curso da vida: “Mas, eis que emerges, luminosa, às fundas/ Águas do mar das glórias obumbradas,/ E, ante o branco estendal das madrugada, / Nua, em banho ideal de amor te inundas.”

O poema “Ideal”, por sua vez, reflete à magnificência com que o poeta se dirige à musa de sua admiração. A adoração a essa mulher é cantada em versos mais leves de endeusamento ao objeto de seu amor, que para ele é tão divino quanto um “anjo de luz”:

Quero-te assim, formosa entre as formosas,
No olhar d’amor a mística fulgência
E o misticismo cândido das rosas,
Plena de graça, santa de inocência!

Anjo de luz de astral aurifulgência,
Etéreo como as Wilis vaporosas,
Embaladas no albor da adolescência,
- Virgens filhas das virgens nebulosas!

Quero-te assim, formosa, entre esplendores,
Colmado o seio de virentes flores,
A alma diluída em eterais cismares...

Quero-te assim - e que bendita sejas
Como as aras sagradas das igrejas,
Como o Cristo sagrado dos altares.
(ANJOS, 2004, p. 426)

Nesse poema, a mulher a que o eu poético se refere é santificada. E ao referenciá-la, são atribuídos vários elementos de cunho simbolista, como os termos “*mística fulgência*”, “*misticismo*”, “*santa de inocência*”, “*vaporosas*”, “*virgens nebulosas*”, para em seguida ser exaltada a elementos puros e sagrados “*como as aras sagradas das igrejas, como o Cristo sagrado dos altares*”.

Percebemos que a abordagem temática desse *corpus* equipara-se a *Poemas esquecidos*, tanto a magnificar os objetos de seu amor quanto a utilizar termos mais poéticos ao referir-se a eles. Os poemas que constituem esse *corpus* são datados de 1900 a 1906, com exceção de

dois: “A lágrima”, publicada no periódico *A União*, em 1909, e “Lago encantado”, publicado por *outrem* no periódico *A era nova*, em 1925. As datas das publicações dos poemas que formam esses dois *corpora* mencionados anteriormente nos levam a crer que os poemas escritos no início da produção poética augustiana, os de carga simbolista, e, conseqüentemente mais sublimes, foram deixados de lado pelo poeta, ao selecionar os poemas que comporiam *Eu*, sua obra orgânica e *Outras poesias*, livro compilado à segunda edição de *Eu* em 1920 por seu amigo, Órris Soares.

Por sua vez, “Ode ao amor” versa sobre duas visões de amor. Ora referindo-se a ele como causador de sofrimentos, detentor de poder sobre os homens:

Beijam-te o passo as multidões escravas
 Dos Desgraçados! - Estas multidões
 Sonham pátrias doiradas de ilusões
 Entre os tórculos negros da Desgraça
 - Flores que tombam quando a neve passa
 No turbilhão das avalanches bravas!

Bem haja, pois, esse poder terrível,
 - Essa dominação aterradora
 - Enorme força regeneradora
 Que faz dos homens um leão que dorme
 E do amor faz uma potência enorme
 Que vela sobre os homens, impassível!
 (ANJOS, 2004, p. 452)

E por fim, reconhecendo ter se rendido a esse sentimento, ao destriná-lo a seu objeto de amor, como mostra nessa mesma ode destinada à Irene:

Qual um crente em asiático pagode,
 Entre timbales e anafis estrídulos,
 Cativo, beija os áureos pés dos ídolos,
 Assim, Irene, eis-me de ti cativo!
 Cativaste-me, Irene, e eis o motivo,
 Eis o motivo porque fiz esta ode.
 (ANJOS, 2004, p. 453)

Em *Poemas dispersos*, chamamos atenção a dois poemas que não foram acrescentados ao nosso quadro, mas que não poderiam passar despercebidos por apresentar a visão de dois tipos femininos que o poeta já citou anteriormente, presentes nos poemas: “Pecadora” e “Ariana”. Nesses poemas, a figura feminina é retratada por dois vieses diferentes. Enquanto o primeiro refere-se a uma mulher libertina que desperta os prazeres carnavais, o segundo refere-se a uma figura elevada, comparada a uma deusa etérea, de pureza particular e louvável.

Em “Pecadora” a mulher é observada como aquela que:

Tinha no olhar cetíneo, aveludado,
A chama cruel que arrasta os corações,
Os seios rijos eram dois braços
Onde fulgia o símb'lo do Pecado.

Bela, divina, o porte emoldurado
No mármore sublime dos contornos,
Os seios brancos, palpitanes, mornos,
Dançavam-lhe no colo perfumado.

No entanto, esta mulher de grã beleza,
Moldada pela mão da Natureza,
Tornou-se a pecadora vil. Do fado

Do destino fatal, presa, morria,
Uma noite entre as vascas da agonia,
Tendo no corpo o verme do pecado!
(ANJOS, 2004, p. 384)

Em contrapartida, apesar de ainda abordada de forma erótica, a figura feminina do poema “Ariana” é mencionada de forma pura, alva, clara, como uma mulher moldada às idealizações românticas:

Ela é o tipo perfeito da ariana,
Branca, nevada, púbere, mimosa,
A carne exuberante e capítosa
Trescala a essência que de si dimana.

As néveas pomas do candor da rosa,
rendilhando-lhe o colo de sultana,
emergem da camisa cetinosa
entre as rendas sutis de filigrana.

Dorme talvez. Em flácido abandono
lembra formosa no seu casto sono
a languidez dormente da indiana.

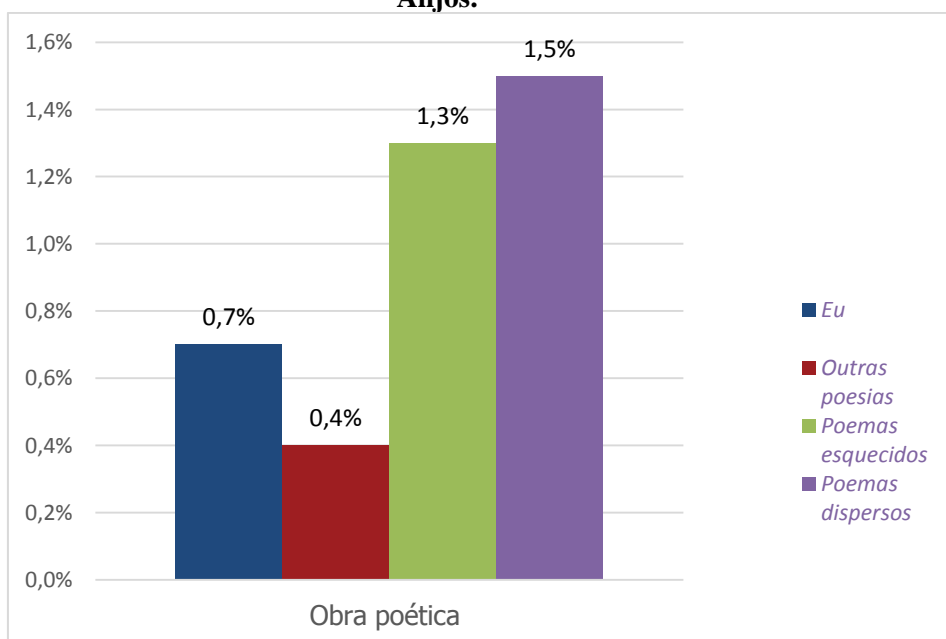
Enquanto o amante pálido, a seu lado,
medita, a fronte triste, o olhar velado,
no mistério da carne soberana.
(ANJOS, 2004, p. 394)

Utilizamos esses dois poemas para exemplificar os dois olhares que o poeta destinou à figura feminina, que aparece como objeto de sua adoração. No entanto, a imagem que sobressai é a da mulher retratada como figura etérea e elevada, descrita por meio de elementos de cunho romântico e simbolista. Dentre outros exemplos de poemas que se assemelham a esse, citamos os tipos femininos retratados em “Lirial”, “A minha estrela” e “Sedutora”.

3.3 ANÁLISE DAS VISÕES DE AMOR NO *CORPUS* POÉTICO AUGUSTIANO

Nesta seção, demonstraremos por meio de gráficos, as visões de amor encontradas em cada unidade poética discutida anteriormente, seguida de suas respectivas análises. O gráfico abaixo ilustra a frequência que o lexema *amor* e suas flexões verbais se apresentam na obra poética de Augusto dos Anjos.

Gráfico 5 – Frequência do lexema *amor* e de suas flexões verbais na obra poética de Augusto dos Anjos.



Fonte: autora (2014)

O gráfico fala por si. Qualquer leitor notaria a significativa discrepância em relação à ocorrência do lexema *amor* e suas flexões verbais entre *Poemas esquecidos* e *Poemas dispersos*, e *Eu* e *Outras poesias*. *Poemas esquecidos* e *Poemas dispersos* foram divulgados nos periódicos da época pelo próprio Augusto dos Anjos, mas não fizeram parte do rol que o poeta escolheu para compor sua produção literária, nem do *corpus* que Órris Soares selecionou para divulgar a poesia do amigo.

Antes de discutirmos algumas questões, faz-se necessário sintetizar os dados estatísticos discutidos anteriormente, obtidos por meio do *Lexico3*. Os dados apontaram que em *Eu*, único livro que Augusto dos Anjos publicou em vida, em 1912, os lexemas investigados apresentam-se com frequência percentual de 0,7%. Em *Outras poesias*, obra acrescentada à 2ª edição de *Eu* por Órris Soares, em 1920, essa porcentagem diminuiu para 0,4%. E por fim, em *Poemas esquecidos* e *Poemas dispersos*, que só foram acrescentados à

29ª edição de *Eu e Outras poesias*, por Francisco de Assis Barbosa e Antônio Houaiss, sendo lançados pela livraria São José em 1962, com acréscimos de mais alguns poemas em 1965, a porcentagem aumenta para 1,3% e 1,5% respectivamente.

Diante dos dados apresentados, questionamos a maior frequência do lexema *amor* e suas flexões verbais em *Poemas esquecidos* e *Poemas dispersos*. Além da maior ocorrência dos lexemas investigados, percebemos peculiaridades não encontradas em *Eu e Outras poesias*, tais como, a visão enaltecida da figura feminina e a utilização de uma linguagem mais leve, atenuada pelo uso de elementos simbolistas.

Apesar de mencionar amor em alguns poemas do livro *Eu*, consideramos que Augusto dos Anjos não tenha pretendido incluir a temática do amor em sua poética, o que implica em sua aversão em relação a esse sentimento. Há outros fatores que sobressaíram na estruturação desse livro. Dentre eles, o marcante estilo do poeta, permeado de elementos de cunho naturalista científicista. Em *Outras poesias* esse estilo vai se confirmar ainda mais, visto que se trata de uma obra que ratifica a visão pessimista da poesia augustiana, principalmente quando observamos a grande presença de termos antipoéticos e científicistas, representantes das características tão bem difundidas pela crítica literária em relação à poesia de Augusto dos Anjos.

Visto essa observação, atentemos ao fato de que seu grande amigo, Órris Soares, colaborou para manter o mesmo estilo e abordagem temática que Augusto dos Anjos havia iniciado em *Eu*. A leitura das obras em consonância ao levantamento e análise dos dados nos leva a conhecer de perto o projeto que Augusto dos Anjos direcionou à sua poesia. Retomemos ao que o próprio Órris Soares defende sobre a composição e proposta do livro *Eu*:

O *Eu* é Augusto, sua carne, seu sangue, seu sopro de vida. É ele integralmente, no desnudo gritante de sua sinceridade, no clamor de suas vibrações nervosas, na apoteose de seu sentir, nos alentos e desalentos de seu espírito. Analisem-lhe as poesias, e em todas, como numa lâmina de aço polido, encontrarão espelhada a imagem do trágico poeta. [...] “O *Eu* é um livro de sofrimento, de verdade e de protesto: sofre as dores que dilaceram o homem e aquelas do cosmos; e, em relação ao homem e ao cosmos, diz as verdades apreendidas por indagação e ciência, protestando em nome delas, pelo que no homem e no cosmos há de desconexo, de ilógico, de absurdo”. (SOARES, 2004, p. 64 - 72)

Para Soares (2004, p. 64), esse *Eu* livro é a personificação do *Eu empírico*, é Augusto dos Anjos falando por si. Esse *Eu* é o representante da imagem augustiana tão difundida e propagada pela crítica literária, e como o próprio amigo defende, é “sua carne, seu sangue, seu sopro de vida”.

Em relação à temática do amor na poesia de Augusto dos Anjos, não deixemos de relembrar da definição apresentada por Soares (2004, p. 71) após a publicação do livro *Eu e Outras poesias*. Segundo ele, “o amor, seiva e fronde da vida, não lhe tirou uma lágrima, nem no peito lhe fez bater contentamentos.” Ou seja, Órris Soares, na condição de amigo próximo e por conviver com Augusto dos Anjos, apresenta sua opinião a respeito da pouca importância que o poeta atribuiu ao sentimento amor, posicionamento fortalecido em *Outras poesias*, reunião de poemas coincidentemente organizados pelo próprio Soares.

Bem sabemos que a poesia de Augusto dos Anjos se consolida de forma pessimista, sendo, portanto, compreensível que a obra *Eu e Outras poesias* tenha papel paradigmático para a crítica literária e confirme a visão de que o poeta pretendeu a aversão ao amor como marca em sua poesia, que de fato reflete “a ausência de uma chave: – a do amor” (SOARES, 2004, p. 71). Em contraponto, a análise dos dados lexicométricos permitiu considerarmos uma visão diferenciada de amor em *Poemas esquecidos e Poemas dispersos*.

Dessa forma, é inegável que o resultado encontrado nessa pesquisa tenha nos feito acreditar que Augusto dos Anjos, como todo autor, refletiu um projeto de escrita em sua obra e que o amigo tenha consolidado esse projeto no momento em que selecionou os poemas que foram acrescentados a *Eu*. Que os menos intencionalistas nos desculpem, mas não poderíamos pensar em uma obra como simples emaranhado de poemas avulsos, mas como um projeto de poemas selecionados e organizados de forma sistemática. E por que não concluir que o poeta foi tendenciado a compor um estilo, ao deixar de lado os poemas que não se alinharam à formação da organicidade de sua obra?

Sabemos o quanto a intencionalidade é discutida, mas dada à impossibilidade de alguma certeza, a questão da intenção recai, por vez ou outra, quando propomos a interpretação literária de um texto. Neste estudo, o fato que nos chamou atenção diz respeito especialmente à visão consolidada até a 28ª edição do livro *Eu e Outras poesias*, em 1961, visto que até aí houve uma minimização da abordagem temática do amor, em contraposição à temática de *Poemas esquecidos e Poemas dispersos*, que por sua vez, apresentam uma face mais otimista do amor na poesia de Augusto dos Anjos.

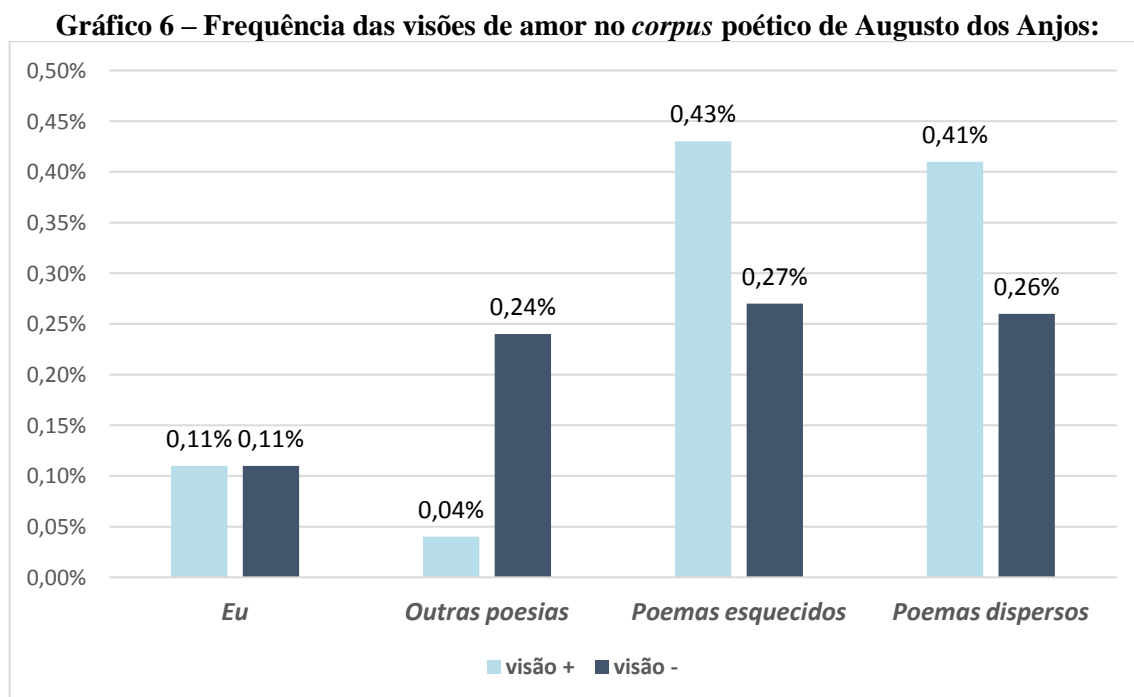
Ao falar da intenção presente em uma obra, Antoine Compagnon (2012, p.64) afirma que ela seja “o pressuposto inevitável de toda interpretação”. Deixemos que o próprio autor aponte a relação de sentido e intenção que podem ser compreendidos em uma obra:

a concepção de sentido de uma obra humana compreende a noção de atividade intencional, isto é, a ideia de que as palavras em questão querem dizer alguma coisa. Numa obra interpretam-se repetições e diferenças: toda interpretação repousa no

reconhecimento de repetições e diferenças (diferenças sobre um fundo de repetições), como ilustra o método de passagens paralelas²⁷. (COMPAGNON, 2012, p. 92)

Temos ciência de que esse assunto exige maior aprofundamento, ou ainda, um estudo mais voltado à acuidade biográfica, o que não cabe, portanto, a principal proposta desse trabalho, nos restando apenas deixar essa questão para que os geneticistas literários respondam de forma apurada. No entanto, por meio da análise dos dados estatísticos, não poderíamos deixar essa percepção em relação à intenção do autor passar despercebida.

Vale frisar que para a demonstração dessas visões, levamos em conta a visão de amor apresentada em cada poema, independente da quantidade de vezes que os lexemas pesquisados apareceram neles. Visto isso, cada poema indica uma ou até duas visões de amor, como aconteceu algumas vezes. Segue um gráfico com a frequência das visões de amor de cada *corpus* poético da obra augustiana para ilustrar os dados que encontramos:



Os dados apontaram que em *Eu* os poemas que refletiam tanto as visões positivas quanto as negativas igualam-se quantitativamente, apresentando um valor de 0,11% em relação à extensão total do *corpus*. Apesar de igualarem-se, temos um percentual de visões de amor relativamente baixo, constatação que pode ser relacionada à temática poética dessa obra,

²⁷ Definidas como discursos ou partes de discursos que apresentam semelhanças com o texto no que concerne às palavras, ou ao sentido e significação, ou ainda aos dois.

visto que nela encontramos poemas mais voltados ao existencial e à utilização da linguagem de cunho naturalista científicista, tão características da poética de Augusto dos Anjos.

Outras poesias, obra de abordagem poética mais voltada ao uso de termos antipoéticos e científicos, apresenta a frequência de 0,04% correspondente à visão positiva de amor e 0,24%, à negativa. Se comparado a *Eu* vemos que a visão negativa de amor se faz mais presente nesse *corpus*, enquanto que a visão positiva apresenta percentual praticamente insignificamente.

Poemas esquecidos, por sua vez, apresentada uma visão positiva de amor equivalente a 0,43% e uma visão negativa correspondente a 0,27%. Nesse *corpus*, percebemos que a visão positiva de amor praticamente duplica em relação à visão negativa desse sentimento, o que pode justificar a relação dos poemas com as estéticas romântica e simbolista, principalmente quanto ao enaltecimento das figuras femininas.

E, por fim, *Poemas dispersos*, *corpus* em que constatamos uma visão positiva de amor equivalente a 0,41% e uma visão negativa de 0,26%, reafirmando a mesma estruturação²⁸ poética iniciada em *Poemas esquecidos*, pois agregam poemas pertencentes à mesma safra temporal. Além disso, chamamos atenção ao fato de que em *Poemas esquecidos* e *Poemas dispersos*, o lexema *amor* aparece como 2º vocábulo não funcional mais utilizado, sendo posterior somente ao lexema *alma*, que mostra-se nesse *corpus*, como um termo muito utilizado pelo poeta.

3.4 PANORAMA DAS VISÕES DE AMOR NA PRODUÇÃO POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Nesta seção, pretendemos esboçar um panorama sobre o comportamento das visões de amor ao longo da produção poética de Augusto de Anjos, tendo como parâmetro o ano de publicação dos poemas disponibilizados em “Augusto dos Anjos: poesia e prosa”, livro organizado por Zenir Campos Reis (1977).

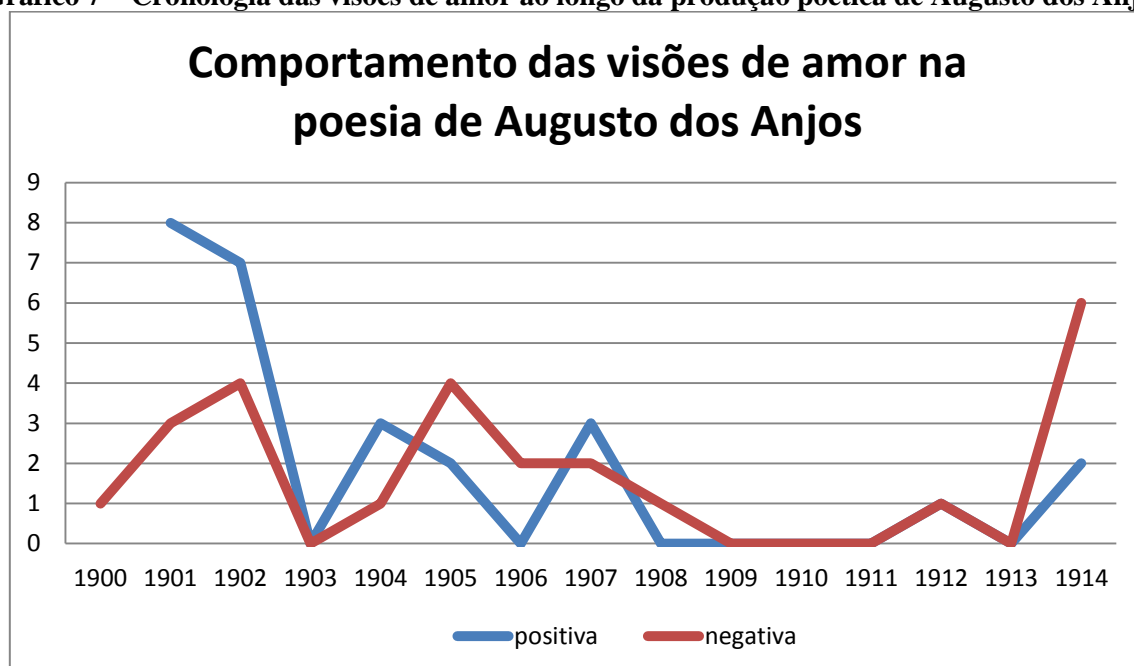
Reis (1977) recorreu aos periódicos da época para documentar a produção intelectual de Augusto dos Anjos, desde 1900 até o ano da morte do poeta, em 1914, e por esse motivo continua sendo grande referencial para a compreensão da consolidação poética augustiana. No entanto, não encontrou a data de publicação dos poemas que compuseram *Outras poesias*,

²⁸ Citamos estruturação no sentido de tessitura da obra ao pensarmos que ambas, tanto *Poemas esquecidos* quanto *Poemas dispersos*, compartilham de uma mesma ideologia, pertencendo ao todo orgânico que Augusto dos Anjos não agregou à sua obra, pois fogem das exigências da escola augustiana.

com exceção de um, o poema “A nau”, publicado em 1913. Dada a dificuldade encontrada pelo pesquisador, os poemas dessa obra foram datados em 1914, ano de morte do poeta Augusto dos Anjos.

Obedecendo à ordem de publicação dos poemas disponibilizada nesse livro, selecionamos os poemas que apresentavam a visão positiva e negativa de amor. Justificamos a utilização da frequência absoluta por ter sido a forma encontrada para ilustrar essas visões, pois neste caso não há necessidade de comparação percentual a um *corpus* específico. Segue a demonstração do percurso das visões de amor na produção poética augustiana:

Gráfico 7 – Cronologia das visões de amor ao longo da produção poética de Augusto dos Anjos.



Fonte: autora (2014)

Vemos que durante a produção poética de Augusto dos Anjos, as visões de amor alternam-se muito, principalmente em relação ao início e fim de publicação de suas poesias. De 1900 a 1907, percebemos uma oscilação de visões negativas e positivas de amor, e a partir de 1909 até 1913 a referência de poemas que tratam de amor praticamente inexistem, só reaparecendo em 1914, período destinado a *Outras poesias*, de forma negativa.

Mas é em 1901 e 1902, início de sua produção poética, que Augusto dos Anjos publicou poemas mais voltados ao amor enaltecido. Na época de publicação dos primeiros poemas em 1900, Augusto dos Anjos tinha apenas 16 anos. E em 1901 e 1902, período em que o poeta abordou mais visões positivas de amor tinha apenas 17 e 18 anos, respectivamente, período em que seu estilo poético ainda estava em formação. É coerente

pensarmos que o poeta pretendeu desvencilhar-se desses poemas do início de sua produção, pois não desejava incluí-los a produção que organizou em vida, pelo motivo destes não se alinharem a seu projeto poético.

No período de 1904 a 1907, essas visões de amor correlacionam-se, havendo um equilíbrio entre elas até o poeta retomar uma maior abordagem da visão negativa de amor, retratada com a publicação dos poemas que formariam *Outras poesias*. Pensemos em uma maturação poética ao imaginar que nesse período a visão de mundo e de arte do poeta já se encontra consolidada, visto que ele já é afeito às doutrinas circundantes no início do século XX. Ele passa do estágio em formação para o auge de sua maturação poética, finalizando esse percurso com a abordagem do ceticismo amoroso, posicionamento contrário ao que iniciou seus versos.

A cronologia dessas visões de amor nos faz compreender, de modo geral, como a temática do amor consolidou-se na obra poética de Augusto dos Anjos. Deixemos claro que esse gráfico não dá conta de toda a parte semântica do *corpus*, a de entender as visões de amor usadas de forma implícita, presentes em alguns dos poemas que destacamos na seção sobre levantamento e análise de dados. No entanto, por intermédio da leitura da obra em consonância com a interpretação dos dados fornecidos pelo *Lexico3*, acreditamos ter demonstrado a disparidade encontrada entre o *corpus* que forma a obra poética de Augusto dos Anjos, e assim, lançado uma amostra indicativa do processo construtivo dessas visões de amor ao longo da produção poética augustiana.

Abaixo, listamos uma tabela apresentando os poemas, a obra e o período do qual fazem parte:

Quadro 5 – Legenda do gráfico cronológico das visões de amor na obra poética augustiana (1900-1908).

Poema	Ano	Visão do amor	Obra
“Abandonada”	1900	negativa	PD
“Noivado”	1901	positiva	PE
“Amor e religião”	1901	positiva	PE
“Soneto” em homenagem ao irmão Alexandre Júnior	1901	positiva	PE
“O coveiro”	1901	positiva	PD
“A louca”	1901	negativa	PD
“Primavera”	1901	positiva	PD
“Amor e crença”	1901	positiva	PD
“Soneto” – “na rua em	1901	negativa	PD

funeral ei-la que passa...”			
“Soneto” – “adeus, adeus, adeus! E suspirando saí deixando morta a minha amada...”	1901	positiva	PD
“Versos d’um exilado”	1901	positiva	PD
“Soneto” – “gênio das trevas lúgubres, acolhe-me,”	1902	negativa	PE
“O mar”	1902	positiva	PE
“Soneto” – “aurora morta, foge! eu busco a virgem loura...”	1902	positiva	PE
“Afetos”	1902	positiva/ negativa	PE
“Martírio supremo”	1902	negativa	PE
“Treva e luz”	1902	positiva	PD
“Quadras”	1902	positiva	PD
“Ideal”	1902	positiva	PD
“Soneto” - “vamos, querida! já é ave-maria...”	1902	positiva	PD
“Vênus morta”	1902	negativa	PD
“Vandalismo”	1904	positiva	EU
“A ilha de Cipango”	1904	positiva	EU
“Ode ao amor”	1904	negativa/ positiva	PD
“Soneto” em homenagem ao aniversário do irmão Rodrigues dos Anjos	1905	positiva	PE
“Cantos íntimos”	1905	negativa	PE
“Canto de agonia”	1905	negativo	PD
“Soneto” – “o sonho, a crença e o amor...”	1905	positiva/ negativa	PD
“Estrofes sentidas”	1905	negativa	PD
“Idealismo”	1906	negativa	EU
“Queixas noturnas”	1906	negativa	EU
“Vozes da morte”	1907	positiva	EU
“Gemidos de arte”	1907	positiva/ negativa	EU
“Versos de amor”	1907	negativa/ positiva	EU
“Último credo”	1908	negativa	EU

Fonte: autora (2014)

No quadro acima temos uma amostra do que foi publicado entre 1900 e 1908. Vemos que os poemas publicados entre 1900 a 1905 pertencem basicamente a *Poemas esquecidos* e *Poemas dispersos, corpus* em a visão positiva de amor sobressai.

Gullar (1978) classificou essa fase (1901-1905) como um período marcado pela ausência de meios de expressão próprios. Segundo ele, neste momento Augusto dos Anjos mesclou características simbolistas, além de influências românticas e parnasianas, pois ainda não tinha consolidado um estilo próprio. De fato, essa visão de Gullar (1978) faz-se pertinente e pode ser aplicada a esses poemas que tratam de amor, os quais fizeram jus ao título recebido, pois se encontravam “perdidos” e “dispersos”, ao menos até 1961. Como citamos anteriormente, esses poemas apresentaram grande referência à mulher idealizada, que era mencionada de forma elevada.

Ao retomar os estudos de Gullar (1978), temos que a poesia de Augusto dos Anjos divide-se em três fases, de acordo com sua época de produção. A primeira, mencionada anteriormente, é caracterizada pela influência das estéticas simbolistas, românticas e parnasianas, afirmação que ratifica a visão mais atenuada do sentimento amor em sua poesia. Para ele, a segunda fase (1906-1910) pode ser compreendida por abarcar os poemas mais significantes da obra poética augustiana. Observamos que de 1906 até 1908 o poeta aborda amor com menor frequência, e em seguida, em 1910, essa referência ao amor é praticamente inexistente. Ou seja, o poeta não aliou a temática do amor no momento de maior “significância” de sua poética.

Segundo Gullar (1978), a terceira fase (1910-1914), por sua vez, é permeada por questões filosóficas. Essa fase ocorreu no período de mudança do poeta para o Rio de Janeiro, refletindo poemas menos opressores e ao mesmo tempo marcados por lembranças de sua terra natal. Para Gullar (1978), Augusto dos Anjos afasta-se dos convencionalismos de sua época ao mesclar termos da linguagem prosaica à cientificista, e relacionar a linguagem cotidiana a sua poesia. No quadro abaixo, reafirmamos essa visão de Gullar em relação ao uso de termos antipoéticos e cientificistas no que concerne aos poemas datados preponderantemente em 1914:

Quadro 6 – Legenda do gráfico cronológico das visões de amor na obra poética augustiana (1912-1914).

Poema	Ano	Visão do amor	Obra
“As cismas do destino”	1912	negativa	EU
“A fome e o amor”	1914	negativa	OP

“Noli me tangere”	1914	negativa	OP
“Anseio”	1914	positiva	OP
“Revelação”	1914	negativa	OP
“As montanhas”	1914	negativa	OP
“Viagem a um vencido”	1914	negativa	OP
“A obsessão do sangue”	1914	negativa	OP
“A fome e o amor”	1914	negativa	OP
“A caridade”	1914	positiva	PE

Fonte: autora (2014)

Ora, o momento de publicação desses poemas foi de suma importância na produção de Augusto dos Anjos. Neste caso, independente da data atribuída por Reis, dada à impossibilidade de certeza, a tessitura da obra nos faz crer que esses poemas foram escritos na fase de consolidação da maturação poética de Augusto dos Anjos, após 1910. Como vimos, *Outras poesias* foi um *corpus* selecionado por Órris Soares de modo a refletir a visão de mundo predominante no início do século XX, período em que o realismo, naturalismo e cientificismo faziam-se muito presente, e que, por esse motivo, se dissociava da fase de escrita inicial do poeta, que dispunha de referências estéticas de cunho mais romântico e simbolista. Essa observação se faz pertinente ao pensarmos na formação de uma obra como produto de seu meio, como reflexo da visão de mundo e de arte percebida na época de sua produção.

O gráfico e a tabela acima só confirmam o que já suspeitávamos. Em suma, entendemos que com a publicação de *Outras poesias*, Órris Soares fortaleceu a visão negativa que Augusto dos Anjos manifestou em relação ao sentimento amor, visto que os poemas que formam esse *corpus* se sobressaem sobre os demais no que tange a abordagem de uma visão aversiva do amor. Se alguns desses poemas foram publicados antes da data atribuída por Zenir Campos Reis, cabe aos geneticistas literários responderem. No entanto, a construção e temática poética nos leva a crer que eles foram realmente construídos nos últimos anos de produção poética do autor, período em que seu estilo poético encontrava-se consolidado.

Acreditamos que até aqui tenhamos respondido ao que propomos neste trabalho, entendendo que dificilmente um objeto de estudo encontra-se em sua forma acabada, especialmente no que diz respeito aos estudos literários, que assim como uma obra, é suscetível a tantas outras interpretações. Com a apresentação desse elementar panorama sobre

a percepção das visões de amor encontradas na poesia augustiana, esperamos ao menos ter suscitado questões a serem respondidas em outros estudos sobre a poesia de Augusto dos Anjos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Auxiliados por *softwares*, os estudos estatísticos aplicados a textos literários reafirmam-se cada vez mais no meio acadêmico, dada as diversas possibilidades de trabalho que eles possibilitam. Neste trabalho, contamos com o suporte do *Lexico3*, programa de estatística textual que possibilitou a obtenção de dados lexicométricos necessários à análise do *corpus* que propomos investigar. Contudo, reconhecemos que as ferramentas disponibilizadas por ele podem ser melhoradas, visto que programas mais avançados como o *Alceste* e o *Hyperbase* já permitem que o pesquisador visualize, por meio de mapas gráficos, a ocorrência de palavras por campo semântico. Mas, esses programas ainda não são tão acessíveis pelo custo elevado.

Nesse estudo, de caráter quantitativo e qualitativo, propomos alçar um panorama das visões de amor existentes no *corpus* poético augustiano. Para isso, nos baseamos na investigação de dados lexicométricos, em que o *amor* e flexões verbais foram analisados em seu aspecto estatístico e semântico.

Acrescentemos que além da possibilidade de descoberta de algum traço estilístico, exequível por meio da estatística literária, esse trabalho foi motivado pelo desejo de resposta a um questionamento iniciado em 2009, no ano de iniciação científica da autora, que se voltou basicamente à descoberta das funções e utilização do programa *Lexico3* e à quantificação do lexema *amor* na obra de Augusto dos Anjos em comparação a poetas contemporâneos a ele. Passado algum tempo, reavivamos o trabalho por meio desta dissertação, que seguiu com o questionamento sobre as possíveis visões de amor que a poesia de Augusto dos Anjos poderia tratar e a análise da quantificação encontrada em outrora.

Pensamos que o estudo investigativo da temática do amor por meio do *software* de estatística textual poderia causar surpresa aos mais resistentes quanto ao uso de novas tecnologias em trabalhos literários, ainda mais por se tratar da averiguação do sentimento amor na poesia de Augusto dos Anjos. Como resposta aos céticos em relação aos estudos estatísticos em meio literário, respondemos que os *softwares* textuais atuam de forma auxiliar, pois facilitam o trabalho do pesquisador quanto à obtenção de dados, facilitando também a representação desses dados. Neste sentido, acreditamos ter feito nossa parte como pesquisadores, ao analisarmos os dados estatísticos e nos apoiarmos na leitura e interpretação da obra poética como um todo, destinando a acuidade que ela requer.

Visto tratar-se de uma temática abrangente e discutida em vários aspectos, tivemos que delimitar duas visões de amor para a realização desse trabalho: a visão positiva, quando mencionada de forma enaltecida, e a visão negativa, quando referenciada de modo aversivo.

Observamos a pouca recorrência da temática do amor em *Eu e Outras poesias*, fato que sustenta a evidente visão pessimista e cientificista que essas duas unidades da obra poética augustiana refletem. A análise estatística realizada ratifica o posicionamento da crítica sobre a poesia do autor, já que nesse *corpus* apareceram mais palavras voltadas ao eu de angústia e amargura que Augusto dos Anjos apresenta tão bem em *Eu* e em *Outras Poesias*.

Contrária a essa visão, encontramos em *Poemas esquecidos* e *Poemas dispersos* uma maior ocorrência da temática do amor, além de uma visão enaltecida desse sentimento, o que nos fez questionar a intenção do poeta ao publicar o livro *Eu*, e a de seu amigo Órris Soares, ao selecionar poemas que comporiam *Outras poesias*. E ainda mais, por deixarem de lado a parte que mais tarde constituiria *Poemas esquecidos* e *dispersos*.

Entendemos que o livro *Eu* forma um todo orgânico que obedece a formas que o próprio poeta impôs à sua produção poética e que *Outras poesias* também agrega essa tessitura poética iniciada em *Eu*. Temos que a visão cientificista e pessimista encontrada em *Eu e Outras poesias* demonstra que na poesia de Augusto dos Anjos não houve espaço para o amor, mas isso não significa que o poeta tenha utilizado somente dor e angústia em sua poesia, pois ao olharmos para as outras unidades de sua produção poética encontramos não só a presença desse amor, mas uma visão enaltecida desse sentimento, pouco comentada, senão ocultada pelos manuais de literatura.

Com esse trabalho, não objetivamos classificar Augusto dos Anjos como poeta do amor, até porque o próprio poeta do *Eu* deixou claro o distanciamento da temática do amor nos poemas que escolheu para fazer parte de sua produção, os que, portanto, compõem a organicidade poética de sua obra, propagada no início do século XX, em um período de consolidação de sua maturação poética. No entanto, percebemos que nem mesmo Augusto dos Anjos, reconhecido como poeta da dor, fugiu dessa temática amorosa em algum momento de sua produção literária, mas que pretendeu afastar essa visão do projeto poético consolidado em *Eu*.

Trabalhos como esse foram realizados recentemente por dois pesquisadores do NUPLID. Paiva (2013) investigou traços estilométricos na poesia de H. Dobal e Machado (2013) realizou um estudo estilométrico na poesia de Fernando Pessoa e seus heterônimos. O trabalho realizado pelo grupo de pesquisadores voltou-se ao estudo pormenorizado de traços estilísticos de poetas da literatura piauiense e portuguesa utilizando o *Lexico3* como suporte.

Lançando um olhar mais audacioso, entendemos que trabalhos como esses têm por finalidade confirmar, refutar ou acrescentar alguma informação despercebida pelos manuais de literatura, ou ainda servir como aporte a outros trabalhos, como foram para este.

Por fim, concluímos que com o auxílio do programa de estatística textual *Lexico3* e por meio da análise dos poemas foi possível demonstrar a presença da temática do amor nos versos de Augusto dos Anjos e observar, de modo geral, as diferentes visões de amor que as unidades constituintes de sua obra poética apresentam. Acreditamos que, até aqui, tenhamos conseguido ao menos propor uma nova leitura da poesia de Augusto dos Anjos.

REFERÊNCIAS

Sobre estilometria:

BRANDÃO, Saulo. Atribuição de autoria: um problema antigo, novas ferramentas. **Texto Digital**, Florianópolis, ano 2, n. 1, Julho 2006. Disponível em: <www.textodigital.ufsc.br>. Acesso em: março/2012. Não paginado.

BRANDÃO, Saulo; SILVA, Lívia. O autor está morto; longa vida ao autor – ensaio ou O amor tratado por Augusto dos Anjos. In: SANTOS, Alckmar; SANTA, Everton (orgs.). **Literatura, Arte e Tecnologia**. 1. ed. Tubarão: Copiart, 2013, p. 103-113.

CRESSOT, Marcel. **O estilo e as suas técnicas**. Trad: Madalena Cruz Ferreira. São Paulo: Signos, 1947.

CÚRCIO, Verônica. Estudos estatísticos de textos literários. In: **Texto Digital**, Florianópolis, ano 2, n. 2, Dezembro 2006. Disponível em: Disponível em: < www.textodigital.ufsc.br>. Acesso em: Agosto de 2009. Não paginado.

_____. **Palavras de Rosa**: análise estilométrica da obra de João Guimarães Rosa. Tese. Florianópolis: UFSC, 2013.

_____. **Sintaxe da frustração**: análises estatísticas de textos de Franz Kafka. Dissertação. Florianópolis: UFSC, 2007.

FREITAS, Deise. **A composição do estilo do contista Machado de Assis**. Tese. Florianópolis: UFSC, 2007.

GUIRAUD, Pierre. **A estilística**. Trad: Miguel Maillat. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

KENNY, Anthony. **The computation of style**: an introduction to statistics for students of literature and humanities. Oxford: Pergamon Press, 1982.

LEBART, Ludovic; SALEM, André. **Statistique textuelle**. Paris: Dunod, 1994. Disponível em: <http://www.cavi.univ-paris3.fr/ilpga/ilpga/tal/lexicoWWW/>. Acesso em Agosto/2013.

MACHADO, Samara. **Estudo lexicométrico e estilométrico dos poemas de Fernando Pessoa e seus heterônimos**. Dissertação. Teresina: UFPI, 2013.

MONTEIRO, José Lemos. **A estilística**: manual de análise e criação do estilo literário. Petrópolis: Vozes, 2005.

PAIVA, Diêgo. **Um poeta particular**: estudo estilométrico da poesia de H. Dobal. Dissertação. Teresina: UFPI, 2013.

RAMOS, Feliciano. **Breves noções de poética e de estilística**. São Paulo: Cruz Braga, 1966.

SYLED. **Lexico3**. Paris: Université de la Sorbonne Nouvelle, 2002. Programa de estatística textual.

Sobre Augusto dos Anjos

BANDEIRA, Manuel. Augusto dos Anjos. In: BUENO, Alexei (org). **Augusto dos Anjos: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p.114-116.

BARROS, Eudes. Aproximações e antinomias entre Baudelaire e Augusto dos Anjos. In: BUENO, Alexei (org). **Augusto dos Anjos: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p.174-179.

BUENO, Alexei. Augusto dos Anjos: origem de uma poética. In: **Augusto dos Anjos: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. p. 21-34.

COLETTI, Vagner. **As Flores do Mal e Eu: um olhar pelo prisma do grotesco**. Tese. Araraquara: UNESP, 2008.

DAMAZO, F. A. T. O amor na poesia de Augusto dos Anjos. Disponível em: <<http://www.portrasdasletras.com.br>>. Acesso em: Agosto de 2009.

FILHO, Antônio. **Reflexões sobre Augusto dos Anjos**. Fortaleza: UFC, 1987.

FONTES, Hermes. Crônica literária. In: BUENO, Alexei (org). **Augusto dos Anjos: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p. 49-52.

FREYRE, Gilberto. Nota sobre Augusto dos Anjos. In: BUENO, Alexei (org). **Augusto dos Anjos: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p.76-81.

GRIECO, Agripino. Um livro imortal. In: BUENO, Alexei (org). **Augusto dos Anjos: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p. 81-89.

GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In: **Toda a poesia; com um estudo crítico de Ferreira Gullar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MACHADO, Raul. Augusto dos Anjos. In: BUENO, Alexei (org). **Augusto dos Anjos: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p. 97-111.

MURICY, Andrade. Augusto dos Anjos e o Simbolismo. In: BUENO, Alexei (org). **Augusto dos Anjos: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p.127-133.

NÓBREGA, Humberto. **Augusto dos Anjos e sua época**. In: ARAGÃO, Maria; SANTOS, Neide; ANDRADE, Ana. (orgs.). 2. ed. João Pessoa: UFPB, 2012.

OITICICA, José. Augusto dos Anjos. In: BUENO, Alexei (org). **Augusto dos Anjos: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p.112-113.

PINTO, Zemaria. A invenção do expressionismo em Augusto dos Anjos. In: **Anais CONALI: Eu: Cem anos de poesia**. João Pessoa: 2012, p. 1952-1965.

REGO, José Lins do. Augusto dos Anjos e o engenho Pau D'arco. In: BUENO, Alexei (org). **Augusto dos Anjos: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p.133-141.

REIS, Zenir Campos. **Augusto dos Anjos: Poesia e Prosa**. São Paulo: Ática, 1977.

RIBEIRO, João. O poeta do Eu. In: BUENO, Alexei (org). **Augusto dos Anjos**: obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p. 73-76.

SOARES, ÓRRIS. **Eu e Outras Poesias**. In: BUENO, Alexei (org). **Augusto dos Anjos**: obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p. 60-73.

TORRES, Antônio. **O poeta da morte**. In: BUENO, Alexei (org). **Augusto dos Anjos**: obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p. 52-60.

Documentários

AUGUSTO DOS ANJOS - Eu, estranho personagem. Direção de Deraldo Goulart. Brasília: TV SENADO, 2008. Documentário (55 min.). [Consult. 15 de Fevereiro de 2013]. Disponível em: http://www.senado.gov.br/noticias/tv/videos/cod_midia_1721.flv

TRANSUBSTANCIAL. Direção de Torquato Joel. João Pessoa, 2003. Curta-metragem (17 min.). [Consult. 15 de Fevereiro de 2013]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HvzwRa8J8O8>

Fontes gerais

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 6. ed. Trad: BOSI, Alfredo; BENEDETTI, Ivone. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. v.4. São Paulo: Leya, 2011.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad: Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melin. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad: Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**: estilos de época: era realista/ era de transição. v.4. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

FRANCHETTI, Paulo. Uma poética da nostalgia. In: **Nostalgia, exílio e melancolia**: leituras de Camilo Pessanha. São Paulo: EDUSP, 2001.

GOMES, Álvaro Cardoso. **O simbolismo**. São Paulo: Ática, Princípios, 1994.

PLATÃO. O Banquete. In: **Platão**: vida e obra. Trad: José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

NICOLA, Ubaldo. **Antologia ilustrada de filosofia**: das origens à idade moderna. São Paulo: Globo, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. Metafísica do amor. In: **Metafísica do amor, metafísica da morte**. Trad: Jair Barboza. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.